

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRISCYLLA PIRASOL DE CARVALHO MARCHIONI

PRA FALÁ MAIS MEU LÍNGUA:
a marcação de gênero nos sintagmas nominais do português falado por estudantes
indígenas Wari'

Porto Velho
2023

PRISCYLLA PIRASOL DE CARVALHO MARCHIONI

PRA FALÁ MAIS MEU LÍNGUA:
a marcação de gênero nos sintagmas nominais do português falado por estudantes
indígenas Wari'

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Quesler Fagundes Camargos

Linha de Pesquisa: Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens.

Porto Velho
2023

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

M317p Marchioni, Priscylla Pirasol de Carvalho.

Pra falá mais meu língua: a marcação de gênero nos sintagmas nominais do português falado por estudantes indígenas Wari / Priscylla Pirasol de Carvalho Marchioni. - Porto Velho, 2023.

113 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Quesler Fagundes Camargos.

Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Wari!. 2. Português indígena. 3. Contato linguístico. I. Camargos, Quesler Fagundes. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 81-116(043.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

PRISCYLLA PIRASOL DE CARVALHO MARCHIONI

PRA FALÁ MAIS MEU LÍNGUA: A MARCAÇÃO DE GÊNERO NOS SINTAGMAS NOMINAIS DO PORTUGUÊS FALADO POR ESTUDANTES INDÍGENAS WARI'

Dissertação apresentada em 11 de setembro de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Quesler Fagundes Camargos, Presidente da Banca e Orientador (UNIR);

Professor Dr. Selmo Azevedo Apontes, Membro Interno ao Programa (UFAC);

Professora Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto, Membro Externa (UFRJ);

Professor Dr. Fábio Pereira Couto, Membro Interno ao Programa - Suplente (UNIR)



Documento assinado eletronicamente por QUESLER FAGUNDES CAMARGOS, Docente, em 11/09/2023, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



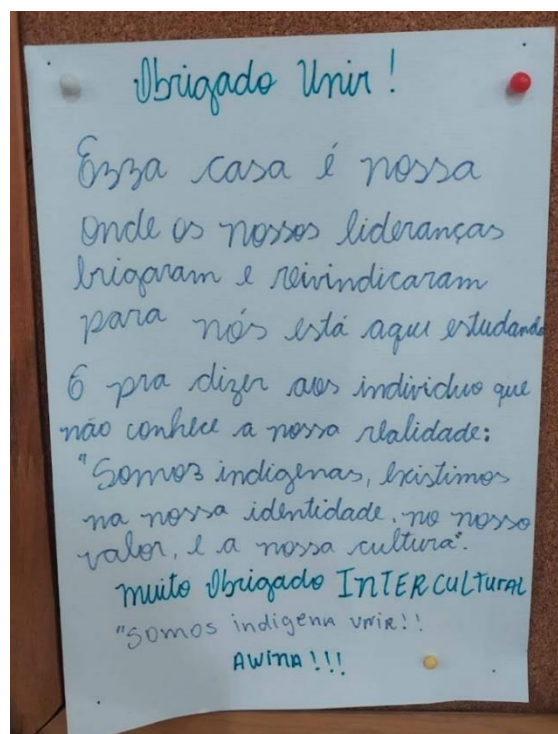
Documento assinado eletronicamente por Selmo Azevedo Apontes, Usuário Externo, em 14/09/2023, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Jaqueline dos Santos Peixoto, Usuário Externo, em 15/09/2023, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1476365 e o código CRC 2C022724.



Estudantes Wari' do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural (UNIR)

RESUMO

No âmbito dos estudos de fenômenos de contato linguístico, o presente trabalho tem como objetivo analisar a variedade do português de segunda língua utilizada por estudantes indígenas da etnia Wari' matriculados no Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. Considerando o foco no contato entre a língua portuguesa e a língua Wari', pretende-se investigar as estratégias gramaticais utilizadas para codificar a categoria de gênero dos sintagmas nominais nessa variedade do português indígena. Esta dissertação tem como principais aportes teóricos os estudos no campo do contato linguístico, a partir de Weinreich (1953), Lucchesi (2006; 2009), Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), entre outros, e os trabalhos de contato linguístico do português com línguas indígenas, a partir principalmente de Peixoto (2020), que discute o português de contato ticuna (cf. BONIFÁCIO, 2019), o português xinguano (cf. EMMERICH, 1987), o português camaiurá (cf. SILVA; SILVA, 1985) e o português huni kuin (cf. CHRISTINO, 2015). Para a coleta de dados, foram realizadas transcrições de falas dos estudantes em contextos acadêmicos, como rodas de conversa em mesas temáticas e aulas da disciplina Oralidade e Escrita, ofertada em 2022/1. Tais transcrições foram inicialmente submetidas a uma análise que tinha por objetivo identificar as estratégias de marcação de gênero por tipo de sintagma nominal envolvido. Como instrumento de análise, foram evocados ainda princípios postulados por Lucchesi (2009) para compreender a variação da concordância nominal, a saber: princípio da simplicidade, princípio da integração e, por fim, princípio da saliência. À luz desses princípios, foi possível identificar algumas estruturas mais propensas à concordância nominal de gênero e outras construções menos predispostas a realizar concordância. Uma vez identificadas essas construções linguísticas, sua comparação com algumas estruturas gramaticais da língua Wari' nos permitiu levantar a hipótese de que é possível, em alguns contextos, se falar em transferência de aspectos gramaticais da língua Wari' para o português falado por esses estudantes indígenas, como consequência do contato linguístico, principalmente no que tange aos pronomes possessivos e demonstrativos, que apresentaram comportamento análogo ao da língua étnica. Por fim, deve-se destacar que, a nosso ver, o presente trabalho, por se constituir como a primeira descrição gramatical dessa variedade do português indígena, pode trazer significativas contribuições não somente para os estudos do Contato Linguístico como também para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que atendam às especificidades dos estudantes indígenas, o que pode contribuir para a melhoria da educação escolar indígena desse povo. Além disso, a discussão sobre o papel do contato do português com as línguas indígenas brasileiras pode proporcionar uma reflexão mais ampla sobre a diversidade linguística e cultural do país.

Palavras-chave: Wari'; Português indígena; Contato linguístico; Gênero gramatical.

ABSTRACT

In the scope of linguistic contact phenomena studies, this present work aims to analyze the variety of second language portuguese used by indigenous students of the Wari' ethnicity enrolled in the Bachelor's Degree Program in Educação Básica Intercultural at the Federal University of Rondônia. Considering the focus on the contact between the portuguese language and the Wari' language, the goal is to investigate the grammatical strategies employed to encode gender categories of nominal phrases in this indigenous portuguese variety. The main theoretical underpinnings for this dissertation lie in the field of linguistic contact studies, drawing from works by Weinreich (1953), Lucchesi (2006; 2009), Lucchesi, Baxter, and Ribeiro (2009), among others, as well as linguistic contact works involving Portuguese and indigenous languages, primarily exemplified by Peixoto (2020), discussing Portuguese contact varieties such as Ticuna Portuguese (BONIFÁCIO, 2019), Xinguano Portuguese (EMMERICH, 1987) Camaiurá Portuguese (SILVA; SILVA, 1985), and Huni Kuin Portuguese (CHRISTINO, 2015). Data collection involved transcribing students' speech in academic contexts such as thematic discussions and classes of the Oral and Written Communication subject offered in the 2022/1 term. These transcriptions were initially subjected to analysis with the goal of identifying gender marking strategies based on the type of nominal phrase involved. As an analytical tool, principles postulated by Lucchesi (2009) were invoked to comprehend the variation in nominal agreement, namely the principles of simplicity, integration, and salience. With the aid of these principles, it was possible to identify certain structures more inclined towards gender agreement and other constructions less predisposed to exhibit agreement. Once these linguistic constructions were identified, their comparison with certain grammatical structures of the Wari' language allowed for the hypothesis that in certain contexts, it is feasible to discuss the transfer of grammatical aspects from the Wari' language to the portuguese spoken by these indigenous students, as a consequence of linguistic contact. This is especially relevant concerning possessive and demonstrative pronouns, which exhibited behavior analogous to that of the ethnic language. Lastly, it should be highlighted that, in our view, this work, being the inaugural grammatical description of this variety of indigenous portuguese, can provide significant contributions not only to Linguistic Contact studies but also to the development of pedagogical strategies catering to the specificities of indigenous students, potentially enhancing the quality of indigenous education. Additionally, the discussion surrounding the role of portuguese contact with Brazilian indigenous languages can lead to a broader reflection on the linguistic and cultural diversity of the country.

Keywords: Wari' language; Indigenous Portuguese; Language Contact; Grammatical gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras e Quadros

Figura 1 – Produtividade nominal do traço de número no português.....	35
Quadro 1 – Flexões nominais	34
Quadro 2 – Chave de transcrição ortográfica para o português Wari’.....	41
Quadro 3 – Codificação das estruturas do sintagma nominal.....	42
Quadro 4 – Marcadores possessivos.....	54
Quadro 5 – Núcleo marcado não flexionável.....	100
Quadro 6 – Núcleo não marcado não flexionável.....	101
Quadro 7 – Núcleos de vogal temática -e.....	102

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Concordância negativa com núcleo feminino (marcado)	77
Tabela 2 – SN concordância negativa com núcleo masculino (não marcado)	82
Tabela 3 – Não aplicação da concordância de gênero/Ocorrência (%).....	83
Tabela 4 – Estruturas simples com núcleos masculinos.....	88
Tabela 5 – Estruturas simples com núcleos femininos.....	88
Tabela 6 – Estruturas complexas com núcleos masculinos.....	90
Tabela 7 – Estruturas complexas com núcleos femininos.....	91
Tabela 8 – Princípio da Integração com núcleo feminino e elementos pré-nucleares.....	93
Tabela 9 – Princípio da Integração com núcleo feminino e elementos pós-nucleares.....	94
Tabela 10 – Princípio da Integração com núcleo masculino e elementos pré-nucleares.....	95
Tabela 11 – Princípio da Integração com núcleo masculino e elementos pós-nucleares.....	95
Tabela 12 – Princípio da Integração com núcleo masculino.....	96
Tabela 13 – Princípio da integração com núcleo feminino.....	97
Tabela 14 – Princípio da saliência com núcleo feminino em estruturas simples.....	99
Tabela 15 – Princípio da saliência com núcleo masculino em estruturas simples.....	99
Tabela 16 – Estruturas simples com nomes com vogal temática -e.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Lista de Abreviaturas

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
COL	Coletivizador
EXCL	Exclusivo
F	Feminino
GEN	Genitivo
INCL	Inclusivo
M	Masculino
N	Neutro
PERF	Perfectivo
PL	Plural
PREC	Evento precedente
REL	Relativizador
SG	Singular

Lista de Siglas

DN	Determinante + Núcleo
DNM	Determinante + Núcleo + Modificador
DPN	Determinante + Pronome possessivo + Núcleo
PN	Pronome possessivo + Núcleo
DNSX	Determinante + Núcleo + Modificador sem morfologia de gênero
NP	Núcleo + Pronome possessivo
NM	Núcleo + Modificador
DDN	Determinante + Determinante + Núcleo
DNP	Determinante + Núcleo + Pronome possessivo
MN	Modificador + Núcleo
DMN	Determinante + Modificador + Núcleo
DDNM	Determinante + Determinante + Núcleo + Modificador
MPN	Modificador + Pronome possessivo + Núcleo
MNSX	Modificador + Núcleo + Modificador sem morfologia de gênero
NSX	Núcleo + Modificador sem morfologia de gênero
DDNP	Determinante + Determinante + Núcleo + Pronome possessivo
DDMN	Determinante + Determinante + Modificador + Núcleo
DMPN	Determinante + Modificador + Pronome possessivo + Núcleo
SN	Sintagma nominal
PB	Português brasileiro
PI	Português indígena

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. QUADRO TEÓRICO	15
2.1. Parâmetros sociolinguísticos do Brasil.....	15
2.2. Contato linguístico	17
2.3. O contato do português com as línguas indígenas	22
2.4. Princípios da simplicidade, integração e saliência	27
2.5. A marcação de gênero no português brasileiro	30
3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	38
3.1. Participantes da pesquisa.....	38
3.1. Geração e análise dos dados.....	41
4. ALGUNS ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA WARI'	46
4.1. A estrutura do domínio verbal.....	47
4.2. A estrutura do domínio nominal.....	52
4.3. O gênero gramatical em Wari'	57
4.4. Características do português Wari'	62
5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	68
5.1. Concordância nominal com núcleo feminino.....	71
5.2. Concordância nominal com núcleo masculino.....	78
5.3. Resumo da seção	83
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	87
6.1. Princípio da Simplicidade	87
6.2. Princípio de Integração.....	93
6.3. Princípio de saliência	99
6.4. Resumo da seção	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	110

1. INTRODUÇÃO

Além de línguas de imigrantes, há no Brasil, conforme Rodrigues (1993), aproximadamente 180 línguas indígenas que são faladas diariamente. Esse fato refuta o mito do monolinguismo no Brasil, crença que sustenta a falácia de que, em território brasileiro, fala-se apenas a língua portuguesa. Rodrigues (1993) postula que, antes da chegada dos portugueses em solo brasileiro, cerca de 1.200 línguas nativas eram faladas. Nesses 500 anos, perderam-se então cerca de 1.000 línguas indígenas. Apesar de minoritárias e suprimidas pelo português, essas 180 línguas resistem e persistem junto de seus povos.

Além dessa diversidade linguística, pode-se falar também na diversidade de variedades do português brasileiro, que, segundo Mattos (2019), apresenta um contínuo de variedades dialetais, estabelecendo, assim a ideia de mobilidade linguística. Nesse sentido, pode-se afirmar que há, de um lado desse contínuo, um português urbano com diferentes graus de variação, em que algumas dessas variedades se aproximam das variedades da norma culta do português. Do outro lado do contínuo, há variedades do português não urbano que são mais destoantes dessa norma culta, que compreendem inclusive as variedades do português afro-brasileiro, do português indígena e do português afro-indígena.

No que tange ao português indígena, alvo do presente trabalho, Maher (1996) destaca que o mais adequado seria referir-se às variedades de cada português indígena, advindos do contato entre línguas indígenas com a língua portuguesa, pois cada uma dessas apresenta suas especificidades em relação a mecanismos linguísticos. Sendo assim, compreendemos que de fato existem variedades do português indígena, uma para cada povo (ou talvez mais de uma), já que se podem observar, entre outras coisas, processos de transferências de traços gramaticais das línguas indígenas para a língua portuguesa de falantes bilíngues que têm, por exemplo, o português como L2, quando o português foi adquirido posteriormente à língua indígena, e como L1, contexto em que a língua portuguesa e a língua indígena foram adquiridas desde o início da infância.

Diante disso, na pesquisa aqui apresentada, pretende-se investigar o português falado por estudantes indígenas matriculados no Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, ofertado pelo Departamento de Educação Intercultural, localizado no *Campus* Ji-Paraná da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Deve-se destacar que esse curso foi criado para atender às comunidades indígenas do estado de Rondônia e noroeste do Mato Grosso. Além disso, surgiu a partir de uma demanda apresentada e

reivindicada pelos próprios povos indígenas, que têm, sobretudo nas últimas décadas, se organizado e lutado por uma educação escolar indígena de qualidade, assegurando, por um lado, sua autonomia e, por outro, a formação de professores em nível superior.

Segundo o Projeto Pedagógico desse curso (2009), foi criado em 1988 o Programa de Formação de Professores Indígenas (Projeto Açaí) no âmbito da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC-RO), que teve como objetivo habilitar professores para o Magistério Indígena, atuantes da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Assim, em 2006, após reivindicações desses professores por um curso que lhes garantisse a ampliação para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, foi criado, pela Universidade Federal de Rondônia, o curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural. O curso atende, portanto, professoras e professores indígenas da região, que, por sua diversidade étnica, compreende, aproximadamente, 50 povos diferentes, que falam, além do português, outras 25 línguas distintas, resultando em um contexto sociolinguístico bastante diversificado.

Diante do exposto e inspirada nos trabalhos de Silva (2011), Christino e Silva (2012), Amado (2014), Lopes (2016), Calazans (2018), Acácio (2020), Carvalho (2020), Lucchesi e Picanço (2020), entre tantos outros, o presente trabalho de pesquisa tem por objetivo investigar e descrever, a partir de estudos da linguagem referentes ao Contato Linguístico, as estratégias gramaticais utilizadas para codificar a categoria formal de gênero dos sintagmas nominais na variedade do português falado como segunda língua por estudantes indígenas do povo Wari' matriculados na Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Rondônia. Além disso, pretende-se identificar possíveis ambientes linguísticos motivadores para a variação da concordância nominal de gênero, bem como identificar se há a presença de aspectos gramaticais da língua étnica no português indígena, sobretudo porque os dados dessa variedade do português indígena são de falantes cuja primeira língua é o Wari'. Destaca-se que a pesquisa aqui exposta se constitui como o primeiro trabalho de descrição e análise linguística dessa variedade do português indígena de contato.

Devido à pluralidade linguística e étnica presente nessa região, não se pode falar em apenas um único português indígena. Assim, esta pesquisa compreende também esforços para promover e difundir o conhecimento acerca das variedades do português falado pelos povos indígenas, levando em consideração, portanto, que a descrição linguística seja, possivelmente, uma excelente ferramenta para entender, descrever, ensinar e preservar uma língua. A temática abordada é de grande relevância, pois o

contato do português brasileiro (PB) com as línguas indígenas brasileiras resultou na formação do português indígena (PI), que apresenta características próprias e distintas do PB. Compreender as particularidades do português indígena é essencial para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que atendam às especificidades dos estudantes indígenas e possam contribuir para a melhoria da educação escolar indígena. Além disso, a discussão sobre o papel do contato do português com as línguas indígenas brasileiras pode contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a diversidade linguística e cultural do país.

Diante do exposto, portanto, a presente pesquisa está inserida nos estudos da linguagem referentes ao contato linguístico, tendo em vista seu objetivo em compreender como esse contato pode influenciar, gramaticalmente, a variedade do português indígena aqui estudado, o português Wari'. Diante disso, este trabalho fundamenta-se em: (i) Lucchesi (2006), para tratar dos parâmetros sociolinguísticos do Brasil, a fim de justificar, pelo viés sócio-histórico, os motivos pelos quais não se pode falar em monolíngüismo em território brasileiro, bem como entender os fatores sócio-históricos que justificam a polarização linguística e os estigmas gerados por ela. Segundo o autor, essa polarização é formada, também, através do contato linguístico entre o português e as línguas africanas e indígenas; (ii) Weinreich (1953), Bortoni-Ricardo (2004), Lucchesi (2009), Bagno (2001), Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), Rodrigues (2000), Labov (1972, 1994, 2001, 2008) e Alkmin (2007), a partir dos quais são discutidos alguns aspectos referentes ao contato linguístico, destacando-se essa polarização formada no Brasil por meio do contato linguístico entre o português e as línguas africanas e indígenas; (iii) Peixoto (2020), que apresenta contribuições significativas referentes ao conhecimento de variedades do português em contato com diferentes línguas indígenas, das quais destaco o português ticuna (cf. BONIFÁCIO, 2019) e o português hunikuin (cf. CHRISTINO, 2015); (iv) Lucchesi (2009), que propõe alguns critérios que visam à compreensão e sistematização da variação das regras de aplicação da concordância, sendo eles: (a) critério da simplicidade, que postula que a concordância é mais provável de ocorrer em estruturas simples, com menor complexidade sintática, em que quanto menos elementos no interior do SN, maior a probabilidade de ocorrer concordância; (b) critério de integração, em que a aplicação da concordância ocorre em elementos mais integrados da estrutura, a saber: elementos pré-nucleares recebem mais concordância em relação aos elementos pós-nucleares; e, por fim, (c) critério da saliência, em que nomes, cuja morfologia de gênero seja mais marcada, tendem a receber mais concordância. Além disso, entre os nomes sem

propriedades de flexão de gênero, há maior probabilidade de concordância com nomes de vogal temática -a em relação aos nomes de vogal temática -o; (v) Mattoso Câmara Jr. (1985), Rocha (1994), Lucchesi (2009), Rocha (1960), Lucchesi e Picanço (2021) e Silva e Silva (2019), que discutem a marcação de gênero no PB, tendo como objetivo abordar alguns aspectos morfosintáticos e semânticos no que tange ao gênero gramatical, que contrastam com a codificação de gênero da língua Wari' e, também, do português Wari'.

Além desta Introdução, na qual contextualizamos a pesquisa e apresentamos nossos objetivos, esta dissertação está organizada em mais seis seções, distribuídas em Quadro Teórico (seção 2), Metodologia (seção 3), Aspectos gramaticais da língua Wari' (seção 4), Apresentação dos dados (seção 5), Análise dos dados (seção 6) e, por fim, Considerações finais. Na seção 2, em que serão apresentados os fundamentos teóricos desta pesquisa, serão discutidos alguns aspectos no que tange aos parâmetros sociolinguísticos brasileiros (2.1), ao contato linguístico (2.2), ao contato do português com as línguas indígenas (2.3), aos princípios da simplicidade, integração e saliência (2.4), e, por fim, à marcação de gênero no português brasileiro (2.5). A seção 3 tem como objetivo descrever os processos metodológicos para o desenvolvimento dessa pesquisa. Para a coleta de dados, foram utilizadas algumas contribuições do arcabouço teórico-metodológico da teoria sociolinguística, que será discutida na subseção 3.1. A seguir, na subseção 3.2, serão descritas as ferramentas para geração e análise dos dados da pesquisa aqui realizada. Por fim, na subseção 3.3, serão apresentados os participantes da pesquisa. A seção 4 tem como objetivo descrever alguns aspectos gramaticais a língua Wari' pertinentes à presente pesquisa. Assim, será descrita, na subseção 4.1, a estrutura do domínio verbal; na subseção 4.2, a estrutura do domínio nominal; na subseção 4.3, a categorização de gênero gramatical em Wari'; e, por fim, na subseção 4.4, características gramaticais do português Wari'. Na seção 5, são apresentados os dados do português Wari', os quais foram organizados a partir da estrutura interna dos sintagmas nominais, considerando: (i) núcleos nominais femininos e masculinos e (ii) concordância de valor negativo e de valor positivo. Na seção 6, por sua vez, temos como objetivo fazer uma análise dos dados aqui apresentados a partir dos critérios estabelecidos, levando em consideração as variáveis estruturais e os princípios propostos por Lucchesi (2009). Por fim, na última seção, temos como objetivo apresentar as Considerações finais desta pesquisa, em que será avaliado em que medida os objetivos aqui propostos foram alcançados, bem como quais as implicações e limitações da pesquisa aqui realizada.

2. QUADRO TEÓRICO

Esta seção tem por objetivo apresentar os principais aportes teóricos que permeiam a presente pesquisa. Por tratar-se de uma pesquisa voltada a uma variedade do português, que é o português indígena Wari', faz-se imprescindível apresentar discussões acerca das diferentes realidades sociolinguísticas no Brasil, bem como de suas motivações sócio-históricas, que é o tema da subseção 2.1. Para isso, será evocado, principalmente, o trabalho de Lucchesi (2006), que afirma, em linhas gerais, que “a história do Brasil é uma história de contato linguístico” em decorrência do profundo e violento contato entre, principalmente, a língua portuguesa (europeia), as línguas africanas e as línguas indígenas. Segundo o autor, tanto esse contato linguístico quanto o desenvolvimento desigual do Brasil foram fatores determinantes para que se desencadeassem mudanças linguísticas na estrutura das variedades linguísticas do português aqui falado. Sendo assim, na subseção 2.2, serão apresentados os principais conceitos no que tange ao contato linguístico e sua relevância para a presente pesquisa. Por fim, visto que as consequências do contato linguístico envolvem, também, a aquisição de uma segunda língua, sendo ela uma língua dominante ou não, iremos apresentar, na seção 2.3, alguns conceitos relevantes aos estudos de bilinguismo e aprendizagem¹ de L1 e L2.

2.1. Parâmetros sociolinguísticos do Brasil

É, principalmente, a partir dos trabalhos de Labov, que há uma negação da homogeneidade linguística e se passa a considerar a variação linguística como essencial para o funcionamento da língua e para o seu processo histórico de constituição, uma vez que o funcionamento de uma língua não poderia ser analisado de forma isolada das condições sociais de seu uso. Sendo assim, o autor aponta para a norma linguística no âmbito da sociolinguística variacionista, conceito a partir do qual uma comunidade de fala não se define pela homogeneidade linguística, embora falem uma mesma variedade linguística, que pode ser a de prestígio ou não, e sim pelas crenças de valores sobre esses comportamentos linguísticos e pelas tendências de mudanças, que são impulsionadas pelas relações sociais, que estabelecem prestígio ou estigma sob essas variedades. Assim,

¹ Na presente pesquisa, os termos aquisição e aprendizagem são empregados de acordo com a literatura aqui apresentada. No entanto, ressalta-se a existência de outras perspectivas, em que esses termos representam conceitos e fenômenos diferentes De acordo com Silveira (2019), enquanto a aquisição de segunda língua se assemelha ao processo natural de aprender uma língua materna, focando na exposição extensiva ao *input* compreensível e no desenvolvimento progressivo da linguagem, a aprendizagem de segunda língua é uma abordagem mais formal, envolvendo técnicas controladas e escolhas linguísticas específicas, muitas vezes em um contexto de sala de aula.

há a norma linguística culta, que surge do uso linguístico de uma elite escolarizada, e a norma linguística popular (ou vernácula), que surge do uso linguístico da maioria da população brasileira, desprovida de educação formal.

Consoante à estreita relação entre língua e sociedade defendida por Labov, Lucchesi (2006) discute o abismo social brasileiro que desencadeia uma desigualdade linguística no Brasil, tanto no que se refere às variedades do PB, quanto às crenças/avaliações sociais dos falantes sobre essas variedades, que geram um estigma tanto sobre a variedade em si, quanto sobre seus falantes, sendo, portanto, um estigma linguístico e social. Segundo Lucchesi (2006), a polarização linguística no Brasil é consequência de fatores históricos, econômicos e étnicos. Assim, não é possível afirmar que exista apenas um português brasileiro, ou apenas uma forma de se falar o português brasileiro. Portanto, não é possível, diante de tamanha desigualdade econômica e social, postular apenas uma realidade linguística brasileira, e que isso seria consequência tanto de uma abstração de tais clivagens sociais, quanto de lacunas teóricas decorrentes de uma visão unitária de língua.

No que tange aos fundamentos teóricos dessa polarização da realidade linguística brasileira, Lucchesi (2006) afirma que, para que seja possível caracterizar a realidade linguística brasileira, não se pode ignorar os processos sócio-históricos determinantes para a formação da sociedade brasileira, sendo eles a reduzida elite escolarizada que reproduzia os modelos socioculturais de Portugal. Há de se destacar ainda as demais regiões, em que indígenas “aculturados” e africanos escravizados adquiriam português em condições precárias, que gerou uma L2 considerada “defectiva”, nos termos de Lucchesi (2006), que foi sendo passada para os descendentes desses povos, o que criou uma modelo de nativização do português falado por essas camadas sociais. Esses dois cenários constituem, assim, a norma culta e a norma popular, já citadas anteriormente.

Além disso, o autor apresenta o conceito de gramática da comunidade de fala, entendida como sistematização indutiva dos padrões coletivos de comportamento linguístico de uma dada coletividade, ou seja, uma avaliação subjetiva dos usos linguísticos que seria comum aos indivíduos de uma mesma comunidade de fala, o que remete ao conceito de norma linguística como sendo um padrão linguístico ideal que orienta os membros de uma comunidade

Com base nesse sistema de avaliação subjetiva das variantes linguísticas e as tendências de mudança, a existência de diferentes normas linguísticas dentro de uma

mesma comunidade de fala possibilitaria diferentes avaliações sociais dessas variedades, o que poderia estar gerando processos de mudança linguística independentes.

Como já mencionado, Lucchesi (2006) afirma que a história do português brasileiro é uma história de contato linguístico, o que pode não ter desencadeado um crioulo, mas desencadeou mudanças linguísticas na estrutura das variedades linguísticas desenvolvidas nos seguimentos da base da sociedade brasileira através do processo de transmissão linguística irregular, que é a aprendizagem de adultos, de forma emergencial e precária, que gera redução nos mecanismos gramaticais da língua alvo, sobretudo nas regras de concordância nominal e verbal. Tendo em vista que esse código de comunicação emergencial se impôs sobre as línguas indígenas e africanas, é previsível que os reflexos dessa redução gramatical sejam percebidos nas variedades do português que se formaram nesse contexto.

Portanto, pode-se concluir, conforme Lucchesi (2006), que os dois grandes indícios da polarização sociolinguística do Brasil podem ser sintetizados da seguinte maneira: de um lado, nos pequenos centros urbanos, uma norma culta derivada dos padrões linguísticos da elite da Colônia e do Império; e de outro, as variedades populares do português brasileiro, marcadas por um conjunto de mudanças estruturais induzidas pelo contato entre línguas, através do processo de transmissão linguística irregular. Diante dessas primeiras considerações, a seção 2.2 tem como objetivo apresentar algumas elucidaciones referente ao contato linguístico e como esse fenômeno está presente na história e na identidade do português brasileiro.

2.2. Contato linguístico

Como já mencionado, o cenário linguístico brasileiro é marcado por uma história de contatos linguísticos. Nesse sentido, estima-se que coexistam no Brasil mais de 200 línguas, dentre as quais, aproximadamente, 180 são indígenas (cf. RODRIGUES, 1993) e as demais são línguas de imigração. Esses dados revelam que o cenário linguístico brasileiro é marcado pelo multilinguismo, ou seja, pela coexistência de outras línguas em contato com o português brasileiro. Assim, destaca-se que o Brasil é um dos países com a maior diversidade linguística do mundo (IPEA, 2014), o que pode ser consequência do intenso contato linguístico aqui ocorrido.

Segundo Weinreich (1953, p. 4), “a interação entre as línguas é um dos fatores que contribuem para a diversidade linguística. É uma condição, muitas vezes inevitável, da diversidade social e cultural”. O autor aborda a temática do contato linguístico de

forma ampla, discutindo as consequências desse contato para a formação de novas línguas e para a manutenção ou desaparecimento das línguas em contato. O autor afirma que sempre que duas ou mais línguas entram em contato, como em uma sociedade bilíngue ou multilíngue, ocorrem mudanças na estrutura de cada uma delas (WEINREICH, 1953, p. 5).

Assim, o autor discute os processos que ocorrem na formação de novas línguas e as características das línguas crioulas, que surgem como resultado do contato linguístico entre comunidades distintas. Segundo ele, “as línguas crioulas são o resultado da redução na complexidade da estrutura linguística devido aos recursos linguísticos limitados disponíveis aos falantes” (WEINREICH, 1953, p. 43).

O autor também afirma que há os processos de interferência linguística que ocorrem no contato entre línguas, visto que “no processo de mistura de línguas, os empréstimos de vocabulário muitas vezes servem como ponto de partida para a difusão de características estruturais” (WEINREICH, 1953, p. 31). Destaca-se, portanto, a importância do vocabulário no processo de mistura de línguas e na difusão de características estruturais entre elas. Isso significa que, quando duas ou mais línguas entram em contato, os falantes podem emprestar palavras de uma língua para outra e, com o tempo, esses empréstimos podem levar à transferência de outras características linguísticas, como a pronúncia, a morfologia, a sintaxe e a semântica, por exemplo. Essa transferência de características pode resultar em processos de interferência linguística, que ocorrem quando uma língua influencia a estrutura ou o uso de outra. O conceito de interferência linguística é fundamental para entender os efeitos do contato entre línguas e a forma como a diversidade linguística é moldada.

Ainda segundo Weinreich (1953), “o contato linguístico é essencialmente uma questão de dois ou mais grupos entrando em contato um com o outro, cada grupo trazendo consigo sua própria herança linguística”. Assim, o autor destaca que o contato linguístico ocorre quando dois ou mais grupos com diferentes heranças linguísticas entram em contato uns com os outros. Isso implica que o contato de línguas é um fenômeno inevitável em sociedades multilíngues, e pode levar a mudanças na estrutura das línguas em contato, bem como à formação de novas línguas ou ao desaparecimento de outras. Além disso, sugere que o estudo do contato linguístico envolve a análise das heranças linguísticas de cada grupo, o que pode ser importante para entender os fenômenos de interferência linguística e os processos de formação de um bilinguismo estável ou desaparecimento de línguas.

Assim, entende-se o contato de línguas como um aspecto do contato entre culturas, entre comunidades linguísticas distintas, e seu *locus* é o indivíduo bilíngue que utiliza duas ou mais línguas alternativamente. O contato linguístico, em geral, pode ter como resultado, dependendo das condições sociais e políticas em questão, o bilinguismo estável – quando em um mesmo território duas ou mais regiões falam línguas diferentes – ou o desaparecimento de uma língua. Todos esses casos são caracterizados por diferentes fenômenos de interferência linguística entre os dois ou mais sistemas linguísticos em contato.

Assim, a interação entre línguas indígenas, africanas e de imigrantes resultou em um português brasileiro, enriquecido por uma variedade de influências e adaptações linguísticas. Essas interações linguísticas também desempenham um papel importante nas questões de identidade e dinâmicas socioculturais, mostrando a importância do estudo do contato linguístico na compreensão da história, da sociedade e da cultura do Brasil.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), o contato linguístico desempenhou um papel fundamental na formação e evolução do português brasileiro, sendo assim uma variedade distinta do português europeu. Além disso, Lucchesi (2009) destaca que a influência das línguas indígenas, africanas e de imigrantes contribuiu para a diversidade e a riqueza do português brasileiro em termos de vocabulário, gramática, fonética e prosódia. Da mesma forma, Bagno (2001) afirma que o contato linguístico no Brasil também tem implicações sociolinguísticas, uma vez que a diversidade linguística está relacionada à identidade cultural e étnica de diferentes grupos. Por fim, segundo Bourdieu (1993), a língua, como elemento central na construção da identidade, reflete e reforça as relações de poder e as dinâmicas socioculturais entre diferentes comunidades e falantes de línguas. Dessa forma, pode-se afirmar que o contato linguístico do português brasileiro foi influenciado por diversas línguas, como o Tupi-Guarani, o Quimbundo, o Iorubá, o francês e o inglês. Essas línguas deixaram marcas na língua brasileira, como palavras e expressões, mas também influenciaram a gramática e a pronúncia (MATTOSO CÂMARA JR., 1965, 1970).

No que tange ao contato entre línguas africanas e a língua portuguesa, a partir do século XVI, com a intensificação do comércio de escravizados africanos, diversas línguas africanas entraram em contato com o português falado no Brasil (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009). Estima-se que cerca de quatro milhões de africanos foram trazidos ao Brasil durante o período do tráfico transatlântico de escravizados, falando línguas de diferentes famílias linguísticas, como o Bantu, o Níger-Congo e o Kwa (MELLO, 2017).

O contato entre essas línguas africanas e o português do Brasil resultou em várias modificações na língua portuguesa, especialmente no vocabulário e na fonética, bem como na formação de línguas crioulas, como o Cafundó e Cupópia, língua anticrioulo do português falado no Cafundó, quilombo situado em Salto de Pirapora, São Paulo (VOGT; FRY, 2012).

Já em relação às línguas indígenas, a colonização do Brasil pelos portugueses no século XVI deu início a um processo de contato linguístico intenso entre a língua portuguesa e as línguas indígenas faladas no território (RODRIGUES, 2000). Assim, a diversidade de línguas indígenas no Brasil era, e ainda é, extremamente rica, com dezenas de línguas e dialetos pertencentes a diferentes famílias linguísticas. A interação entre os colonizadores e os povos indígenas resultou em uma série de mudanças e adaptações linguísticas, como o surgimento da Língua Geral, baseada em línguas indígenas do tronco Tupi, que facilitava a comunicação entre diferentes grupos, tornando-se, portanto:

“língua comum entre os portugueses e seus descendentes – predominantemente mestiços - e escravos (inclusive africanos), os índios Tupinambá e outros índios incorporados às missões, às fazendas e às tropas: em resumo, toda a população, não importa qual sua origem, que passou a integrar o sistema colonial.” (RODRIGUES, 1986, p. 101)

Verifica-se, portanto, que o contato linguístico é um fenômeno complexo que pode ter diferentes efeitos na língua. Ele pode levar à variação linguística, à criação de uma nova língua, à adoção de palavras estrangeiras e à mudança linguística. É importante estudar o contato linguístico para entender como as línguas mudam e como as comunidades linguísticas se adaptam a diferentes contextos históricos e sociais.

Por fim, Labov (2008) argumenta que o contato pode levar à mudança linguística, mas que essa mudança não é necessariamente uma simples transferência de características de uma língua para outra. Em vez disso, ele propõe um modelo em que a mudança é impulsionada por fatores sociais, como a identidade de grupo, a solidariedade e a mudança social. Labov enfatiza a importância de se considerar o contexto social e histórico para entender a dinâmica do contato linguístico e seus efeitos na mudança linguística.

Em contexto de mudança linguística, o contato caracteriza-se por um bilinguismo instável e assimétrico, visto que uma das línguas está substituindo gradativamente a outra, num processo caracterizado por uma progressiva incorporação de estruturas e léxico da língua dominante pela língua dominada. A língua dominada passa por uma severa redução

de seus domínios de uso que, associado à interrupção da transmissão intergeracional, tem como resultado transformações e reduções estruturais (ALKMIN, 2007)

Labov (1994, 2001), sobre a mudança linguística, enfatiza o papel central dos fatores sociolinguísticos e das restrições linguísticas na competição entre variantes e na seleção de formas linguísticas. Sendo assim, Labov (2001) propôs uma teoria de mudança linguística baseada em princípios sociolinguísticos e variação linguística. Segundo Labov (2001, p. 47), a mudança linguística ocorre quando variantes linguísticas competem por espaço e uso em uma comunidade de fala. O processo de mudança linguística envolve a seleção de uma variante em detrimento de outra, com base em fatores sociais, como status e identidade, e fatores linguísticos, como restrições fonológicas e gramaticais (LABOV, 1994, p. 102).

Lucchesi (2006), sobre a transmissão linguística irregular na formação do português brasileiro, discute a formação da realidade linguística brasileira e como o contato entre línguas teve importantes consequências para as suas variedades populares. Embora não tenham ocorrido processos típicos de criouliização, a aprendizagem precária do português pelos escravizados e índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como língua segunda nas gerações seguintes de seus descendentes desencadearam um processo de transmissão linguística irregular. Isso resultou, conforme o autor, em mudanças nas variedades populares do português brasileiro, caracterizadas pela simplificação e/ou eliminação de certas estruturas gramaticais, bem como pelo aumento na frequência de uso das formas não marcadas. Dessa forma, o autor enfatiza a importância da pesquisa historiográfica para entender a formação das diferentes variedades linguísticas no Brasil e sugere que as comunidades rurais afro-brasileiras podem ser um sítio arqueológico da história sociolinguística do país

Por fim, o cenário linguístico brasileiro destaca-se pela diversidade e complexidade resultantes do intenso contato entre línguas indígenas, africanas, de imigração e o português. Essas interações moldaram a evolução do português brasileiro e deram origem a uma rica tapeçaria linguística no país, que abrange aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos. A teoria de Labov (1994, 2001) sobre a mudança linguística fornece uma base sólida para entender os processos envolvidos nesses contatos e suas implicações para a língua e a sociedade. Ao analisar o contato linguístico no Brasil, é fundamental levar em conta o contexto social e histórico, bem como os fatores sociolinguísticos e linguísticos que impulsionam a mudança. Essa compreensão permite

uma maior apreciação do patrimônio linguístico do Brasil e da riqueza cultural e histórica que ele representa. Feitas essas considerações, passamos a discutir na próxima subseção os processos de aprendizagem de L1 e L2 nos contextos de contato linguístico.

2.3. O contato do português com as línguas indígenas

Nesta seção, temos como objetivo apresentar algumas pesquisas que descrevem algumas variedades do português indígena, provenientes do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas. Para isso, consideraremos principalmente o trabalho de Peixoto (2020) que aborda, a partir de Silva e Silva (1985), Emmerich (1987), Christino (2015) e Bonifácio (2019), o bilinguismo de alguns povos indígenas no Brasil que utilizam suas línguas maternas no cotidiano, mas, em determinados contextos, precisam utilizar a língua portuguesa. Para a autora, apesar de o bilinguismo ser tradicionalmente tratado como um fenômeno individual, a maioria dos falantes bilíngues adultos têm domínio limitado da segunda língua, que sofre transferência da língua materna. Sendo assim, o grau de controle das gramáticas das duas línguas e as situações de comunicação linguística são relevantes para entender o bilinguismo adulto.

Diante do exposto, temos como objetivo apresentar as variedades de contato que surgem a partir do uso do português do Brasil por indivíduos de diferentes grupos étnicos, moldando suas características linguísticas de acordo com as demandas feitas por esses novos falantes. Apresentaremos, portanto, alguns trabalhos analisados por Peixoto (2020) que identificam as características sonoras e gramaticais do português de contato com as línguas indígenas brasileiras, como o português ticuna (cf. BONIFÁCIO, 2019) e o português huni kuin² (cf. CHRISTINO, 2015).

Bonifácio (2019), de acordo com Peixoto (2020), apresenta dados quanto à fonologia do português indígena ticuna. De acordo com Peixoto (2020), a língua do povo Ticuna, considerada isolada, o que significa que é a única língua em sua família, é encontrada no Brasil, Peru e Colômbia e, no Brasil, possui uma população de cerca de 46.100 indivíduos, tornando-se o grupo étnico com o maior número de pessoas. Assim, o trabalho de Bonifácio (2019), segundo Peixoto (2020), analisa a variedade de português falada pelos professores Ticuna na educação básica e caracteriza seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos.

² Os Caxinawa, que se autodenominam como Hãtxa kuin, nomeiam o português huni kuin como portukuin, em ambientes acadêmicos. Agradeço a um dos membros da Banca por compartilhar essas informações.

Peixoto (2020) afirma, a partir de Bonifácio (2019), que o sistema sonoro consonantal e vocálico da língua Ticuna difere significativamente do português. A falta de oposição entre certas consoantes na língua Ticuna causa lacunas no sistema fonológico quando comparado ao português. Isso leva ao preenchimento dessas lacunas por outras consoantes Ticuna no português em contato. De acordo com Peixoto (2020), o trabalho de Bonifácio (2019) sugere que a variação observada entre o português brasileiro e o português Ticuna pode ser devido à transferência da gramática Ticuna. No geral, a análise de Peixoto (2020), a partir de Bonifácio (2019), destaca a influência do sistema fonológico Ticuna no português, enfatizando a importância de reconhecer a presença das características sonoras e gramaticais de línguas indígenas em línguas de contato.

Além disso, ao consultar diretamente o trabalho de Bonifácio (2019), no que se refere à variação da concordância de gênero no português ticuna, o que é relevante no que toca à presente pesquisa, percebe-se que a autora, ao apresentar algumas variações do campo morfossintático, constata que, no âmbito da morfossintaxe, a variação da concordância nominal de gênero é uma das que mais se destaca (BONIFÁCIO, 2019, p. 210). Assim, a autora discute algumas das variações no que tange à concordância nominal de gênero no português ticuna, que vão ao encontro com o que discutem os trabalhos de Christino (2015) e Amado (2015), que destacam a diferença do padrão de marcação de gênero no português e o padrão da marcação de gênero das línguas étnicas dos falantes, visto que possuem sistemas linguísticos diferentes (BONIFÁCIO, 2019, p. 213).

Além disso, Bonifácio (2019), p. 215) aponta para uma “tendência excessiva em generalizar formas masculinas”, o que também é identificado por Christino (2015) no português huni kuin, como será apresentado nos próximos parágrafos. Ainda, apesar dessa generalização, Bonifácio (2019) também identifica nomes masculinos cuja concordância com seus determinantes se realiza no feminino. Além disso, a autora aponta para os pronomes demonstrativos como contexto de maior frequência da não aplicação da regra de concordância nominal.

Por fim, o trabalho de Christino (2015), de acordo com Peixoto (2020), estuda o português de contato com a língua do povo Huni Kuin, povo indígena que habita as terras interfluviais baixas da Amazônia no Brasil e Peru. Peixoto (2020, p. 55) afirma que, diferentemente do português, o caxinauá (língua do povo Huni Kuin) não possui a informação de gênero gramatical presente em nomes e pronomes, “sendo expressa apenas por lexemas próprios”. Peixoto (2020) afirma que, enquanto o caxinauá, língua do povo Huni Kuin, não possui a informação de gênero gramatical em nomes e pronomes, “o

português utiliza a oposição entre masculino e feminino em seu sistema gramatical” (p. 55). Dessa forma, enquanto no Caxinauá a noção de gênero não é relevante para a gramática, no português essa distinção é considerada essencial na estruturação do idioma.

Ao consultar o trabalho de Christino (2015), no que tange à investigação a respeito da concordância nominal de gênero feminino no interior do sintagma nominal do português de contato huni kuin, a autora afirma que há variação de concordância de gênero, bem como há em outras variedades do PB como L2, principalmente quando a L1 se trata de uma língua indígena. A autora, então, destaca alguns aspectos linguísticos que permitem inferir algum tipo de “transferência de característica sintática”, ou seja, a presença de aspectos da gramática da língua materna no português de contato. Segundo a autora, substantivos masculinos terminados em -a parecem propiciar a não concordância de gênero tanto quando são acompanhados de determinantes tanto quando de modificadores, embora a autora ainda destaque uma propensão de sobregeneralização da forma masculina. Christino (2015) também aponta para a classe dos demonstrativos e dos quantificadores como mais propícios a não realização da concordância de gênero do que os artigos, principalmente os definidos. Deve-se destacar que a propensão da sobregeneralização da forma masculina e a propensão em não haver concordância no contexto de demonstrativos e quantificadores no português huni kuin é um aspecto também presente no português ticuna, conforme Bonifácio (2019). No que tange aos possessivos, Christino (2015) também afirma que “a concordância de gênero [...] é provavelmente impulsionada por um fator que não desempenha nenhum papel nos processos de concordância dos falantes da L1: o gênero de um possuidor humano” (CHRISTINO, 2015, p. 99).

Outro trabalho que merece destaque é o de Lucchesi e Picanço (2021), que apresentam uma análise sociolinguística da variação na concordância de gênero no português indígena Sateré-Mawé, povo que habita a região do médio rio Amazonas, entre os estados do Amazonas e do Pará, afirmam que a morfologia nominal da língua Sateré-Mawé não apresenta flexão de gênero, sendo a distinção feita lexicalmente ou por meio de palavras emprestadas do português. A pesquisa foi feita com base em oito entrevistas sociolinguísticas em duas comunidades Sateré-Mawé no município de Parintins, estado do Amazonas. A análise quantitativa mostrou que a regra de concordância de gênero no SN foi aplicada em 89% das ocorrências, enquanto em 11% houve variação. A pesquisa permitiu observar um processo de variação encaixado na estrutura linguística e social da comunidade de fala analisada.

A fim de chegar a tais conclusões, os autores formalizaram sete variáveis independentes para aprender os condicionamentos estruturais do fenômeno variável de concordância de gênero no SN do português indígena sateré-mawé. O programa de cálculo multivariado GoldVarb X selecionou como tendo valor estatístico os grupos: configuração sintagmática do SN, caracterização morfológica do nome núcleo do SN e vogal temática do nome núcleo do SN. O programa forneceu as frequências brutas de ocorrência do fenômeno em cada fator considerado em termos percentuais, assim como o peso relativo, que calcula a influência simultânea de todos esses fatores conjuntamente. Além disso, foram consideradas algumas variáveis sociais, como idade, sexo e escolaridade dos falantes.

Sendo assim, segundo Lucchesi e Picanço (2021), a pesquisa revela que a mudança linguística é liderada por jovens do sexo masculino com ensino médio e está em estágio avançado de implementação. A aplicação da regra de concordância de gênero é mais favorecida em certas estruturas sintáticas e varia de acordo com a natureza do nome núcleo. O estudo também identifica a influência do substrato indígena na variação linguística, destacando a importância de analisar outros processos de variação para ampliar o conhecimento sobre a diversidade etnolinguística do português no Brasil e a compreensão do impacto do contato entre línguas na gramática em geral.

Depois de apresentados esses trabalhos sobre o português de contato em contexto indígena, podemos retomar as palavras de Peixoto (2020, p. 39), que compreende que

o termo português indígena não se refere a uma variedade única, particular e homogênea do português. Trata-se, antes, de uma apropriação do PB pelos povos indígenas brasileiros. A forma como ocorre tal apropriação e suas características revelam uma situação de contato linguístico. O contato linguístico representa uma situação em que línguas ou variedades diferentes de uma mesma língua estão geográfica ou socialmente próximas. A proximidade linguística costuma ter como resultados o empréstimo linguístico e a interferência linguística.

Antes de concluir esta seção, achamos prudente ainda discutir, mesmo que de forma mais breve, o português de contato em contexto afro-brasileiro. Para isso, citamos o trabalho de Silva e Silva (2019), que aborda a transferência linguística na aprendizagem de uma segunda língua, focando no caso dos falantes de português cabo-verdiano (PCV) e crioulo cabo-verdiano (CCV). Segundo os autores, a língua materna tende a interferir na aprendizagem da segunda língua, especialmente quando esta é aprendida em contexto formal, como na escola.

O objetivo deste estudo é discutir o uso da concordância nominal de gênero na língua falada por estudantes cabo-verdianos da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) no Ceará, considerando o contato linguístico entre o PCV e o CCV. Assim, Silva e Silva (2019) buscam verificar contextos que favorecem ou restringem o uso da concordância, observar a influência do grau de escolaridade no uso linguístico e analisar a regra linguística relacionada à concordância, com base nas regras propostas por Labov (2003).

A análise apresentada pelos autores mostrou que a concordância de gênero no PCV é uma regra semicategórica, com 97,5% dos estudantes usando a variedade padrão. Isso pode ser devido à influência do Crioulo Cabo-verdiano (CCV), a língua materna dos estudantes, que geralmente não apresenta marcas de gênero em todos os elementos do sintagma nominal.

Quanto à variável do período de permanência no Brasil, os dados mostraram que os estudantes com menos tempo no Brasil (menos de 6 meses) apresentaram um maior uso da variedade não padrão. Isso sugere que a influência do CCV pode ser mais forte nesses casos. Por outro lado, os estudantes que estavam há mais tempo no Brasil (mais de 6 meses) mostraram um maior uso das variantes da norma padrão, provavelmente devido a um maior contato com o português brasileiro no ambiente urbano.

Em relação à variável sexo, os resultados indicaram que as estudantes do sexo feminino são um pouco mais conservadoras no uso das variantes da norma padrão (98,76%) em comparação com os estudantes do sexo masculino (96,47%). Essa diferença, embora pequena, está alinhada com estudos anteriores no português brasileiro.

Em resumo, o estudo de Silva e Silva (2019) conclui que a concordância de gênero no português cabo-verdiano falado pelos estudantes da UNILAB-CE é fortemente influenciada pela língua materna (CCV) e pelo grau de escolaridade dos estudantes. Além disso, o período de permanência no Brasil e o sexo dos estudantes também têm impacto no uso dessas variedades da concordância nominal de gênero.

Em síntese, esta subseção teve como objetivo mostrar algumas transferências de propriedades gramaticais principalmente das línguas indígenas para o português de contato a partir do que foi discutido em Peixoto (2020) e Lucchesi e Picanço (2021), acerca das gramáticas nativas dessas línguas em contato com português brasileiro, bem como apresentar algumas das características do português indígena. A partir da discussão realizada por esses autores, foi possível verificar uma diversidade de mecanismos linguísticos provenientes de diferentes línguas indígenas que, ao apropriarem o português

pelos elementos da língua étnica, dão início ao português de contato, o português indígena.

Na próxima subseção, faremos uma discussão, a partir de Lucchesi (2009), sobre os princípios de simplicidade, integração e saliência no âmbito dos estudos da linguagem que tratam das línguas de contato, por meio dos quais investigaremos os dados do português Wari', objeto de análise nesta dissertação de mestrado.

2.4. Princípios da simplicidade, integração e saliência

Scherre (1994) afirma que a concordância nominal de número no português falado no Brasil apresenta variação na maioria das variedades linguísticas, sendo identificada tanto em variedades urbanas quanto rurais. Nessas variedades, o plural é marcado apenas pelo determinante, e não por todo o sintagma nominal.

Não se pode afirmar, no entanto, que a concordância nominal de gênero em português apresente comportamento similar ao apresentado pela autora. De acordo com Lucchesi (2006, p. 305), “só se registra um nível significativo de variação na concordância de gênero em certas comunidades rurais que passaram por um amplo e profundo contato linguístico em sua história.” Segundo o autor, é possível identificar pesquisas que corroboram com essa afirmação a partir materiais provenientes de outras comunidades afro-brasileiras. Lucchesi (2006, p. 305) cita, por exemplo, Mata Cavalos, em Mato Grosso (VOGT; FRY, 1985, p. 115); Calunga, em Goiás (BAIOCCHI, 1991); e Vale do Ribeira, no estado de São Paulo (CARENO, 1991, p. 207-208).

Infere-se, portanto, que, uma vez que o português brasileiro apresenta baixa (ou quase nenhuma) regularidade mórfica quanto à marcação de gênero dos substantivos, é a aprendizagem de português como L2, em decorrência do contato linguístico e, conseqüentemente, de uma transmissão irregular dos padrões morfossintáticos da língua-alvo, que pode estar vindo a propiciar a variação na concordância de gênero apresentada pelo autor.

A partir disso, Lucchesi (2009) propõe alguns princípios norteadores, que levam em consideração alguns aspectos morfológicos e sintáticos do sintagma nominal, para a compreensão da variação da concordância nominal e verbal no português brasileiro, sendo eles: o princípio da simplicidade, o da integração e o da saliência, como já mencionados anteriormente.

O primeiro princípio apresentado por Lucchesi (2009) é o da simplicidade. Esse princípio postula que a concordância é mais provável de ocorrer em estruturas simples,

com menor complexidade sintática. Assim, quanto menos elementos no interior do sintagma nominal (SN), maior a probabilidade de ocorrer concordância, sobretudo nos SNs compostos por apenas um determinante que precede o núcleo, como no exemplo abaixo:

- (1) eu falo **a verdade**
- (2) chega lá é **um maior confusão** pá esses médico atendê a gente

(LUCCHESI, 2009, p. 307)

Os exemplos acima são dados da comunidade de fala de Helvécia, apresentados pelo autor. Percebe-se que, em (1), o sintagma nominal, formado apenas por um núcleo feminino antecedido por um determinante, aplica a regra da concordância de gênero, enquanto, no exemplo (2), o sintagma nominal, composto por mais de um elemento pré-nuclear, não estabelece relação de concordância no interior do SN.

A seguir, Lucchesi (2009) apresenta o princípio da integração. De acordo com esse princípio, a aplicação da concordância ocorre em elementos mais integrados da estrutura. Assim, elementos pré-nucleares recebem mais concordância em relação aos elementos pós-nucleares, como o autor exemplifica com os dados retirados da comunidade de Helvécia, abaixo:

- (3) Não, trabalho **na minha terra** mesmo.
- (4) **Verdadêra terra** de nós é esse lá.
- (5) E, aliás, num tem **cobra nenhum** que num é braba.
- (6) Ah, é... é **coisa muito bom!** (LUCCHESI, 2009, p. 307)

Nos exemplos (3) e (4), fica evidente que os elementos pré-nucleares, sejam determinantes ou modificadores, realizam a concordância de gênero com o núcleo que acompanham, “terra”. O mesmo não se verifica nos exemplos (5) e (6), em que tanto o pronome indefinido “nenhum” quanto o modificador “bom”, posicionados à direita dos núcleos “cobra” e “coisa”, respectivamente, apresentam concordância nominal de gênero de valor negativo.

Por fim, o princípio da saliência³, de acordo com Lucchesi (2009), postula que núcleos nominais em que a morfologia de gênero seja mais marcada tendem a receber mais concordância. Assim, quanto mais fortes forem as marcas mórficas no núcleo do SN, maior será a probabilidade de aplicação da regra de concordância. O exemplo (7) demonstra, segundo Lucchesi (2009), o caso de palavras flexionáveis em gênero (sogra/sogra) em que a regra da concordância é aplicada, visto o determinante “a” flexionado no feminino. O mesmo já não ocorre em (8), em que a palavra de gênero único e feminino “natureza” está acompanhada do determinante “um”, não realizando, portanto, a regra da concordância nominal de gênero. Entre os exemplos abaixo, é mais provável, para Lucchesi (2009), que ocorra a concordância em contextos como (7), cujo núcleo é mais marcado para gênero, em comparação com (8).

(7) e adepois, juntô com **a sogra**.

(8) cada um tem **um natureza**. (LUCCHESI, 2009, p. 307-308)

Lucchesi (2009) ainda destaca que, entre os nomes sem propriedades de flexão de gênero, há maior probabilidade de concordância com nomes de vogal temática -a em relação aos nomes de vogal temática -o. Lucchesi (2009, p. 308) afirma que esse fenômeno “se deve à homonímia entre a vogal temática e o morfema -a de feminino”, além da maior quantidade de nomes femininos na classe dos nomes de tema em -a e maior quantidade dos nomes masculinos na classe dos nomes de tema em -o na língua portuguesa. O autor apresenta os seguintes exemplos, também retirados da comunidade de Helvécia:

(9) Às vez, puxa um poquinho **da perna**.

(10) Esse é o moço [...] que tirô **um foto** aí de Vanda.

(LUCCHESI, 2009, p. 308)

Assim, os exemplos (9) e (10) apresentam uma comparação entre duas palavras femininas, “perna” e “foto”, respectivamente. Verifica-se, dessa forma, que a primeira, de tema -a, estabelece relação de concordância com seu determinante, flexionado no

³ Destaca-se que o conceito de saliência de Lucchesi (2009) distingue-se do conceito de saliência fônica de Naro e Lemle (1976), em que para estes últimos autores o conceito de saliência é utilizado para evidenciar o aumento da concordância verbal em contextos de saliência fônica na oposição singular/plural dos verbos.

feminino, enquanto a segunda, de tema -o, apresenta concordância de valor negativo com seu determinante, flexionado no masculino, para ilustrar a maior probabilidade de aplicação da concordância em contextos como (9).

Os princípios de Lucchesi (2009), discutidos nesta subseção, serão fundamentais para a análise dos dados do português Wari'. Antes, contudo, na próxima subseção, trataremos mais discussões a respeito da categoria gramatical de gênero da língua portuguesa.

2.5. A marcação de gênero no português brasileiro

Antes de adentrar às formas de codificação de gênero em Wari', que serão discutidas na seção 4, é importante ressaltar algumas informações importantes no que tange ao gênero das palavras no português brasileiro. Segundo Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 133), “o gênero é uma distribuição em classes mórficas para os nomes”, ou seja, está presente em todos os vocábulos do português, quer se refiram a elementos/entidades sexuados, quer não. Dessa forma, em português, todos vocábulos apresentam um gênero, feminino ou masculino, o qual se espalha para os adjuntos adnominais que o acompanham em virtude da concordância nominal (artigos, pronomes, modificadores etc.). Inclusive, Mattoso Câmara Jr. (1975, p. 80) afirma que “o gênero só se torna explícito numa atualização da fala em que aparece um adjetivo de tema em -o em concordância com o substantivo”.

Isso ocorre porque, morfológicamente, em PB, “o masculino é uma forma geral, não marcada” (MATTOSO CÂMARA JR., 1970, p. 133), ou seja, desprovida de flexão específica. Assim, em palavras como “menino”, não é a vogal temática -o que caracteriza o masculino, mas sim a ausência de um morfema, o que se configura como um caso de oposição privativa, já que é privativo do masculino ser a forma não marcada, ao passo que é do feminino a forma marcada. No caso de palavras que se flexionam em gênero, como “menino”, ao formar a forma feminina, “menina”, é o -a que marca o gênero gramatical feminino. Isso já não ocorre em palavras que não se flexionam em gênero, como “sofá”, que, embora tenha vogal temática -a, pertence ao gênero masculino. Portanto, depreende-se que, em português: o -o não marca gênero masculino, já que o masculino é não marcado; o -a só marca o gênero feminino em palavras que se flexionam em gênero, como “menina”, “gata”, ou seja, palavras que apresentam, a nosso ver, traço semântico [+humano] ou [+animado]. Isso significa dizer, também, que, em palavras

femininas, de gênero único e vogal temática -a, não é essa vogal que identifica o gênero feminino.

Além disso, tomemos como exemplo as palavras *ponte* e *dente*. Ambas terminam com a vogal temática -e, no entanto, a primeira se trata de um substantivo feminino (a ponte) e a segunda de um substantivo masculino (o dente). Dessa forma, nessas palavras, a marcação de gênero fica explicitada por meio de determinantes (artigos, pronomes e modificadores) que as acompanham. Isso não significa, portanto, que, nessas palavras, a vogal -e tenha a função neutralizadora de gênero, uma vez que esse mecanismo não é identificado no português brasileiro, diferentemente do que será visto na seção referente à descrição do Wari', em que há a presença de mecanismos morfossintáticos e lexicais para a marcação tanto do gênero masculino e feminino, quanto do gênero neutro.

De acordo com Rocha (1994), é a partir dos processos de derivação e de flexão que se expressam gênero, número e grau nos nomes. Há alguns principais critérios para diferenciar tais processos, sendo eles: o critério da regularidade, o da concordância, o da não opcionalidade e o da produtividade, propostos, de acordo com o autor, por Mattoso Câmara Jr. (1970). No entanto, inicialmente, deve-se ter em mente que a flexão dos nomes e verbos se apresenta de forma regular e sistemática, enquanto a derivação não. Para uma definição e discussão do gênero gramatical em português, é importante, inicialmente, entender tais conceitos, e é sob essa perspectiva que os mecanismos de concordância de gênero serão aqui abordados.

Do ponto de vista do critério da regularidade, Rocha (1994) aponta que o gênero do substantivo é indicado pelo expediente sintático, ou seja, por seus determinantes, e pela marca morfológica de gênero, como nos exemplos abaixo:

- (11) a. Esse livro
- b. Aquela mesa
- (12) a. Esse menino
- b. Aquela menina
- c. Um cantor
- d. Uma cantora

Em (11), é observável que o elemento linguístico responsável pela identificação de gênero dos vocábulos *livro* e *mesa* são, respectivamente, os determinantes *esse* e *aquela*, visto que esses vocábulos não apresentam marca morfológica de gênero em sua

estrutura, apenas as vogais temática -o e -a, que, como já discutido, não codificam gênero gramatical masculino ou feminino. Já em (12), além da presença dos determinantes flexionados em gênero, os substantivos que ocupam o núcleo dos sintagmas nominais também apresentam marca morfológica de gênero. A esse respeito, Rocha (1994, p. 9) afirma que “há determinados substantivos, cujo gênero, além de poder ser assinalado por um determinante, recebe também uma marca distintiva morfológica, como em: este menino estudioso, esta menina estudiosa, um gato preto, uma gata preta, aquele professor antiquado, aquela professora antiquada”. Destaca-se que os nomes em (11) são de seres assexuados e os nomes em (12) são de seres sexuados.

Esse aspecto merece destaque, visto que Rocha (1994) pontua que 95,5% dos substantivos se referem a seres assexuados, enquanto 4,5% dos substantivos se referem a seres sexuados e, dentre esses, nem todos recebem marca morfológica de gênero. Dessa forma, quando se fala em flexão de gênero do substantivo, fala-se de uma parcela muito baixa de vocábulos, percebe-se, portanto, com base nesses dados, que quase a totalidade dos substantivos em português apresentam gênero único, expressando, assim, seu gênero gramatical através do expediente sintático, através de concordância nominal de gênero, como em (11).

Pode-se concluir, portanto, que o gênero do substantivo, em português, será marcado por um determinante flexionando, estabelecendo relação sintática, enquanto, em alguns casos, o gênero será marcado, também, por um morfema. Com base nisso, o autor argumenta que não é possível olhar para gênero em português pelo critério da regularidade, visto que se trata de uma minoria e, portanto, não se pode prever a flexão de gênero em substantivos como “parafuso”, “idealização” e “Brasil”, por exemplo. Sendo assim, o autor conclui afirmando que todo substantivo pertence a um gênero, sendo este uma categoria majoritariamente sintática e minoritariamente morfológica. Essa informação é de grande relevância para a presente pesquisa, visto que busca identificar em que medida o expediente sintático, no que tange à concordância de gênero, está presente no português indígena aqui analisado.

Rocha (1994), ao discutir critérios para a classificação das “flexões em português”, recorre aos princípios propostos por Mattoso Câmara Jr. (1970), que afirmam que, enquanto a flexão apresenta como características a regularidade, a concordância e a não opcionalidade, a derivação apresenta como características a irregularidade, a não concordância e a opcionalidade. Dessa forma, Mattoso Câmara Jr., de acordo com Rocha (1994, p. 7), discute que, de acordo com o critério da concordância “os morfemas

flexionais são exigidos pela natureza da frase”. Rocha (1994) discute que o gênero do substantivo em português também não atende a esse critério, visto que a maioria das palavras em PB são de gênero único, próprio. Além disso, ainda nos poucos casos das palavras que recebem marca morfológica de gênero, o que determina o gênero do substantivo é a situação comunicativa, não a natureza da frase. Esses dois aspectos são ilustrados nos exemplos abaixo, em que (13) apresenta um caso de substantivo que não recebe morfologia de gênero (inflação) e, por isso, não depende de nenhuma situação comunicativa. O exemplo (14), por sua vez, apresenta um caso de substantivo que recebe morfologia de gênero (aluna) e, por essa razão, seu gênero depende da situação comunicativa:

(13) Haverá uma inflação desenfreada em dezembro;

(14) Esta aluna está interessada em uma bolsa de estudos.

(ROCHA, 1994, p. 14)

A partir dos exemplos fornecidos pelo autor, depreende-se que não é a natureza da frase que determina o gênero de um substantivo, visto que a maioria dos vocábulos são de gênero único, como no caso de “inflação”, no exemplo (13), que sempre será um substantivo feminino, independentemente do contexto do enunciado. Já no que se refere aos poucos casos de substantivos que apresentam informações morfológicas de gênero, esses também não são impostos pela natureza da frase, mas sim pela natureza da situação, dos seres envolvidos, como a palavra “aluna”, em (14), que tem como justificativa para estar no feminino o sexo da pessoa a quem se faz referência. Por fim, segundo o autor, só é possível falar de imposição pela natureza da frase no que tange à concordância dos adjuntos adnominais que acompanham esse substantivo, uma vez que deverão concordar com seu núcleo.

Por fim, levando em consideração o critério da opcionalidade, que postula que os morfemas flexionais não dependem da vontade do falante para serem usados, Rocha (1994) pontua que os substantivos em PB possuem gênero específico (15), sendo, portanto, obrigatório e não opcional, enquanto, nos casos em que o gênero está semanticamente relacionado com o sexo (16), há exemplo de gênero também obrigatório, mas, em alguns casos, aceita a possibilidade de se criar um par correspondente (17), como exemplificado abaixo, respectivamente:

- (15) Escola, festa, foto, tribo.
 (16) Homem, criança, cônjuge.
 (17) Soldada, musa, presidenta.

(ROCHA, 1994, p. 29)

No que se refere ao critério não opcionalidade, Rocha (1994) afirma que os substantivos em PB se caracterizam por apresentar um gênero próprio, específico e permanente (ROCHA, 1994, p. 17), como nos exemplos em (15) e (16). No entanto, o autor aponta para o fato de que se pode falar em opcionalidade, uma vez que permite usos como ministra, parenta, presidenta para marcar o gênero em palavras que seriam de gênero único e terminados em -nte, como nos exemplos (17).

Sendo assim, e a partir do quadro abaixo, Rocha (1994, p. 22), ao analisar todos esses critérios, afirma que não se pode generalizar que o nome em português apresenta como característica principal a flexão de gênero, uma vez que é irregular. Além de a maioria das palavras em português não aceitarem desinência de gênero, as poucas que aceitam não se juntam a um mesmo morfema como ocorre com o plural em português. É, assim, improdutivo, não estabelecendo concordância, uma vez que a criação de novos vocábulos não está relacionada à natureza da frase, e também opcional em alguns casos.

Quadro 1 – Flexões nominais

Critérios	Gênero
Regularidade	-
Concordância	-
Opcionalidade	-

Fonte: Rocha (1994, p. 21)

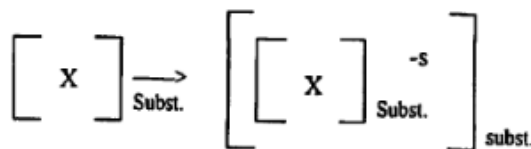
Da mesma forma, no que tange ao critério da produtividade, Katamba (1993, p. 82 apud ROCHA, 1994, p. 22) afirma que:

conhecer uma língua envolve, entre outras coisas, conhecer as regras de formação de palavras. Os falantes são capazes não só de identificar as unidades significativas que as palavras contêm, mas também de criar novas palavras e de entender os significados de palavras não-familiares que eles nunca encontraram antes.

Dessa forma, trata-se de uma característica padrão que se aplica na formação de formas novas em uma língua, como é o caso da formação do plural em português. Dado

um nome em português, é possível concebê-lo com a marca -s de plural, salvo poucas exceções como pires, tênis ou ônibus, como ilustra o esquema abaixo:

Figura 1 – Produtividade nominal do traço de número no português



Fonte: Rocha (1994, p. 25)

Isso significa que a maioria dos substantivos aceitam o acréscimo do -s para marcar, morfológicamente, o plural, conforme a Figura 1, enquanto o mesmo não pode ser aplicado ao gênero gramatical dos substantivos, visto que o gênero dos substantivos em português, além de ser explicitado, principalmente, por determinantes, sendo, assim, um expediente sintático, nos poucos casos em que apresenta morfologia de gênero, não se pode concebê-la com um morfema fixo, como é o caso do plural, já que pode-se identificar sufixos como -a, -ina, -esa etc.

A partir dessa caracterização do gênero em português feita por Rocha (1994), depreende-se que se trata, portanto, de um mecanismo majoritariamente sintático, uma vez que será explicitado, principalmente, pelos determinantes, e não necessariamente pelo substantivo.

As palavras de Rocha (1994) são revisitadas em Lucchesi (2009), que apresenta que a categoria gramatical de gênero em português é realizada, principalmente no plano sintático, através da concordância nominal, sendo, assim, um mecanismo da morfossintaxe. É através dos mecanismos de concordância nominal, portanto, que artigos, pronomes, numerais e modificadores flexionam-se em gênero, a fim de concordar com o gênero do nome que acompanham, visto que este nem sempre irá codificar morfologia de gênero em sua estrutura. Isso ocorre pelo fato de que a maioria dos nomes em língua portuguesa não apresenta flexão de gênero.

Segundo Lucchesi (2009), a análise do gênero gramatical das palavras em português coloca essa categoria sob dois vieses: o de característica gramatical, inerente ao nome, sem nenhuma implicação semântica; e o de distinção entre o sexo dos seres, feminino e masculino, a que se limitam as classificações do gênero gramatical em português, não havendo, assim, conforme o autor, uma correspondência morfológica para

um gênero neutro (embora haja no português resquícios históricos desse gênero no sistema de pronomes demonstrativos invariáveis⁴). Nesse sentido, palavras com traços [-humano] como planeta, porta, carro, perfume etc. codificam gênero gramatical feminino e masculino de forma arbitrária, sem nenhuma relação semântica, o que, segundo Rocha (1960), justifica as flutuações de marcação de gênero em relação a algumas palavras, como é a oscilação de palavras como champanha, clã, diabete etc., bem como de palavras que designam seres inanimados, como planeta e linguagem, que tiveram seus gêneros gramaticais modificados ao longo da história da língua (ROCHA, 1960, p. 297)

Lucchesi (2009) afirma que, embora haja uma preponderância gramatical, associada à fixação na passagem do latim ao português, de palavras masculinas serem terminadas em vogal temática -o e de palavras femininas serem terminadas em vogal temática -a, devido a algumas heranças das línguas latinas das quais advém o português, o autor também aponta para algumas incoerências no que tange à essa designação, visto que não ocorre de forma categórica. Segundo o autor, gênero de palavras que designam seres [+animado] acompanham, via de regra, o gênero natural, biológico, desses seres a que se referem, como homem, pai, boi em contraste à mulher, mãe, vaca. No entanto, ainda nessa categoria, há os nomes epicenos, ou seja, cujo gênero é marcado lexicalmente através dos modificador “macho” e “fêmea”, assim como há os nomes de gênero sobrecomuns, em que a palavra recebe seu gênero gramatical independentemente do ser a que se referencia, como é o caso de criança que, independentemente de se referir a pessoas do sexo biológico feminino ou masculino, será “a criança”, e “indivíduo” que, da mesma forma, será sempre codificado como “o indivíduo”, no masculino. Essas duas categorias, epiceno e sobrecomum, não possuem nenhuma motivação semântica para tal codificação de gênero, diferentemente das palavras que acompanham o gênero natural dos seres, assim como os vocábulos epicenos e sobrecomuns cujas codificações dos nomes masculinos na classe de tema em -o e de nomes femininos na classe de tema em -a.

Por fim, não há, igualmente, um padrão morfológico para palavras de gênero único, independentemente da classe temática a que pertencem, visto que há palavras femininas terminadas em vogais temáticas -a, -o e -e (cama, foto, mente), assim como há palavras masculinas terminadas em vogais temáticas -a, -o e -e (cometa, livro e lembrete). Essa falta de um padrão semântico e morfológico coerente para a designação do gênero

⁴ Agradeço a um dos membros da banca que destacou este ponto.

gramatical, diferentemente do que ocorre com a designação de número, faz com que o gênero de um nome seja, principalmente, sintática e anaforicamente codificados, através, portanto, de pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos, artigos e modificador, relacionando-se tanto entre constituintes de um mesmo sintagma nominal quanto estendendo-se ao predicativo.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Os procedimentos metodológicos aqui apresentados têm por objetivo proporcionar uma investigação linguística que considera a interação entre língua, cultura e sociedade, a fim de promover uma análise e descrição gramatical de mecanismos de marcação de gênero, sobretudo porque, a nosso ver, “a língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 215). É a partir, portanto, dessa perspectiva que se pretende compreender fenômenos pertinentes a processos de mudança e variação linguística em virtude de processos de aquisição de segunda língua no âmbito do Contato Linguístico.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), variação e mudança são inerentes às línguas, uma vez que as mudanças linguísticas advêm do comportamento social de uma ou mais variantes, que, por sua vez, não são aleatórias, mas fenômenos culturais motivados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Dessa forma, e em razão do contexto linguístico multilíngue da comunidade de prática que constrói o *corpus* aqui analisado, que é composta por falantes cuja primeira língua é a língua Wari’ e que falam o português como segunda língua, assume-se um processo de mudança e variação linguística em razão de fenômenos como o contato entre línguas e o processo de aprendizagem de uma L2 no que tange às variedades do português indígena.

Diante disso, esta seção tem por objetivo apresentar a metodologia de coleta, descrição e análise adotada para o estudo das estratégias gramaticais utilizadas na codificação dos traços formais de gênero entre os falantes Wari’ da variedade do português indígena de contato.

3.1. Participantes da pesquisa

Como dissemos anteriormente, o Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia tem por objetivo formar professores indígenas para atender às comunidades indígenas do estado de Rondônia e noroeste do Mato Grosso. Diante disso, atende populações indígenas de toda essa região. No período de 2020 e 2022, ocasião da realização desta pesquisa, havia no curso pouco mais de 200 estudantes indígenas matriculados, pertencentes a uma diversidade de etnias, a saber: Aikanã, Amondawa, Apurinã, Arara, Aricapu, Cabixi, Canoé, Cao Oro Waje, Cinta Larga, Cujubim, Gavião, Guarasugwe, Jabuti, Karipuna, Karitiana, Kaxarari, Kwazá, Makurap, Mamaindê, Migueleno, Negarotê, Oro Eo, Oro Mon, Oro Waram Xijein, Oro

Nao', Oro At, Oro Waram, Oro Win, Orowa, Puruborá, Sabanê, Sakirabiar, Sateré-Mawé, Surui, Tupari, Uru Eu Wau Wau, Wajuru e Zoró.

Dentre esses 38 povos indígenas, decidimos trabalhar com o português indígena falado pelos povos Cao Oro Waje, Oro Eo, Oro Mon, Oro Waram Xijein, Oro Nao', Oro At, Oro Waram, que constituem um grupo maior denominado como Wari', e o povo Oro Win. Decidimos fazer esse recorte devido ao grande número de estudantes dessa etnia presentes no curso, em contraste com os outros povos. Além disso, alguns elementos gramaticais nos chamaram a atenção devido a sua variabilidade, sendo eles as concordâncias de gênero, principalmente no que tange aos possessivos e aos demonstrativos.

Deve-se destacar que os Wari' e os Oro Win são um grupo indígena que pertence à família linguística Txapakura, com cerca de 2.700 indivíduos distribuídos em cinco Terras Indígenas, a saber: Pacaás Novos, Rio Negro-Ocaia, Igarapé Lage, Ribeirão e Sagarana, no estado de Rondônia (RODRIGUES, 1986). Os Wari' são também conhecidos por diversos nomes, incluindo Pakaas Novos, Pacaás Novos, Paca Nova, Pakaa Nova, Pakaanóva ou Wari'. Embora Wari' seja o termo atualmente mais utilizado, inclusive entre os membros dessa comunidade, não é uma autodenominação, mas um classificador amplo que define os seres humanos em oposição aos não humanos (animais, inimigos etc.). Deve-se destacar que muitos Wari' utilizam essa expressão para referir-se a si próprios, em oposição aos demais povos indígenas e aos não indígenas. Os Oro Waram, Oro Nao', Oro At, Oro Eo, Oro Waram Xijein, Oro Jowin, Oro Mon e Oro Cao' Oro Waji, embora apresentem uma grande unidade cultural e linguística, compreendem algumas diferenças em termos de mitos, tradições orais, artesanato, repertório musical e linguístico.

De acordo com Sousa (2009), os Wari' foram mencionados pela primeira vez pelo Coronel Ricardo Franco em 1798, localizados nas margens do rio Pacaas Novos (SOUZA, 2009). No entanto, até o início do século XX, os Wari' mantiveram-se isolados, possivelmente porque viviam em áreas de difícil acesso ou de pouco interesse econômico.

Ainda de acordo com Sousa (2009), durante o primeiro ciclo da produção de borracha, de 1879 a 1912, o rio Madeira desempenhou um papel fundamental como a principal via de acesso para explorar as florestas em busca de seringais visando a obtenção da matéria-prima. Simultaneamente, foi iniciada a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, destinada a superar os obstáculos de quedas d'água no rio Madeira até Guajará-Mirim, com o propósito de facilitar o transporte da produção de látex até o Oceano

Atlântico. Assim, de acordo com a autora, “O primeiro atrito documentado entre os Wari’ e os trabalhadores da ferrovia ocorreu em 1919, quando raptaram vários índios e os levaram para ser exibidos na cidade” (SOUSA, 2009, p. 14). No entanto, com o declínio na produção da borracha, os seringueiros foram obrigados a abandonar suas atividades, e os Wari’, que haviam sido obrigados a abandonar suas terras, puderam reocupar algumas das antigas aldeias.

Com o segundo ciclo da borracha, nos anos de 1940, os Wari’ tiveram novamente a ocupação dos seringais nas margens do rio Pacaas Novos, afluente do Mamoré e mais densamente ocupado. Por volta de 1950, de acordo com Souza (2009), foi o auge dos conflitos entre os Wari’ e os não indígenas, onde os seringalistas atacavam aldeias, portando armamento de fogo, exterminando grande parte de seus habitantes.

Sendo assim, atualmente, a distribuição dos Wari’ no estado de Rondônia reflete a história de resistência e luta desse povo pela proteção de seus territórios e pela garantia de seus direitos. De acordo com Apontes (2015), a distribuição dos povos Wari’ no estado de Rondônia é caracterizada por sua presença em diferentes Terras Indígenas. Após o período de contato, vários grupos Wari’ passaram a viver juntos em diferentes regiões, como as Terras Indígenas Ribeirão, Igarapé Laje, Pacaás Novas, Rio Negro Ocaia e Sagarana. Essa distribuição geográfica faz com que as diferenças linguísticas entre os grupos Wari’ diminuam gradualmente, embora ainda não haja um registro sistematizado mínimo dessas variações. O autor destaca, ainda, que a falta de estudos descritivos abrangentes sobre o conjunto de línguas Wari’ apenas ressalta a necessidade de um trabalho mais detalhado para melhor compreender e documentar a língua.

A apresentação acima é fundamental para uma melhor caracterização dos indivíduos cujo português de contato foi analisado nesta pesquisa. Assim, o *corpus* aqui analisado é composto por falas de estudantes em contextos de eventos acadêmicos, sendo eles duas rodas de conversas de Mesas Temáticas do 8º Seminário da Educação Intercultural, e sete aulas da disciplina de Oralidade e Escrita I, ofertada em 2022/1. Embora a pesquisa tenha como foco a investigação do português falado pelos estudantes Wari’, foram transcritas as falas dos estudantes das demais etnias. Assim, delimitada a variável étnica, o presente *corpus* foi constituído pela fala de 14 estudantes Wari’, sendo 10 homens e 4 mulheres, de idade entre 20 e 50 anos. Além disso, todos tinham o Wari’ como primeira língua e o português como segunda língua. Todos eram residentes de aldeias localizadas em diferentes terras indígenas em Guajará-Mirim, sendo elas: Terras Indígenas Igarapé Lage, Pacaas Novos, Rio Negro Ocaia e Sagarana.

3.1. Geração e análise dos dados

O *corpus* linguístico utilizado na presente pesquisa é constituído por falas de estudantes indígenas registradas em eventos acadêmicos e científicos do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural que ocorreram no período de 2020 a 2022. Ademais, foram utilizadas manifestações orais durante rodas de conversa em disciplinas do referido curso, ofertadas no período de 2021 a 2022 em ambiente virtual, devido às atividades remotas adotadas pela Universidade diante da pandemia do novo coronavírus. Como os temas de cada fala dependiam essencialmente dos objetivos de cada evento acadêmico ou das disciplinas, foram abordados diversos assuntos, inclusive aqueles relacionados aos contextos político-histórico-culturais pertinentes às comunidades indígenas e à formação acadêmica. Deve-se destacar que, embora os contextos que geraram os dados aqui analisados não foram produzidos tendo em vista a presente pesquisa, não se pode considerá-los como uso espontâneo da língua pelo fato de terem sido gerados em contextos acadêmicos e, assim, mais formais e controlados. Para os devidos fins de análise e com o conhecimento e consentimento dos participantes, os encontros realizados durante o período letivo remoto foram gravados, sobretudo em virtude da finalidade de cada um dos eventos acadêmicos.

Posteriormente, os dados orais foram transcritos, uma vez que não se consegue, de forma significativa e sistemática, analisar o texto oral a partir da própria oralidade. Assim, a transcrição dos dados de fala, de natureza ortográfica, foi realizada o mais fiel possível de seu real acontecimento, a fim de se gerar um registro gráfico mais permanente, embora tal fidelidade seja, para Paiva (2003), relativa. Quanto ao grau de detalhamento da transcrição, criei um sistema simplificado de transcrição, a partir de convenções já adotadas em outros projetos, que desse conta dos fenômenos linguísticos que são objeto de pesquisa nesta dissertação. A seguir, no Quadro 2, são reproduzidas as chaves de transcrição que foram adotadas:

Quadro 2 – Chave de transcrição ortográfica para o português Wari'

FENÔMENO	SINAL GRÁFICO
Final de enunciado	.
Indicar tópico, vocativo e justaposição	,
Pergunta	?
Exclamação	!
Quebra no encadeamento de enunciado por repetição* (*o enunciado progride após a repetição)	...

Quebra no encadeamento de enunciado por interrupção* ou truncamento no vocábulo (*o enunciado não progride)	/
Comentários (inclusive sobre recursos não verbais, trechos ininteligíveis ou palavras que podem não ser entendidas sem o áudio)	()
Dúvida quanto à palavra (inclusive palavras desconhecidas por quem transcreve)	< >
Manter apagamentos, segmentos adicionados (epênteses) e mudanças fonéticas (desviantes)* (*fenômenos típicos do PB não precisam necessariamente ser marcados (deve ser “menino” ao invés de “mininu”))	vô fazê as pergunta... intão vorta aqui pa eu sabê se tu tem ôtos trabaio...
Lista de interjeições	éh... eh... ah... ham... hum... oh... hã-ham
Indicação de formas desviantes* (*importante para que, durante a análise (mesmo que não sejam analisados), não haja dúvida de que a ocorrência de fato existiu e não foi um erro de digitação (ou correção automática do editor de texto))	itálico

Fonte: Autora (2023)

No que tange à análise dos dados, após a transcrição, foi realizada uma análise inicial cujo foco foi identificar, principalmente, os mecanismos morfossintáticos de codificação dos traços formais de gênero nos sintagmas nominais, com o objetivo de apresentar e descrever os dados encontrados, a fim de evidenciar propriedades gramaticais que nos permitissem dividir os fenômenos linguísticos variáveis em duas categorias maiores, a saber: F (feminino) e M (masculino). A identificação do gênero do núcleo nominal foi feita a partir de mecanismos morfossintáticos presentes em português, uma vez que assumo nesta pesquisa que apenas o gênero feminino é marcado em português, conforme Rocha (1994), Mattoso Câmara Jr. (1970) e Lucchesi (2009). Após a identificação do gênero do núcleo, as estruturas propostas no Quadro 3 foram organizadas entre as que apresentavam: (i) concordância de valor negativo e (ii) concordância de valor positivo. São apresentadas no Quadro 3, abaixo, as configurações estruturais dos sintagmas nominais que foram consideradas nesta pesquisa.

Quadro 3 – Codificação das estruturas do sintagma nominal

DN	Determinante + Núcleo
DNM	Determinante + Núcleo + Modificador
DPN	Determinante + Pronome possessivo + Núcleo
PN	Pronome possessivo + Núcleo

DNSX	Determinante + Núcleo + Modificador sem morfologia de gênero
NP	Núcleo + Pronome possessivo
NM	Núcleo + Modificador
DDN	Determinante + Determinante + Núcleo
DNP	Determinante + Núcleo + Pronome possessivo
MN	Modificador + Núcleo
DMN	Determinante + Modificador + Núcleo
DDNM	Determinante + Determinante + Núcleo + Modificador
MPN	Modificador + Pronome possessivo + Núcleo
MNSX	Modificador + Núcleo + Modificador sem morfologia de gênero
DDNP	Determinante + Determinante + Núcleo + Pronome possessivo
DDMN	Determinante + Determinante + Modificador + Núcleo
DMPN	Determinante + Modificador + Pronome possessivo + Núcleo

Fonte: Autora (2023)

O sintagma nominal e os elementos que o constituem, conforme o Quadro 3, que foram identificados nos enunciados dos participantes da pesquisa, são exemplificados em (18).

- (18)
- i) DN**
- só *pra* compartilhar **as ideia**.
 - usava só **aquela camisa**.
 - são oito, oito menino. Éh... seis menino e **duas menina**.
- ii) DNM**
- eu foi (...) lá no/ no/ **no lugá frio**.
 - que ele ministrava, com **as aulas gravada**.
- iii) DPN**
- Essa é **a minha participação**.
 - dificultô* muito desenvolvimento **do nosso trabalho**.
- iv) PN**
- pra* que possamos adquirir **nosso conhecimento**.
 - porque eles não falam **noossa língua**.
- v) DNSX**
- eu mora aqui no aldeia, **a terra indígena** Rio Negro Ocaia.
 - boa noite professores, lideranças, **os aluno estudantes**.
- vi) NP**
- ele que *ensinô* **parente dele**.

b. ela tem cinco menino, cinco, já saiu de casa, já tem **casa dela**.

vii) NM

- a. mas **ano passado** não deu nada.
b. quinta e sexta-feira que tinha **aula avaliativa**.

viii) DDN

- a. **A segunda informação** que falaram.
b. se **acabá todos esse velho**.

ix) DNP

- a. chamaram **os irmão dele**.
b. agora eles tão *legalizano* **a associação nossa**.

x) MN

- a. é **muita terra** pra cá.
b. **vários professores** já falaram, né.

xi) DMN

- a. *pra* que **no outro ano** a gente consiga se *alimentá da mesma maneira*.

xii) DDNM

- a. mas *num* tem, se *acabá um desse velho antigo*, não vai pra frente, não.

xiii) MPN

- a. **ôto meu menino** já *casô* também.

xiv) MNSX

- a. todo mês, todo ano, **todo final do ano**.

xv) DDNP

- a. **do oitavo seminário nosso**.

xvi) DDMN

- a. **umas das maiores dificuldade** que eu achei.
b. quero parabenizar **essas duas grandes guerreiras**.

xvii) DMPN

- a. às vezes *falá* até um pouco mais do que **a própria nossa língua**.

Entre os determinantes (D), há as categorias dos artigos (definidos e indefinidos), numerais e pronomes (demonstrativos e indefinidos). Em nossa análise, consideramos ainda separadamente os pronomes possessivos (P). Entre os modificadores (M), há a categoria dos adjuntos adnominais que apresentam morfologia de gênero, ao passo que

os modificadores que não variam (SX) correspondem aos adjuntos adnominais que não possuem morfologia de gênero.

Deve-se destacar que, em todos os dados que compõem esta pesquisa, não identificamos nenhum caso de desvio de codificação da categoria gramatical do gênero no núcleo dos sintagmas nominais, apenas em seus determinantes e modificadores. Portanto, o português de contato aqui analisado apresenta o gênero de forma categórica no nome núcleo. Dessa forma, está sendo observado em que medida os determinantes e modificadores que acompanham esse nome núcleo estão aplicando a regra da concordância nominal de gênero.

Para a investigação do fenômeno da concordância nominal, pretendia-se inicialmente considerar alguns fatores extralinguísticos, a saber: idade do falante; grupo étnico; domínio de língua indígena e portuguesa. No entanto, é preciso levar em consideração que este é um *corpus* pequeno, ainda em desenvolvimento. Dessa forma, alguns fatores extralinguísticos não puderam ser analisados de forma mais consistente e sistemática devido ao baixo número de participantes. Assim, os critérios que foram considerados na análise dos dados relacionam-se às variáveis estruturais, levando em consideração, principalmente, os princípios propostos por Lucchesi (2009). Além disso, foram considerados alguns aspectos linguísticos entre o português indígena Wari' e a língua étnica, sobretudo considerando o processo de aquisição da língua portuguesa.

4. ALGUNS ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA WARI'

De acordo com Vilaça (1992), o povo Wari' se organiza em oito subgrupos, sendo eles: Oro Nao', Oro Eo, Oro At, Oro Mon, Oro Waram, Oro Waram Xijein, Oro Cao-Oro Waje e Oro Jowin. Cada subgrupo tem um nome que começa com a palavra "oro", que é uma partícula coletivizadora que pode ser traduzida com um sentido coletivo de todos, o grupo, e possui um significado para todos os nomes dos subgrupos.

Embora não exista um nome que designe o grupo Wari' como um todo, a palavra "Wari'" designa o pronome de primeira pessoa do plural inclusivo, "nós", que também significa "ser humano" e "gente". Em diálogo com os participantes, é comum utilizarem o termo Wari' para referir-se a esses subgrupos, ao passo que, ao se adicionar a partícula coletivizadora, formando a expressão Oro Wari', esta nova expressão passa a se referir a todos os povos indígenas, excluindo-se, assim, os não indígenas, que são denominados como *wayam*, que designa "inimigo". Apesar da diversidade, os subgrupos mantêm sua identidade e se reconhecem como uma única unidade: Wari' é como eles preferem ser chamados. Portanto, essas informações destacam a luta cotidiana desses povos, bem como a importância do resgate da cultura e da língua dessa comunidade indígena.

Como o presente trabalho pretende investigar o português falado pelos estudantes indígenas Wari', torna-se imprescindível apresentar nesta seção algumas propriedades gramaticais da língua indígena em si, uma vez que, ao menos hipoteticamente, pode haver fenômenos do português indígena que podem ser explicados à luz da transferência da língua étnica no processo de aprendizagem do português, por exemplo. Diante disso, esta seção está organizada em quatro partes, que apresentam alguns aspectos gramaticais do Wari', sobretudo para contrastar com a língua portuguesa. Na seção 4.1, trazemos algumas informações tipológicas da língua Wari' no que tange ao domínio verbal, levando em consideração algumas características referentes à ordem das palavras, à concordância verbal e aos verbos de ligação. Na seção 4.2, serão apresentadas algumas características do domínio nominal, levando em consideração a estrutura do sintagma nominal e estrutura de posse. Na seção 4.3, serão discutidos alguns aspectos da marcação do gênero gramatical em Wari', e, por fim, na seção 4.4, a presença desses aspectos gramaticais no português indígena aqui discutido. Deve-se, de antemão, destacar que os exemplos do Wari' apresentados nesta seção, quando não indicam a fonte, referem-se a dados da variedade Oro Waram obtidos ao longo desta pesquisa.

- (23) hrik pin non trama? ate?
na-on ate-e?
ver PERF 3SG-3SG.M homem.M pai.M-1SG
“Meu pai já viu o homem.”
“*O homem já viu meu pai.”
- (24) hrik pin non (24) ate? trama?
na-on ate-e?
ver PERF 3SG-3SG.M pai.M-1SG homem.M
“*Meu pai já viu o homem.”
“O homem já viu meu pai.” (CCA, 2021, p. 28)

Os exemplos (23) e (24) apresentados demonstram a importância tanto da ordem de palavras quanto do sistema de concordância verbal na língua Wari' para determinar as funções sintáticas dos argumentos nucleares. Ambos os exemplos têm os mesmos sintagmas nominais, com o traço de gênero masculino, capazes de exercer a função de objeto e de engatilhar o morfema *-on* no predicado verbal. No entanto, a ordem das palavras é diferente em cada exemplo, o que determina a função sintática de cada sintagma nominal.

No exemplo (23), a ordem das palavras é VOS, o que significa que o sujeito vem após o verbo e o objeto vem por último. Portanto, *trama?* é o objeto e *ate?* é o sujeito. Já no exemplo (24), a ordem das palavras é VSO, o que significa que o objeto vem antes do sujeito. Portanto, *trama?* é o sujeito e *ate?* é o objeto.

Assim, é possível afirmar que, na língua Wari', tanto a ordem de palavras quanto o sistema de concordância verbal são recursos gramaticais conjuntos e não absolutos para distinguir as funções sintáticas dos argumentos nucleares. Embora o sistema de concordância seja essencial para identificar o gênero dos objetos, a ordem das palavras pode ser o mecanismo gramatical suficiente para distinguir as funções sintáticas. A combinação desses recursos gramaticais faz com que a língua Wari' apresente uma estrutura sintática rígida, mas ainda assim flexível em certos contextos.

Segundo os autores, o sistema de concordância verbal da língua Wari' apresenta paradigmas de concordância específicos para as construções declarativas afirmativas, como apresentado pelos autores. Assim, Calindro, Camargos e Apontes (2021) apresentam o sistema de concordância verbal, que desempenha um papel fundamental na identificação das funções sintáticas dos argumentos verbais. De acordo com os autores, o predicado verbal intransitivo na língua Wari' utiliza o paradigma de concordância com o

sujeito, que varia de acordo com os traços de pessoa e número, como apresentado nos exemplos abaixo:

- (25) a. mo ?na
 correr 1SG
 “Eu corri.”
- b. mo ma?
 correr 2SG
 “Você correu.”
- c. mo na trama?
 correr 3SG homem.M
 “O homem correu.”
- d. mo na narima?
 correr 3SG mulher.F
 “A mulher correu.”
- e. jeɲ ri?
 correr 1PL.INCL
 “Nós corremos.”
- f. jeɲ ryt
 correr 1PL.EXCL
 “Nós corremos.”
- g. jeɲ he?
 correr 2PL
 “Vocês correram.”
- h. jeɲ nana
 correr 3PL
 “Eles (as) correram.”
- (26) a. pan ?na
 cair 1SG
 “Eu caí.”
- b. pan ma?
 cair 2SG
 “Você caiu.”
- c. pan na trama?
 cair 3SG homem.M
 “O homem caiu.”
- d. pan na narima?
 cair 3SG mulher.F
 “A mulher caiu.”
- e. kamra ri?
 cair 1PL.INCL
 “Nós caímos.”
- f. kamra ryt
 cair 1PL.EXCL
 “Nós caímos.”
- g. kamra he?
 cair 2PL
 “Vocês caíram.”
- h. kamra nana
 cair 3PL
 “Eles (as) caíram.”

A partir dos exemplos acima, é possível verificar que verbos inergativos (25a-h) e inacusativos⁵ (26a-h) não se diferenciam quanto à marcação de gênero. Tendo, portanto, analisado os paradigmas de concordância verbal dos predicados transitivos e intransitivos em Wari', constatamos que estamos diante de uma língua cujo sistema é Nominativo-Acusativo. Assim, de acordo com exemplos acima, em (25), pode-se perceber que, na

⁵ Inergativos são verbos intransitivos cujo sujeito tem a interpretação semântica de agente; no âmbito da Teoria Gerativa, é o argumento externo. Já os inacusativos são verbos intransitivos cujo sujeito tem a interpretação semântica de afetado ou tema; na Teoria Gerativa, é o argumento interno.

terceira pessoa, tanto masculina quanto feminina, é utilizada reduplicação para indicar plural. Já para a terceira pessoa de gênero neutro, não ocorre reduplicação.

Já nos verbos transitivos, são apresentados os paradigmas de concordância para o sujeito e para o objeto sintático, com marcadores e morfemas que indicam os traços de pessoa, número e gênero.

- (27) a. hrik [?]non trama?
 [?]na-on
 ver 1SG-3SG.M homem.M
 “Eu vi o homem.”
- b. hrik mon trama?
 ma?-on
 ver 2SG-3SG.M homem.M
 “Você viu o homem.”
- c. hrik nam narima? me?
 na-am
 ver 3SG-3SG.F mulher.F pássaro.N
 “O pássaro viu a mulher.” (CCA, 2021, p. 30-31)

Nos exemplos apresentados, é possível observar que o verbo transitivo concorda com seu sujeito e objeto através dos marcadores de pessoa, número e gênero, que variam dependendo das características gramaticais de cada argumento. Assim, marcador de sujeito codifica apenas os traços de pessoa e número, enquanto o marcador de objeto codifica os traços de pessoa, número e gênero, sendo que este último é presente somente no marcador de terceira pessoa referente ao objeto.

Outra característica do domínio verbal da língua Wari’ é a ausência de verbos de ligação, ao contrário do português. Em vez disso, muitas palavras de natureza semântica adjetival se comportam como verbos, o que é uma peculiaridade que torna a língua interessante para estudos linguísticos. Os exemplos (28), (29) e (30), obtidos ao longo desta pesquisa junto a um dos nossos colaboradores, ilustram essa característica.

- (28) awi na arawet
 bem 3SG criança
 “A/Uma criança está bem”

- (29) ape? ma?
faminto 2SG
“Você está com fome?”
- (30) ʃaŋ tamana na toon
quente muito 3SG panela
“A panela está muito quente”

No exemplo (28), a palavra *awi*, que significa “estar bem”, é utilizada como um verbo para expressar a condição da criança. O mesmo acontece com *ape?* em (29), que significa “estar faminto”, utilizado como um verbo para perguntar se alguém está com fome. Em (30), a palavra *ʃaŋ*, que significa “estar quente”, é usada como um verbo para descrever a temperatura da panela.

Essa ausência de verbos de ligação é uma característica comum em línguas classificadas como analíticas, onde as informações gramaticais são expressas por meio de palavras livres, em vez de afixos ou formas presas. A língua Wari’, portanto, é uma língua analítica que utiliza palavras de natureza adjetival como verbos para expressar estados e condições.

Na próxima seção, serão apresentados alguns aspectos estruturais do domínio nominal em Wari’, levando em consideração, entre outras coisas, as estruturas de posse e estruturas adjetivas.

4.2. A estrutura do domínio nominal

Nesta seção, o objetivo é analisar a estrutura morfológica e sintática dos sintagmas nominais na língua Wari’, a fim de compreender algumas de suas propriedades que ajudam a distinguir nomes. Assim, uma primeira diferença notável em relação à língua portuguesa é que a língua Wari’ não possui artigos para indicar, por exemplo, a definitude dos sintagmas nominais. Portanto, a sentença abaixo pode ser interpretada como contendo sintagmas nominais tanto definidos quanto indefinidos, tornando-a ambígua nesse aspecto.

- (31) pa? naŋ mijak trama?
 na-ŋ
matar 3SG-3SG.N porco.N homem.M
“O/Um homem matou o/um porco”

No entanto, apesar de os sintagmas nominais em Wari' não possuírem artigos para codificar a definitude do nome, a língua apresenta uma posição sintática para determinantes, realizados através dos diversos pronomes demonstrativos, que precedem o nome que determinam. Em Wari', os demonstrativos são pós-nominais, ou seja, aparecem depois do substantivo e levam em conta também o gênero dos substantivos a que se referem. Os exemplos presentes em (32a-b) e (33a-b) apresentam o uso de pronomes demonstrativos para indicar a distância do referente em relação ao falante ou ouvinte.

- (32) a. paʔ naɲ mijak [tramaʔ **kwaj**]
 na-ɲ
 matar 3SG-3SG.N porco.N homem.M aquele.M
 “Aquele homem matou o/um porco” (distante do ouvinte/falante)
- b. paʔ naɲ [mijak **kaɲ**] tramaʔ
 na-ɲ
 matar 3SG-3SG.N porco.N aquele.N homem.M
 “O/Um homem matou aquele porco” (distante do ouvinte/falante)

No exemplo (32a), o pronome *kwaj* acompanha o substantivo *tramaʔ* e indica que o porco está distante. Já no exemplo (32b), o pronome *kaɲ* acompanha o substantivo *mijak* e indica que o homem está distante. Já os exemplos (33a-b), abaixo, apresentam a mesma estrutura sintática dos exemplos (32a-b), mas com pronomes demonstrativos diferentes.

- (33) a. paʔ naɲ mijak [tramaʔ **kwaʔ**]
 na-ɲ
 matar 3SG-3SG.N porco.N homem.M esse.M
 “Esse homem matou o/um porco” (próximo do falante)
- b. paʔ naɲ [mijak **kaʔ**] tramaʔ
 na-ɲ
 matar 3SG-3SG.N porco.N esse.N homem.M
 “O/Um homem matou esse porco” (próximo do falante)

No exemplo (33a), temos o pronome demonstrativo *kwaʔ* “esse”, que indica proximidade com o falante. Assim, a sentença pode ser traduzida como “Esse homem matou o/um porco”, sendo o “homem” referente a algo que está próximo do falante. Já no exemplo (33b), temos o pronome demonstrativo *kaʔ* “esse”, mas agora ele está

referenciando o porco, que está próximo do falante. Assim, a sentença pode ser traduzida como “O/Um homem matou esse porco”, indicando que o porco está próximo do falante e não o homem.

Em relação à estrutura argumental, segundo CCA (2021) afirmam que os sintagmas nominais na língua Oro Waram e Oro Waram Xijein são classificados em três tipos: obrigatoriamente possuídos, opcionalmente possuíveis e não possuíveis. Assim, existem duas estratégias gramaticais para codificar os argumentos na função de possuidor: a primeira é adicionando morfemas de concordância nominal a uma base chamada *ne-*, resultando em formas plenas; já a segunda é adicionando sufixos que se unem ao sintagma nominal possuído, gerando formas presas. Ambas formas estão listadas no quadro abaixo:

Quadro 4 – Marcadores possessivos

Pronomes	Forma plena	Formas presas		
1SG	neʔ	-aʔ	-eʔ	-yʔ
2SG	nem	-am	-em	-ym
3SG.M	nekyn	-kon	-kyn	-kon
3SG.F	nekem	-kam	-kem	-kam
3N	neɲ	-ɲ	-ɲ	-ɲ
1PL.INCL	nefi	-fi	-fi	-fi
1PL.EXCL	nefyt	-fyt	-fyt	-fyt
2PL	nehyʔ	-hyʔ	-hyʔ	-hyʔ
3PL.M	nekykyn	-kokon	-kykyn	-kokon
3PL.F	nekekem	-kakam	-kekem	-kakam

Fonte: Apontes (2015, p. 101)

Assim, segundo os autores, os sintagmas nominais que necessariamente precisam estar acompanhados de um possuidor incluem nomes que expressam relações de parentesco, partes do corpo de pessoas e animais, e objetos que culturalmente são sempre considerados como posses de alguém ou de alguma coisa. Abaixo, são apresentados exemplos fornecidos pelos autores com as três variações alomórficas do paradigma das formas presas.

- (34) a. winaʔ
 wina-aʔ
 cabeça-1SG.GEN

“Minha cabeça”

- b. ʔyreʔ
 ʔyre-eʔ
 nariz-1SG.GEN
 “Meu nariz”
- c. trajyʔ
 traji-yʔ
 orelha-1SG.GEN
 “Minha orelha” (CCA, 2021, p. 33)

Nos exemplos acima, os autores mostram que o possuidor em uma frase é indicado através de formas presas no núcleo do sintagma possessivo. Esses nomes são obrigatoriamente possuídos, o que significa que não é possível usá-los sem alguma marca de posse ou usando a base *ne-*.

Já os sintagmas nominais opcionalmente possuíveis são compostos por nomes que podem ou não ter um possuidor. Em alguns casos, o possuidor é expresso por meio de formas presas, enquanto em outros é expresso de forma plena. Além disso, a interpretação desses nomes pode variar de acordo com a forma como o possuidor é expresso.

- (35) a. hrik ʔnaʔ **trim**
 ʔna-ʔ
 ver 1SG-3SG.N casa.N
 “Eu vi uma casa.”
- b. hrik ʔnaʔ **ʃryhyʔ**
 ʔna-ʔ trim-hyʔ
 ver 1SG-3SG.N casa-2PL.GEN
 “Eu vi a vossa casa.”
- c. hrik ʔnaʔ **trim** **nehyʔ**
 ʔna-ʔ
 ver 1SG-3SG.N casa.N 2PL.GEN
 “Eu vi as vossas casas.”
- (36) a. pan maw ʔnaʔ **makan**
 ʔna-ʔ makar
 cair RES 1SG-3SG.N terra.N
 “Eu caí no chão.”

- b. *maki?* [?]*naŋ* ***makrahy?***
 [?]*na-ŋ* *makar-hy?*
 chegar 1SG-3SG.N terra-2PL.GEN
 “Eu cheguei da vossa terra.”
- c. *maki?* [?]*naŋ* ***makan*** ***nehy?***
 [?]*na-ŋ* *makar*
 chegar 1SG-3SG.N terra.N 2PL.GEN
 “Eu cheguei das vossas terras.”

Assim, pode-se inferir algumas interpretações do campo semântico no que tange à realização dos possuidores como forma presa ou forma plena. Assim, a forma como o possuidor é expresso (como forma presa ou forma plena) pode resultar em interpretações semânticas distintas. Nos exemplos dados em (35b) e (36b), onde o possuidor é expresso como um morfema afixado ao nome possuído, isso é utilizado quando há um único objeto possuído cuja posse é compartilhada entre os possuidores, como uma casa ou uma terra. Já em (35c) e (36c), onde a relação de posse é distribucional, deve haver tantos objetos possuídos quantos possuidores forem necessários para que a relação de posse seja de um para um. Em outras palavras, a forma como o possuidor é expresso pode indicar se a posse é compartilhada ou distribucional.

Os sintagmas nominais não possuíveis, por fim, referem-se a nomes que denotam elementos da natureza ou sobrenaturais, como sol, lua, floresta, rio e espíritos, e que culturalmente não podem ser possuídos. Diferentemente dos sintagmas nominais obrigatória ou opcionalmente possuídos, nesses casos não há a realização de estruturas morfológicas ou sintáticas de posse. Esses elementos são considerados inalienáveis, ou seja, são vistos como parte da identidade e essência de uma pessoa ou comunidade, e não podem ser separados ou possuídos como objetos. Portanto, a ausência de marca de posse nesses nomes não implica em uma relação de não posse, mas sim em uma característica intrínseca a eles.

A partir dos elementos aqui discutidos no que se refere à constituição do sintagma verbal e do sintagma nominal em Wari’, a próxima seção tem como objetivo apresentar alguns aspectos relativos, especificamente, à categorização do gênero gramatical nessa língua.

4.3. O gênero gramatical em Wari'

No que tange à marcação do gênero gramatical, nessa língua, ao contrário do português, o gênero não é marcado morfologicamente nos nomes. Em vez disso, as classes nominais são reveladas por meio de estratégias morfossintáticas, sendo que há três classes nominais principais: masculino, feminino e neutro, como mostram os exemplos abaixo:

(37) Classe dos femininos:

[+humano]: *narima?* “mulher”, *fojam* “moça”, *na?* “mãe”, *honona* “irmã mais velha”, *pijene* “filha”, *nowin* “sobrinha (filha da irmã)”.

(38) Classe dos masculinos:

- a. [+humano]: *trama?* “homem”, *fohra?* “rapaz”, *ate?* “pai”, *kawinafi?* “filho”, *wafa* “irmão”.
- b. [-humano; +animado]: *komem* “veado”, *min* “anta”, *jowin* “macaco-prego”, *kotowa* “veado”, *kopakaw* “onça”, *piwa* “cutia”, *me komowa* “mutum”, *takaw* “cará (espécie de peixe)”.
- c. [-animado]: *awom* “roupa”, *panawo* “lua”, *piwo?* “estrela”.

(39) Classe dos neutros:

- a. [-humano; +animado]: *krawa?* “animal, coisa”, *nowi* “poraquê”, *pikot* “tatu”, *mijak* “queixada”, *katafik* “porquinho”, *waram* “macaco-preto”, *kotraho* “galo/galinha”.
- b. [-animado]: *kore?* “corpo”, *trim* “casa”, *kom* “água, rio”, *man* “buraco”, *pakyn* “pedra”.

A classe nominal feminina restringe-se a nomes que se referem a seres humanos do sexo feminino, como *narima?* “mulher”, *xojam* “moça” e *na?* “mãe”. A classe nominal masculina inclui nomes de seres humanos do sexo masculino, além de um conjunto de animais e seres inanimados, como *trama?* “homem”, *fohra?* “rapaz”, *ate?* “pai”, *komem* “veado” e *kopakaw* “onça”. A classe nominal neutra inclui nomes de alguns animais e seres inanimados, como *krawa?* “animal, coisa”, *nowi* “poraquê”, *pikot* “tatu”, *kore?* “corpo”, *trim* “casa”, *kom* “água, rio”, *man* “buraco” e *pakyn* “pedra”.

Ainda, alguns nomes na língua Wari' podem migrar de classe nominal, como é o caso de *mijak*, que se refere a onça quando masculino e a queixada quando neutro, e de *arawet*, que pode ser tanto menino quanto menina, dependendo da classe nominal. Já a palavra *ham*, quando é masculina, refere-se a um conjunto de peixes, e quando é neutra, refere-se a outro, sendo essa uma distinção feita para espécies de peixes.

Algumas estratégias morfossintáticas são usadas na língua Wari' para revelar a classe nominal a que cada nome pertence. Assim, a concordância verbal em Wari' torna-se uma estratégia importante para indicar o gênero dos nomes, já que essa língua não possui marcadores de gênero nos próprios substantivos. Portanto, ao usar verbos transitivos, como vimos anteriormente, é possível identificar o gênero do objeto a partir da concordância verbal com o verbo, como mostram os exemplos abaixo:

- (40) a. hrik mon trama?
 maʔ-on
 ver 2SG-3SG.M homem.M
 “Você viu o homem.”
- b. hrik mam narima?
 maʔ-am
 ver 2SG-3SG.F mulher.F
 “Você viu a mulher.”
- c. hrik maŋ kom
 maʔ-ŋ
 ver 2SG-3SG.N rio.N
 “Você viu o rio.”

Dessa forma, percebe-se que, com o sujeito, concordam em pessoa e número, e, com o objeto, concordam com pessoa, número e gênero. Nos exemplos (40a-c), isso ocorre através dos sufixos *-on*, para marcar o gênero masculino e concordar com *tramaʔ*, que significa homem, *-am*, para marcar o gênero feminino e concordar com *narimaʔ*, que significa mulher, e *-ŋ*, para marcar o gênero neutro e concordar com *kom*, que significa rio.

Outra estratégia utilizada no Wari' é a concordância nominal em estruturas possessivas. A marca de concordância ocorre no núcleo do sintagma nominal, em que é possível afixar-se diretamente ao nome possuído, como em (41a-c), ou a uma base genitiva, como em (42a-c), abaixo:

- (41) a. *timikom* trama?
 timi-kom
 coração-3SG.M homem.M
 “coração do homem”
- b. *timikam* narima?
 timi-kam
 coração-3SG.F mulher.F
 “coração da mulher”
- c. *timij̃* me?
 timi-j̃
 coração-3SG.N pássaro.N
 “coração do pássaro”
- (42) a. *trim* nekym trama?
 ne-kym
 casa GEN-3SG.M homem.M
 “Casa do homem
- b. *trim* nekam narima?
 ne-kam
 casa GEN-3SG.F mulher.F
 “Casa da mulher
- c. *trim* nekym me?
 ne-kym
 casa GEN-3SG.M pássaro.N
 “Casa do pássaro”

Em (41a), temos a palavra *timi-kom*, que significa “coração do homem”, onde *-kom* é a marca de concordância para o masculino. Já em (41b), temos a palavra *timi-kam*, que significa “coração da mulher”, onde *-kam* é a marca de concordância para o feminino. Por fim, em (41), temos a palavra *timi-j̃*, que significa “coração do pássaro”, em que *-j̃* é a marca de concordância para o gênero neutro. O mesmo ocorre em (42a) e (42c), onde a marca de concordância *-kym* é utilizada para o masculino e para o neutro, e *-kam* para o feminino, em (42b). No entanto, nesses exemplos, os sufixos de concordância são afixados a uma base genitiva, *ne-*, e não ao núcleo do sintagma nominal, como nos exemplos anteriores. Dessa forma, percebe-se que, nas estruturas de posse em Wari’, a

marca de concordância pode tanto ocorrer no núcleo quanto em uma base genitiva, concordando com o possuidor, enquanto em português a marca de concordância, além de ocorrer no possuidor, concorda com a coisa possuída.

Da mesma forma, conforme Apontes (2015), os adjetivos em Wari’, que compreendem uma pequena classe de palavras, também recebem um sufixo que concorda com o gênero do núcleo do sintagma nominal, como em português, como nos exemplos abaixo:

- (43) a. *wijikon* trama?
 wiji-kon
 pequeno-3SG.M homem.M
 “Homem pequeno”
- b. *wjikam* narima?
 wiji-kam
 pequeno-3SG.F mulher.F
 “Mulher pequena”
- c. *wijimaŋ* me?
 wiji-maŋ
 pequeno-3SG.N pássaro.N
 “Pássaro pequeno”

Em (43a), temos o adjetivo *wiji-kon*, que significa “pequeno”, onde *-kon* é a marca de concordância para o masculino. Já em (41b), temos a palavra *wiji-kam*, que significa “pequena”, onde *-kam* é a marca de concordância para o feminino. O mesmo ocorre em (43c), onde a marca de concordância *-maŋ*, que, nos exemplos, é utilizada para o neutro.

Deve-se destacar que as estruturas que envolvem adjetivos em Wari’, como em (43), comportam-se de forma análoga às estruturas de predicados possessivos, como em (41). Esses predicados nominais, no entanto, comportam-se diferentemente de predicados intransitivos inacusativos, como vimos anteriormente em (26), em que os marcadores de pessoa não codificam o gênero de seu sujeito.

Nos exemplos abaixo, estão apresentadas as estruturas nominais com os demonstrativos:

- (44) a. *kep maŋ mijak kaʔ*
 maʔ-ŋ
 segurar 2SG-3SG.N porco.N esse.N
 “Você segurou esse porco (próximo do falante)”
- b. *kep maŋ kopakaw /narimaʔ kwaʔ*
 maʔ-ŋ
 segurar 2SG-3SG.N onça.M/mulher.F esse.M/F
 “Você segurou essa onça/essa mulher (próximo do falante)”
- (45) a. *kep maŋ mijak kaŋ*
 maʔ-ŋ
 segurar 2SG-3SG.N porco aquele.N
 “Você segurou aquele porco (longe do falante)”
- b. *kep maŋ kopakaw/narimaʔ kwaŋ*
 maʔ-ŋ
 segurar 2SG-3SG.N onça.M/mulher.F aquele.M/F
 “Você segurou aquela onça/aquela mulher (longe do falante)”

Em Wari’, os demonstrativos são pós-nominais, ou seja, aparecem depois do substantivo e levam em conta também o gênero dos substantivos a que se referem, como vimos na seção anterior. Nos exemplos apresentados, os demonstrativos fazem distinção binária apenas entre feminino/masculino e neutro. Em (44a-b), as formas *kaʔ* e *kwaʔ*, referem-se, respectivamente, a um substantivo de gênero neutro, *mijak* “porco”, e *kwaʔ* a um substantivo masculino, *kopakaw* “onça”, ou feminino, *narimaʔ* “mulher”. De forma semelhante, em (45a-c), as formas *kaŋ* e *kwaŋ* referem-se, respectivamente, a um substantivo de gênero neutro, *mijak* “porco”, e *kwaŋ* a um substantivo masculino, *kopakaw* “onça”, e feminino, *narimaʔ* “mulher”. Assim, a partir dos exemplos aqui apresentados, depreende-se que os pronomes demonstrativos em Wari’ apresentam apenas duas formas: uma para o gênero neutro, ilustrado pelos exemplos (44a) e (45a), e outra, que não se distingue em feminino ou masculino, ilustrada pelos exemplos (44b) e (45b).

Apresentadas as estratégias morfossintáticas de codificação de gênero em Wari’, será apresentada, abaixo, uma estratégia lexical utilizada em Wari’ para distinguir o sexo dos animais:

(46)	a.	tramajijn	hop	b.	aramanaɲ	hop
		tramaji-ɲ			aramana-ɲ	
		macho-3SG.N	jacaré.N		fêmea-3SG.N	jacaré.N
		“jacaré-macho”			“jacaré-fêmea”	
(47)	a.	tramajikon	min	b.	aramanakam	min
		tramaji-kon			aramana-kam	
		macho-3SG.M	anta.M		fêmea-3SG.M	anta.M
		“anta-macho”			“anta-fêmea”	

Os exemplos acima ilustram a estratégia lexical em Wari’ para distinguir o sexo dos animais. No primeiro exemplo, (46a), o substantivo “jacaré” tem seu sexo realizado através da palavra *tramaji-*, que significa “macho”; e, em (46b), o sexo é indicado através da palavra *aramana-*, que significa “fêmea”, formando, assim, “jacaré-macho” e “jacaré-fêmea”. Deve-se notar que, independentemente do sexo indicado lexicalmente nos exemplos em (46), não há mudança na classe do substantivo *hop* “jacaré”, que permanece na classe dos neutros. Mais interessante ainda são os exemplos em (47), visto que o substantivo *min* “anta”, que se trata de um substantivo masculino, ao ter seu sexo realizado pelas formas lexicais *tramaji* “macho” e *aramana* “fêmea”, continua pertencendo à classe dos substantivos masculinos. Gramaticalmente, isso se dá pelo morfema *-kon*, que estabelece a relação de concordância de gênero masculino com a palavra *min*. Assim, ainda que se trate de uma anta-fêmea, a palavra *min* continua sendo um substantivo masculino.

Em conclusão, a língua Wari’ apresenta um conjunto de estratégias morfossintáticas que revelam a classe nominal das palavras, permitindo a distinção entre gênero masculino, feminino e neutro, dependendo se trata-se de substantivos animados ou inanimados. As estratégias envolvem, por exemplo, o uso de sufixos, a concordância nominal e os demonstrativos pós-nominais. Além disso, a língua Wari’ apresenta uma estratégia lexical para distinguir o sexo dos animais, por meio do uso de termos específicos para macho e fêmea. Essas características tornam a língua Wari’ um objeto de estudo interessante para a descrição e comparação de línguas indígenas brasileiras, bem como para a pesquisa sobre a estrutura e a variação linguística em geral.

4.4. Características do português Wari’

Apesar de ser possível identificar estudos linguísticos sobre o Wari’ e seus subgrupos linguísticos, pouco se sabe linguisticamente sobre o português indígena falado

por esse povo. A presente pesquisa, inclusive, constitui-se como a primeira investigação a respeito dessa variedade do português. Dessa forma, faz-se necessário realizar uma breve caracterização do português indígena aqui descrito e analisado, visto que, além das variações na realização da concordância de gênero, apresenta algumas outras interessantes propriedades notadas em nossos dados.

Assim, pretendemos apresentar dados do português Wari', pertencentes ao nosso *corpus*, que apresentam fortes indícios de transferências de propriedades gramaticais do Wari' para esse português de contato, tais como: inexistência de artigos, ausência de verbos de ligação, bem como algumas variações na concordância verbal no que tange à conjugação dos verbos em primeira pessoa, e, por fim, algumas variações na concordância de número.

No que se refere à **ausência de artigo no português Wari'** aqui analisado, é possível relacionar à inexistência de artigos em Wari', já apresentada em seções anteriores. Assim, pode-se identificar algumas dessas ocorrências identificadas abaixo, em que não há a presença de artigo para codificar a definitude dos nomes em destaque:

- (48) a. peguei a bicicleta, foi andei sozinho, foi rodando **lagoa** todo
 b. quando **peessoal** fura do meio
 c. foi meu pai que *ensinô* **parente** dele *plantá*.

Nos exemplos como os de cima, é esperado que se realizem artigos definidos ou indefinidos nas variedades cultas do português brasileiro. A ausência desses artigos no português Wari' pode ser explicada tanto pela perspectiva de aquisição precária do português como L2 quanto por eventuais processos de transferência de propriedades da gramática do Wari', cuja propriedades semânticas de referencialidade não são codificadas por determinantes.

Abaixo, são apresentados dados referentes à ausência de **verbos de ligação no português Wari'**:

- (49) a. parece que (**é**) perto, né, quando rio tá cheio
 b. prefere à noite, porque (**é**) fria, né, de dia tá quente.
 c. barco que a gente anda (**é**) sem tolda, aquela sem cobertura
 d. a gente leva direto pra cidade, Guajará-Mirim, quando preço (**tá/é**) bom
 e. tem (que) procurá lenha, né, porque a lenha (**é/tá**) todo molhado .

Percebe-se, portanto, que algo muito próximo do que acontece na língua étnica, como já apresentado, ocorre no português Wari', como ilustram os exemplos acima, em que se identifica a ausência dos verbos de ligação em estruturas predicativas. Nos exemplos apresentados, podemos observar essa construção em frases como “parece que perto” (49a), “porque fria” (49b), “barco que a gente anda sem tolda” (49c) e “quando preço bom” (49d). Nessas estruturas, o predicativo do sujeito (“perto”, “fria”, “sem tolda” e “bom”) é apresentado diretamente após o sujeito, sem a necessidade de um verbo de ligação. Embora essa estrutura seja menos comum nas variedades cultas do português, ela é uma característica marcante do português Wari'.

Da mesma forma, os dados abaixo ilustram as diferentes formas em que se dá a **concordância verbal de primeira pessoa** nos dados aqui apresentados

- (50) a. **Eu sai** daqui cedo, aí eu **chega** lá sete oito hora da noite;
 b. **Eu foi, eu foi.** Quase não deu nada castanha;
 c. quando dá frio, né, **sente** dô, quando **eu senta** muito, vinte e quatro horas *sentano*, **sente** dô;
 d. **eu tem** dicionário/ dicionário Oro Não' que eu peguei.

Nos exemplos apresentados, é possível observar a presença de verbos em sua forma na terceira pessoa, embora tenham como sujeito a primeira pessoa do singular. Assim, conforme os dados de (50a-d), os verbos “chegar”, “ir” “sentir”, “sentar” e “ter” estão conjugados na terceira pessoa do singular, mas são usados para indicar ações realizadas pelo falante, que, em todos os exemplos, é a primeira pessoa do singular. Uma hipótese para que isso esteja acontecendo é o de que, por ser tratar de uma língua étnica isolante, em que a marca de concordância ocorre separada do verbo lexical, é possível que os falantes dessa variedade do português aqui analisado talvez estejam espelhando para o português indígena essa forma verbal não marcada para pessoa no núcleo verbal, assumindo, assim, uma forma “impessoal”.

Assim, esses exemplos ilustram a diferença entre a conjugação verbal no português culto, que varia de acordo com o sujeito da oração, e no português Wari', em que a conjugação é mais fixa em relação ao sujeito, variando principalmente de acordo com o tempo e o modo verbal.

Abaixo, serão apresentados alguns exemplos no que tange à **concordância nominal de número** que nos permitem chegar a algumas inferências, quando contrastados aos dados da língua étnica.

- (51)
- a. pra tentar ajudar **nossos parente**
 - b. eu tô tentando terminá ainda **esses trabalho**
 - c. principalmente pra nós que **somos acadêmico**
 - d. nós tamo aqui, em casa, com a família, com/ junto com **os nossos filho**
 - e. o professô faz **vários papel** com **os acadêmicos indígena**
 - f. gente tem que se distanciar **da famílias** sessenta dias e num é fácil
 - g. eu vô dize a verdade que **muita vezes** também eu não assisti a aula
 - h. Aí são... **a minha netas** são onze
 - i. Boa noite professores, lideranças, **os aluno estudantes**

Os exemplos (51a-i) exemplificam diferentes formas de concordância de valor negativo no que tange ao número dos substantivos e seus modificadores identificadas no PI aqui analisado. Nesse sentido, nos exemplos de (a) a (e) é possível perceber, nos trechos em destaque, algo muito semelhante ao que acontece em outras variedades do português brasileiro: a marcação de gênero acontece, principalmente, nos elementos à esquerda do núcleo do SN, assim como já apontado em outras variedades do português brasileiro como em Baxter (2009). Já nos exemplos de (f) a (i), as estruturas identificadas e destacadas são destoantes de outras variedades do PB não indígena. Em (f), (g) e (h), apenas o núcleo recebe marca de plural, ao passo que seus determinantes permanecem no singular. Em (i), por sua vez, apenas o núcleo não recebe a marca de plural, o que não se difere muito dos exemplos anteriores, (a) a (e), se não fosse pelo modificador posposto, “estudantes”, flexionado no plural.

Em relação à marcação de **plural** em Wari’, que pode ser singular ou plural, existem quatro maneiras de expressá-lo, de acordo com Apontes (2015), sendo elas o uso de um coletivizador; uma palavra para indicar plural; um advérbio quantificador; e a reduplicação, apresentadas abaixo:

- (52)
- | | | |
|------------|------------|---------------|
| a. narima? | oro | narima? |
| mulher | COL | mulher |
| “mulher” | | “as mulheres” |

?na-on
 ver cinco 1SG-3SG.M onça.M/mulher.F/pedra.N
 “Eu vi cinco onças/três mulheres/três pedras”

Nos exemplos acima, veja que *fika? pe?* “um”, *parik* “três” e *wiritokon* “cinco”, embora tenham escopo sobre objeto sintático do predicado verbal transitivo, ocorrem entre o verbo lexical e os marcadores de concordância verbal. Além disso, são formas invariáveis e, assim, não distinguem o gênero masculino, feminino ou neutro do nome a que se referem. Em nossa pesquisa, identificamos até o momento cinco numerais em Wari’, a saber: *fika? pe?* “um”, *tuku? krakan* “dois”, *parik* “três”, *tamana* “quatro” e *wiritokon* “cinco”. Trabalhos futuros devem investigar mais profundamente a natureza gramatical desses elementos.

Dessa forma, segundo Apontes (2015), a língua Oro Waram não apresenta afixos, ou seja, não há morfemas que sejam adicionados diretamente às palavras para expressar as categorias gramaticais, assim, possui duas formas de expressar as categorias gramaticais: a forma livre e a forma dependente. Tendo isso em mente, e observando o comportamento gramatical do português Wari’, pode-se perceber que esse português de contato parece reproduzir, conforme será proposto nas próximas seções, ao menos em alguns contextos, os padrões gramaticais da língua étnica.

5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados linguísticos da variedade do português indígena aqui analisados serão, no que tange à marcação de gênero nos sintagmas nominais, categorizados quanto ao seu comportamento gramatical em contraste com as variedades da norma culta do português brasileiro e, quando for relevante, com as demais variedades dialetais do português falado não indígena. Assume-se, no entanto, a hipótese de que as variedades de uma determinada língua compõem um contínuo, que compreende desde o comportamento gramatical mais padrão ao menos padrão, ou seja, desde aquele que apresenta maior aplicação da regra da concordância de gênero, até aquele que apresenta menor aplicação concordância. A partir de Lucchesi (2009), postula-se uma categorização entre a concordância de valor positivo, aquela que demonstra a aplicação da regra da concordância de gênero; e a concordância de valor negativo, ou seja, aquela que demonstra a não aplicação da concordância de gênero.

No nosso *corpus*, identificamos ao todo 1.455 estruturas nominais, que, além de instanciar seu núcleo, apresentam determinantes e modificadores que realizam abertamente a marcação de gênero. Deve-se destacar que excluímos de nossa análise os sintagmas nominais cujo núcleo não foi realizado, mesmo quando era possível recuperá-lo no contexto, e também os sintagmas nominais nus ou aqueles com apenas modificadores inflexíveis. Desse total, foi possível verificar no *corpus* 163 ocorrências, i.e. 11,20%, em que não ocorreu concordância de gênero, o que caracteriza a concordância de valor negativo, uma vez que não há a aplicação da concordância. Tais estruturas também presentes em outras variedades do português de contato, sobretudo faladas por povos indígenas, como discutimos anteriormente, nos revela que o português Wari' constitui-se, assim, como uma língua que apresenta variação na marcação de gênero.

Dentre essas 163 estruturas com concordância de valor negativo, identificamos 112 ocorrências, i.e. 68,71%, em que os falantes combinaram nomes femininos (i.e. marcados) com formas masculinas de determinantes e modificadores, o que se configura como uma supergeneralização das formas masculinas. Além disso, deve-se destacar que as outras 51 ocorrências, i.e. 31,29%, correspondem às estruturas que envolvem nomes masculinos (i.e. não marcados) com determinantes e modificadores femininos, o que é inesperado, sobretudo porque envolve a realização de formas femininas com um núcleo não marcado. Para Christino (2015, p. 87), que identificou esse mesmo fenômeno no português Huni-Kuin, essas estruturas “não podem ser explicadas por universais de

aquisição de L2, na medida em que correspondem a um uso excessivo da estrutura marcada em um contexto característico de não marcado”.

Abaixo, são apresentados os dados linguísticos em (53a-c) e (54a-c), que exemplificam os comportamentos gramaticais quanto à codificação do traço de gênero e que foram categorizados como de valor positivo e negativo, respectivamente.

- (53) a. como é que a gente vamos éh... trazê de volta **a língua da nossa fala**?
 b. eu gosto <de> Linguagem pra estudá, sabê mais **das coisa**, pra falá
 c. comecei a falar português com... com **a professora** que não é indígena, depois que eu terminei **os meu estudos do primeiro ao nono ano**

Nota-se, nos exemplos em (53), que, embora exista uma concordância negativa no que tange à concordância nominal de número (em 53b e 53c, por exemplo), que é na verdade muito recorrente em outras variedades do português brasileiro, não se pode falar em ausência de concordância de gênero, uma vez que todos os elementos dos sintagmas nominais, destacados acima, codificam o mesmo traço gramatical, tanto no núcleo dos sintagmas nominais quanto nos seus determinantes e modificadores, o que nos permite caracterizá-los como de valor positivo, o que já não se pode afirmar sobre os dados abaixo:

- (54) a. pra falá mais **meu língua**, sabê **meu língua**, aonde veio, aonde que (incompreensível) pra mim sabê mais, pra ensiná **os crianças**
 b. porque eu entrei agora por causa **do internet** tava ruim, eu num/ eu peguei pouco **o leitura** aí que o senhor fez, <mas não dá pra mandá no PDF> não, pra imprimí aqui **esse leitura** aí?
 c. Agora, **as aulas** que foi bem **aproveitado**, a aula do professor Fábio, Fábio que deu aula pra nós éh...

Os exemplos em (54), por sua vez, caracterizados como concordância de valor negativo, apresentam dois tipos de comportamentos. Um deles é observável em (54a) e (54b), em que são identificadas ocorrências de concordância de gênero que parecem totalmente destoantes em comparação com outras variedades do português brasileiro. Esses exemplos nos permitem questionar se esses fenômenos são resultado de variação linguística decorrente do processo de aprendizagem de segunda língua no contexto de

contato linguístico, por meio, por exemplo, do processo de transferência de padrões gramaticais ou semânticos das línguas nativas de cada um dos falantes participantes envolvidos, tal como vemos em Gonçalves (2015), Sedrins e Silva (2017) e Silva e Silva (2019), entre outros trabalhos.

Já em (54c), percebe-se um comportamento muito comum e presente em outras variedades do português brasileiro, que é a ausência dos traços de concordância de gênero entre o sujeito e seu predicativo, embora a concordância de gênero seja plenamente realizada no interior do SN que constitui o sujeito da oração: “as aulas”. De acordo com Antonino (2007), em estruturas predicativas e de voz passiva, embora a não concordância apresente baixa ocorrência, ela está presente na variedade do português popular falado no interior da Bahia. No exemplo acima, pode-se observar que no português Wari’ também há ocorrências em que não se estabelece uma relação de concordância de gênero, já que, apesar de o sujeito codificar o gênero feminino, o predicativo é flexionado com o gênero masculino, o que indica uma não concordância. Sendo, portanto, esse comportamento bastante comum em diversas variedades do PB, tal estrutura não irá compor o *corpus* analisado nesta dissertação. Dessa forma, serão apresentadas e analisadas apenas as ocorrências de concordância entre os constituintes de um mesmo sintagma nominal, como em (54a) e (54b), excluindo-se ocorrências de concordância de estruturas por predicativo do sujeito, como em (54c), ou elementos anafóricos, como em (55a-b), abaixo:

- (55) a. barco que a gente anda (é) sem tolda, **aquela** sem cobertura
 b. o papai é o chefe / porque lá tem dois torneira, o **ôto** tá quente.

Em (55a), é possível identificar uma concordância de valor negativo em relação ao elemento anafórico “aquela”, que retoma a palavra “barco”. Apesar de esse fenômeno chamar nossa atenção, ocorrências análogas a essa não compõem o *corpus* aqui analisado, visto que os elementos que estão em desacordo no que tange à concordância de gênero não fazem parte do mesmo domínio, ou seja, não fazem parte de um único sintagma nominal. O mesmo valerá para casos de concordância nominal de gênero de valor possivelmente positivo, mas que não estejam dentro de um mesmo sintagma nominal, como é o exemplo em (55b).

Uma vez identificadas e exemplificadas as duas categorias maiores do fenômeno alvo dessa pesquisa, parte-se, agora, para a apresentação da categorização dos dados relativos à concordância de valor negativo, que configura os objetivos mais específicos

do trabalho, cujas ocorrências foram submetidas a uma segmentação que visa à distribuição dos constituintes do sintagma nominal em relação ao núcleo do sintagma. Dessa forma, nas seções 5.1 e 5.2 os dados apresentados serão discutidos de acordo com dois critérios, sendo o primeiro a natureza dos elementos do sintagma nominal, e, o segundo, a quantidade de elementos constitutivos do sintagma nominal.

5.1 Concordância nominal com núcleo feminino

Começamos, portanto, pelos sintagmas nominais de núcleo feminino (marcado) que apresentam concordância de valor negativo, ou seja, os determinantes e modificadores que o acompanham apresentam características formais de gênero gramatical masculino, o que, como dissemos anteriormente, configura-se como um contexto de supergeneralização das formas masculinas. Além disso, será salientada a natureza dos elementos pré-nucleares, enfatizando a classificação dos elementos à esquerda do núcleo do sintagma nominal.

No que se refere aos sintagmas nominais de estrutura simples, de apenas um elemento pré-nuclear, há a presença de artigos, numerais e pronomes demonstrativos, possessivos e indefinidos, além de outros modificadores. Nos exemplos em (51), apresentamos estruturas que exibem ao menos um determinante.

- (56) a. e as mulheres ficaram **no aldeia** fazendo <comida>.
 b. pra mim *sabê* mais, pra *ensiná* **os crianças** <que vem aí>, cultura, né?
 c. tem que *pegá* informação, *comé* que a gente <faz> pra *plantá* **esse castanha, o semente**, o caroço, sei lá.

Nos exemplos em (56a-c), é possível perceber que, embora trate-se de um sintagma nominal de estrutura simples, formado apenas por um determinante e um núcleo, a regra da concordância nominal não é aplicada. Em todos os exemplos, o determinante se realiza através de artigos definidos masculinos, combinados ou não com uma preposição, que antecedem substantivos femininos, como é o caso de “aldeia”, “criança” e “semente”. Em (56a) e (56b), deve-se observar que se tratam de núcleos que apresentam traços semânticos distintos, sendo eles, respectivamente, [-animado] e [+humano]. Em (56c), são observados dois sintagmas nominais de núcleo feminino cuja concordância não é realizada pelos elementos a sua esquerda. Destaca-se, portanto, a natureza dos traços semânticos dos respectivos núcleos, que se configuram [-animado].

Assim, destaca-se, também, a natureza dos elementos à esquerda do núcleo, ocupados por, respectivamente, um pronome demonstrativo e um artigo definido. Adianta-se, assim, a informação de que a palavra “castanha” ocorre, nos mais variados contextos, acompanhada de modificadores flexionados no gênero masculino. No que se refere ao uso dos artigos no português Wari’, deve-se retomar os dados da língua étnica, que nos mostraram que, em Wari’, não há a presença de artigos para codificar a definitude dos sintagmas nominais, como no exemplo abaixo, já apresentado na seção 4.2:

- (57) paʔ naŋ mijak trama?
 na-ŋ
 matar 3SG-3SG.N porco.N homem.M
 “O/Um homem matou o/um porco”

Os exemplos abaixo exemplificam os sintagmas nominais constituídos por pronomes possessivos, à esquerda do núcleo, que não aplicam a regra da concordância nominal.

- (58) a. o *professô* faz vários papel, *dend’osso* (dentro do **nosso**) **comunidade**
 b. eu gosto <de> linguagem pra *estudá*, *sabê* mais das *coisa*, pra *falá* mais **meu língua**, *sabê* **meu língua**.
 c. o *ôto* parente não pode *entrá* porque cada/ cada lugar tem **seu castanha**.

Os exemplos presentes em (58) são referentes a determinantes que se realizam através de possessivos, em que, em todos os exemplos, os núcleos são ocupados por substantivos femininos, como “comunidade”, “língua” e “castanha”. No entanto, são antecidos por pronomes possessivos masculinos, flexionados nas primeiras pessoas do singular e do plural, e na segunda pessoa do singular, respectivamente. Importante salientar que os genitivos em Wari’, como vimos na seção anterior, têm um mecanismo de concordância distinto do mecanismo de concordância do português, visto que, enquanto em Wari’ há concordância de gênero tanto com o elemento possuidor quanto com o possuído nos contextos de terceira pessoa, como em (59); em português, a concordância em gênero ocorre apenas com o elemento possuído, não marcando o gênero do possuidor.

- (59) a. **wina?**
wina-a?
 cabeça-1SG.GEN
 “Minha cabeça”
- b. **winam**
 wina-**am**
 cabeça-2SG.GEN
 “Tua cabeça”
- c. **winakon**
 wina-**kon**
 cabeça-3SG.M.GEN
 “Sua cabeça” (referindo-se a um possuidor masculino)
- d. **winakam**
 wina-**kam**
 cabeça-3SG.F.GEN
 “Sua cabeça” (referindo-se a um possuidor feminino)

Nota-se que, nos contextos de pronomes possessivos de terceira pessoa, como em (59c-d), o pronome em Wari’ codifica o gênero do possuidor, ao passo que em português pronomes possessivos de terceira pessoa codificam o gênero do possuído. Esse padrão de marcação de gênero em Wari’ poderia hipoteticamente explicar o comportamento da marcação de gênero no português Wari’, uma vez que esse mecanismo está, em algum nível, sendo transmitido para o português indígena aqui descrito. A seguir, apresentamos mais exemplos de concordância com valor negativo envolvendo pronomes demonstrativos.

(60) a. porque aqui, **esse região** aqui na terra indígena, a gente sai daqui pra *quebrá* castanha só janeiro.

b. eu peguei pouco o leitura aí que o senhor fez, <mas não dá pra *mandá* no PDF> não, pra *imprimí* aqui **esse leitura** aí?

c. mas aí depois que *chegô esse doença*, pandemia, aí num foi mais.

Em (60), por sua vez, têm-se mais exemplos de sintagma nominais cuja concordância de gênero não é realizada com determinantes demonstrativos, como já foi visto anteriormente em outras categorias apresentadas. Nesses exemplos, observa-se a

presença de pronomes demonstrativos que não realizam a concordância de gênero com o núcleo que antecedem, que são os casos de “região”, “leitura” e “doença”. Além disso, verifica-se que todos os substantivos destacados em (60) apresentam o traço semântico [-animado], o que pode ser um aspecto linguístico motivador para a concordância de gênero de valor negativo. Além disso, importante retomar os dados da língua étnica, em que os pronomes demonstrativos apresentam um comportamento diferente do português brasileiro, como demonstram os exemplos abaixo:

- (61) a. *kep maŋ [mijak kaʔ]*
 maʔ-ŋ
 segurar 2SG.3SG.N porco.N esse.N
 “Você segurou esse porco (próximo do falante)”
- b. *kep maŋ [kopakaw/narimaʔ kwaʔ]*
 maʔ-ŋ
 segurar 2SG.3SG.N onça.M/mulher.F esse.M/F
 “Você segurou essa onça/essa mulher (próximo do falante)”

Ao se analisar os exemplos em (61), percebe-se que o Wari’ apresenta duas formas: uma para codificar o gênero neutro, apresentado em (61a), e outra para codificar tanto o gênero masculino, quanto feminino, apresentado em (61b), não fazendo, portanto, distinção entre feminino e masculino.⁶ É provável que a ausência de distinção entre masculino e feminino na língua Wari’ faz com que o pronome demonstrativo de segunda pessoa *esse* seja categoricamente utilizado pelos falantes, independentemente do núcleo ser marcado (feminino), como em (60), ou não marcado (masculino), como será discutido na próxima subseção.

A seguir, são apresentados contextos que envolvem pronomes indefinidos.

- (62) a. e parecia falta de ar, aquelas coisas, respiração/ **muito poluição**, né
 b. Guajará é aldeia, ele *falô*, aqui *poca* gente, lá **muito gente**.
 c. para *fazê* continuidade de estudo na cidade e também para *falá* com **outro etnia** que é Macurap, Canoé, Jaboti, Wajuru...

⁶ Embora nas estruturas apresentadas em (59) não haja a distinção entre feminino e masculino nos pronomes demonstrativos, de acordo com Apontes (2015, p. 274), em construções de pronomes demonstrativos em estruturas topicalizadas essa distinção é realizada.

Em (62), os exemplos destacam sintagmas nominais cujos determinantes são realizados pelos pronomes indefinidos “muito” e “outro”, que não realizam a concordância com seus núcleos, ocupados pelos substantivos femininos “poluição”, “gente” e “etnia”. Observa-se que esses núcleos apresentam traços semânticos distintos e, mesmo quando relacionados ao campo semântico humano, sobretudo em (62b), não apresentam concordância de gênero. A seguir, será apresentado o dado referente à concordância com valor negativo realizada através de numerais.

(63) falei “pai, não, porque lá tem **dois torneira**, o *ôto tá* quente”.

O exemplo (63) é a única ocorrência de determinante realizado através de numeral, que antecede o núcleo feminino que realiza a concordância com valor negativo. Apesar de ser importante levar em consideração que em português, dos dez primeiros numerais cardinais, a flexão de gênero se restringe aos numerais “um(a)” e “dois(duas)”, é importante também observar que, na oração seguinte, quando o falante retoma o substantivo “torneira” por meio do elemento anafórico, é utilizado o pronome indefinido que codifica o gênero masculino, a saber: *ôto* “outro”, cujo artigo que o antecede também marca o gênero masculino. Deve-se destacar, como vimos na seção anterior, que em Wari’ os numerais são formas invariáveis, que não codificam traços de número e gênero.

Os exemplos em (64), por sua vez, exemplificam os sintagmas nominais cujos elementos à esquerda do núcleo são ocupados por modificadores.

(64) Quando mata mutum, mata um, mata dois, e **próprio pessoa** que mata salga pra ele.

No exemplo acima, que representa a totalidade de sintagmas nominais de núcleo feminino antecedido por modificadores que não realizam a concordância de gênero, destaca-se o traço semântico da palavra “pessoa”, que apresenta traço semântico [+humano] e, no entanto, o modificador “próprio” não aplica a regra da concordância de gênero, permanecendo no masculino.

Abaixo, os exemplos em (65) apresentam sintagmas nominais cujos modificadores localizam-se à direita do núcleo, uma vez que se trata da única categoria que apresenta elementos pós-nucleares no que se refere aos sintagmas nominais de núcleo feminino.

- (65) a. a bicicleta, foi andei sozinho, foi rodando **lagoa todo**
 b. eles já *começaro* a *estudá* a **língua português e língua materno** desde o *primero* ano.
 c. Então isso é... uma é **uma situação muito complicado** pro ensino remoto

Os exemplos acima apresentam sintagmas nominais cujos modificadores estão localizados após os núcleos. Em (65a), tem-se um quantificador na função de modificador, ao passo que em (65b) o modificador é de natureza adjetival. Deve-se destacar que, em (65b), há dois sintagmas nominais compostos pelo mesmo substantivo feminino, “língua”, que é acompanhado pelos modificadores masculinos, “português” e “materno”. No entanto, no primeiro sintagma nominal, o núcleo é antecedido por um artigo definido, que está realizando a concordância de gênero.

Assim, em (65b), pode ser identificado um fenômeno bastante recorrente no *corpus* aqui descrito, que é a ausência de marcação de gênero feminino nos modificadores que acompanham a palavra “língua”, como é o caso de “português” e “materno”, embora seu determinante esteja aplicando a regra da concordância. Com base nos dados de que dispomos, é possível postular a hipótese de que palavras como “português” e “materno”, quando pospostas à palavra “língua”, tenham o mesmo comportamento da palavra “indígena”, palavra de gênero único, que não aceita morfologia de gênero masculino.

Em (65c), por sua vez, destaca-se que, embora o elemento à esquerda do núcleo, “uma”, esteja concordando com o núcleo, “situação”, tanto o seu modificador, “complicado, quanto o intensificador que o acompanha, “muito”, apresentam flexão nominal de gênero masculino. Assim, percebe-se que os exemplos em (b) e (c), que são sintagmas nominais com elementos à esquerda e à direita, apresentam comportamento análogo ao que Lucchesi (2009) descreve como princípio da integração, visto que apenas os elementos à esquerda do núcleo estão realizando a concordância.

Por fim, serão discutidos a seguir os contextos que envolvem construções com mais de um modificador, que consideramos como estruturas complexas.

- (66) a. **esse oitava reunião** do nosso intercultural é muito importante pra gente *discutí*.
 b. esses três povos falam língua materna entre **esses três etnia**
 c. Quando chega na aldeia/ e marcava o dia, *vô subí* **pro meu colocação**, e sobe.

Os exemplos em (66) apresentam os dados referentes a núcleos antecidos por mais de um elemento e que não aplicam a regra da concordância nominal de gênero. Tanto em (66a) quanto em (66b), o elemento mais à esquerda, ou seja, mais distante do núcleo, é o pronome demonstrativo “esse(s)”, que não realiza a concordância de gênero com os núcleos “reunião” e “etnia”, respectivamente. Quanto ao segundo elemento à esquerda, aquele mais próximo ao núcleo, duas considerações precisam ser feitas: em (6a), trata-se de um numeral ordinal flexionado em gênero feminino, aplicando a concordância de gênero; enquanto, em (66b), trata-se de um numeral cardinal que não se flexiona em gênero. Por fim, em (66c), observa-se que nenhum dos elementos pré-nucleares aplicam a regra da concordância a ser realizada com o substantivo feminino “colocação”, sendo eles o artigo definindo combinado com a preposição “para” e o pronome possessivo de primeira pessoa do singular “meu”, ambos flexionados em gênero masculino.

Em suma, pode-se destacar que os ambientes mais propícios a não concordância de gênero no interior dos sintagmas nominais aqui descritos são estruturas simples, compostas por apenas um determinante em posição pré-nuclear, seguido das estruturas em que há a presença de modificadores em posição pós-nuclear, e de estruturas mais complexas, com mais de um elemento pré-nuclear, sejam eles determinantes, pronomes possessivos ou numerais. Na Tabela 1, apresentamos as porcentagens de cada uma das estruturas que envolvem um núcleo feminino (marcado) com formas masculinas de determinantes e modificadores:

Tabela 1 – Concordância negativa com núcleo feminino (marcado)⁷

(continua)

Configuração estrutural	Aplicação da concordância	%	Não aplicação da concordância	%	Total de ocorrências
DN	481	91,97	42	8,03	523
DNM	48	96,00	2	4,00	50
DPN	57	82,61	12	17,39	69
PN	28	87,50	4	12,50	32

⁷ Lista de abreviaturas: DN: determinante + núcleo; DNM: determinante + núcleo + modificador; DPN: Determinante + Pronome possessivo + Núcleo; PN: Pronome possessivo + Núcleo; DNSX: Determinante + Núcleo + modificador sem morfologia de gênero; NP: Núcleo + Pronome possessivo; NM: Núcleo + Modificador; DDN: Determinante + Determinante + Núcleo; DNP: Determinante + Núcleo + Pronome possessivo; MN: Modificador + Núcleo; DMN: Determinante + Modificador + Núcleo; DDNM: Determinante + Determinante + Núcleo + Modificador; MPN: Modificador + Pronome possessivo + Núcleo; MNSX: Modificador + Núcleo + modificador sem morfologia de gênero; NSX: Núcleo + modificador sem morfologia de gênero; DDNP: Determinante + Determinante + Núcleo + Pronome possessivo; DDMN: Determinante + Determinante + Modificador + Núcleo; DMPN: Determinante + Modificador + Pronome possessivo + Núcleo.

Tabela 1 – Concordância negativa com núcleo feminino (marcado)

Configuração estrutural	Aplicação da concordância	%	(conclusão)		Total de ocorrências
			Não aplicação da concordância	%	
DNSX	45	91,84	4	8,16	49
NP	1	100,00	0	-	1
NM	20	42,55	27	57,45	47
DDN	12	60,00	8	40,00	20
DNP	6	100,00	0	-	6
MN	32	72,73	12	27,27	44
DMN	12	100,00	0	-	12
DDNM	0	-	0	-	0
MPN	0	-	1	100,00	1
MNSX	0	-	0	-	0
DDNP	0	-	0	-	0
DDMN	2	100,00	0	-	2
DMPN	1	100,00	0	-	1
Total	745	86,93	112	13,07	857

Fonte: Autora (2023)

A Tabela acima sistematiza os sintagmas nominais identificados em estruturas de núcleo feminino quanto masculino, seu número de ocorrências, bem como a distribuição dessas ocorrências entre concordância positiva quanto negativa. Observando o quadro, portanto, percebe-se que as estruturas mais propensas a não realização da concordância nominal, embora também haja um alto índice de aplicação da regra, são as estruturas DN, DPN, NM e MN. Dentre essas, destaca-se a estrutura formada por Núcleo + Modificador, que apresenta 57,45% de não aplicação da regra de concordância nominal.

Na próxima subseção, serão discutidos os contextos de concordância nominal que envolvem núcleo de gênero masculino.

5.2 Concordância nominal com núcleo masculino

A partir de agora, os exemplos apresentados irão fornecer dados no que tange aos sintagmas nominais cujo núcleo é um substantivo masculino (i.e. não marcado) e apresentam formas femininas de determinantes e modificadores, o que se caracteriza como não aplicação da regra da concordância nominal. Para começar, abaixo estão transcritos alguns exemplos que demonstram as ocorrências de sintagmas nominais de estrutura simples cujos determinantes são realizados por artigos definidos e indefinidos.

- (67) a. tipo **uma escravo**, e *prendê* pessoa lá, e castigava o próprio parente.
 b. porque <eles> os professores fizeram **a texto** pra eles, né.
 c. aquela menina que quase *derrubaro* as coisa, né, **a chapéu** dele.

Nos exemplos em (67), os núcleos dos sintagmas nominais são ocupados por substantivos masculinos, com traços semânticos [+humano], em (67a), e [-humano], em (67b-c). No entanto, todos são, respectivamente, precedidos de artigo indefinido e definido flexionados em gênero feminino. Deve-se aqui retomar a informação da língua étnica, que não apresenta o uso artigos para codificar a definitude dos substantivos, como já apresentado e discutido em seções anteriores.

Os exemplos apresentados abaixo, em (68), exemplificam os sintagmas nominais cujo determinante é um pronome demonstrativo de terceira pessoa flexionado no feminino, em contexto de núcleo masculino.

- (68) a. e padre, **aquela padre** e todo pessoal que trabalha, e joga ele *po ôto* canto.
 b. e na hora de coleta castanha, **aquela dinheirinho** que tá na mão dele.
 c. quando *chegô* em Guajará, ele *qué* **aquela barulho**, *num* tem mais aquela coisa, *pertubá*, porque não tem mais cidade, cadê **aquela pessoal**.

Nota-se que os exemplos em (68) apresentam os núcleos “padre”, “dinheirinho”, “barulho” e “pessoal”. Assim, tanto os substantivos de traço semântico [+humano] (padre e pessoal), quanto os de traço semântico [-humano] (dinheirinho e barulho), quando precedidos por pronomes demonstrativos, apresentam concordância de valor negativo realizada pelo pronome demonstrativo flexionado no feminino.

Deve-se ressaltar ainda que, em todo o *corpus*, não foi identificada nenhuma ocorrência do pronome demonstrativo de terceira pessoa no masculino, “aquele(s)”, inclusive nos contextos de núcleo nominal masculino. Assim, entre os nossos dados, há apenas uma única forma de pronome demonstrativo de terceira pessoa, a saber: “aquela(s)”, que coocorre tanto com núcleos masculinos quanto com femininos, não havendo, portanto, concordância negativa quando esse mesmo pronome antecede substantivos femininos. Uma hipótese que podemos aventar é a de que deve ocorrer uma transferência da gramática do Wari’ no processo de aquisição do português de contato, uma vez que, conforme os dados abaixo, (69a-c), o pronome demonstrativo de terceira

b. Pois é que eu/ **primeira voo** acredito que peguei temporal no *mei da/ no mei do/ no mei da viagem*, temporal, né.

No que se refere aos numerais, os exemplos em (71a) e (71b) também representam a totalidade de numerais em posição pré-nuclear que não codificam o traço de gênero dos substantivos que antecedem. Em (71a), há a presença do numeral cardinal “duas” antecedendo o substantivo masculino “saco”. Observa-se, portanto, que, além da ausência da concordância de gênero, há, também, a ausência da concordância de número, fenômeno bastante recorrente nas variedades do português brasileiro e no português Wari’, como já mencionado. Já em (71b), observa-se o numeral ordinal “primeira” flexionado em gênero feminino antecedendo o substantivo masculino “voo”, apresentando, assim, a concordância de gênero de valor negativo.

Por fim, os exemplos em (72), que encerram a descrição parcial dos dados gerados para a pesquisa aqui realizada, apresentam exemplos em que se identificam os sintagmas nominais que apresentam mais de um elemento em posição pré-nuclear e que não codificam, em sua totalidade, os traços de gênero do substantivo que antecedem.

- (72) a. e quando vem de lá, traz **tudo aquela resultado** pra *repassá pros* parente aqui.
 b. aí, **tudo aquela produto**, que pessoal guarda/ sempre guarda *dinhero*, né, Quesler, **toda aquela produto** que vende, guarda o *dinhero* em casa.
 c. chapéu que ele tem na cabeça, gostava de *usá* chapéu, ele *comprô ôta*, **bonita aquela boné** que ele tem.

Entre os elementos identificados nesta estrutura mais complexa, com mais de um elemento pré-nuclear, nem todos os elementos constituintes do SN codificam o mesmo traço de gênero, com exceção do pronome demonstrativo de terceira pessoa, “aquela”, que, em todos os exemplos acima, assim como nos exemplos em (2), codifica o traço de gênero feminino, embora tenha como núcleo e como elemento antecedente palavras flexionadas em gênero masculino, como em (72a-c).

Assim, observa-se em (72a) e (72b) os núcleos “resultado” e “produto” sendo antecidos, respectivamente, pelo indefinido “tudo” e “toda” seguidos do demonstrativo “aquela”. Nesses exemplos, a concordância de gênero é comprometida tanto pelo pronome demonstrativo no feminino, quanto pelo indefinido também no feminino. No entanto, em (72c) a concordância de gênero é completamente comprometida pelo

modificador “bonita” e pelo demonstrativo “aquela”, que antecedem o substantivo masculino “boné”.

Por fim, considerando sobretudo as ocorrências presentes no *corpus*, conforme a Tabela 2, destaca-se que, dentre os sintagmas nominais cujos núcleos são realizados por substantivos masculinos (i.e. não marcados), foram identificadas, enquanto determinantes de estruturas simples pré-nucleares, formas femininas das classes gramaticais dos artigos, pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos e numerais. Já os modificadores que não aplicam a regra de concordância, i.e. apresentam-se em sua forma feminina, são observáveis apenas em estruturas mais complexas, em que há mais de um elemento à esquerda do núcleo. No que tange às ocorrências de sintagmas nominais cujos elementos pós-nucleares não aplicam a regra da concordância, foi identificada apenas uma ocorrência.

Tabela 2 – SN concordância negativa com núcleo masculino (não marcado)

Configuração estrutural	Aplicação da concordância	%	Não aplicação da concordância	%	Total de ocorrências
DN	362	89,16	44	10,84	406
DNM	15	93,75	1	6,25	16
DPN	33	100,00	0	-	33
PN	47	100,00	0	-	47
DNSX	7	70,00	3	30,00	10
NP	0	-	0	-	0
NM	14	100,00	0	-	14
DDN	13	81,25	3	18,75	16
DNP	2	100,00	0	-	2
MN	29	100,00	0	-	29
DMN	21	100,00	0	-	21
DDNM	1	100,00	0	-	1
MPN	1	100,00	0	-	1
MNSX	1	100,00	0	-	1
DDNP	1	100,00	0	-	1
DDMN	0	-	0	-	0
DMPN	0	-	0	-	0
Total	547	91,47	51	8,53	598

Fonte: Autora (2023)

Importante frisar que os dados aqui descritos representam parcialmente a totalidade dos exemplos explicitados na seção, que, quantitativamente, apresentam,

conforme a Tabela 2, 51 ocorrências de sintagmas nominais cuja concordância de gênero apresenta valor negativo. Deve-se destacar que essas estruturas correspondem, como dissemos anteriormente, a um uso excessivo da estrutura marcada em um contexto caracterizado como não marcado, haja vista que se tratam de nomes masculinos (i.e. não marcados).

Assim, a tabela acima sistematiza os sintagmas nominais de núcleo masculino quanto ao número de ocorrências, bem como a distribuição dessas ocorrências entre concordância positiva quanto negativa a partir das estruturas dos sintagmas nominais identificadas. Observando o quadro, portanto, alguns aspectos devem ser destacados, visto que é possível identificar estruturas mais propensas a não realização da concordância nominal do que outras. Assim como em relação aos sintagmas nominais de núcleo feminino, é identifica-se um alto índice de aplicação da regra, resultando em 8,53% de não aplicação. Destaca-se, portanto, dentre esses 8,53% de não ocorrências as estruturas DN, DNM, DNSX e DDN como as estruturas mais propensas a não concordância de gênero, que contrastam com as estruturas DPN, PN, NM DNP, MN e DMN, que apresentam 100% de concordância.

5.3 Resumo da seção

Nesta seção, tivemos como objetivo apresentar os mais variados e possíveis contextos linguísticos que poderiam motivar tais fenômenos de concordância, sobretudo em virtude de possíveis transferências de traços gramaticais da língua Wari' para o português de contato, levando em consideração a natureza dos elementos constituintes dos sintagmas nominais identificados, bem como suas estruturas, desde a mais simples até mais complexa. A Tabela 3 sistematiza, a partir de todo nosso *corpus*, as estruturas que apresentam ao menos uma ocorrência em que não se aplica a concordância de gênero dos dados aqui apresentados:

Tabela 3 – Não aplicação da concordância nominal de gênero/Ocorrência (%)

	Núcleos femininos (marcado)	Núcleo masculino (não marcado)
DN	42/523 (8,03%)	44/406 (10,84%)
DNM	2/50 (4,00%)	1/16 (6,25%)

Tabela 3 – Não aplicação da concordância nominal de gênero/Ocorrência (%)

	(conclusão)	
	Núcleos femininos (marcado)	Núcleo masculino (não marcado)
DPN	12/69 (17,39%)	-
PN	4/32 (12,5%)	-
DNSX	4/49 (8,16%)	3/10 (30%)
NM	27/47 (57,45%)	-
DDN	8/20 (40%)	3/16 (18,75%)
MN	12/44 (27,27%)	-
MPN	1/1 (100%)	-

Fonte: Autora (2023)

De acordo com a tabela acima, constata-se que há contextos linguísticos mais e menos propícios à concordância no que tange aos sintagmas tanto de núcleos femininos (marcados) quanto de núcleos masculinos (não marcados). Assim, as estruturas compostas por DN apresentam, em termos de porcentagem, resultados aproximados, visto que apresentam um nível de concordância bastante próximo. Dessa forma, embora a porcentagem de aplicação da regra de concordância de gênero seja alta, essas estruturas parecem ser, em alguma medida, propensas a não realizar a concordância de gênero no interior do sintagma nominal. Deve-se ainda destacar os distintos comportamentos gramaticais entre o Wari', como primeira língua dos falantes, e a língua portuguesa, adquirida como segunda língua – como é o caso da inexistência de artigos na língua étnica, o que pode, por exemplo, influenciar, de alguma forma, a concordância de gênero no português Wari'.

Em relação aos demais ambientes linguísticos, é possível identificar uma discrepância em relação ao comportamento entre as variáveis sintáticas. Ao se observar os dados presentes nas estruturas DNSX e DDN, percebe-se que há uma porcentagem significativa de não aplicação da regra da concordância. Interessante notar, no entanto, que, nos dois casos, é nos sintagmas nominais de núcleos femininos que se encontram os números mais altos de não concordância. Já em relação às estruturas DPN, PN, NM e MN em sintagmas nominais femininos também é possível identificar uma porcentagem significativa de não aplicação da regra de concordância, o que, destoa completamente dos dados referentes aos sintagmas nominais masculinos, que apresentam 100% da aplicação da regra de concordância.

A observação dos dados presentes na Tabela 3 nos permite perceber, portanto, que, na maioria dos ambientes linguísticos observados, é nos nomes de gênero feminino que ocorre, com mais frequência, a não aplicação da regra da concordância nominal de gênero. Isso ocorre devido a uma supergeneralização da forma masculina, como apontamos anteriormente a partir de Christino (2015). Apesar disso, não se pode deixar de destacar, em termos percentuais, a quantidade de ocorrências que envolvem núcleos nominais não marcados (masculino) com formas femininas de determinantes e modificadores. Assim, reafirma-se a hipótese de que os falantes do português Wari’ estejam espelhando algumas características gramaticais de sua língua étnica, como apontaremos na próxima seção. Antes disso, toma-se antecipadamente como exemplo o caso dos pronomes possessivos, aqui presentes nas estruturas DPN e PN. Em Wari’, como já apresentado, os pronomes possessivos concordam com o possuidor, diferentemente do português, em que o pronome possessivo concorda com a coisa possuída. Dessa forma, estão listadas abaixo as quatro ocorrências de não concordância nos contextos de pronomes possessivos do português Wari’.

- (73) a. pra falá mais **meu língua**, sabê **meu língua**
 b. não pode entrá porque cada/ cada lugá tem **seu castanha**
 c. aqui no **meu odeia** (aldeia) tem seis etnia, né, porque **meu odeia** muito grande
 [...] mas no/ aqui **no meu odeia** fala mais a língua indígena, que é língua materno.

Nos exemplos acima, identificam-se os pronomes possessivos “meu” e “seu” antecedendo núcleos femininos. Deve-se levar em consideração, ainda, que os falantes envolvidos nos enunciados acima são todos homens, o que corrobora a hipótese de espelhamento da língua materna, visto que a concordância está sendo realizada com o possuidor, e não com a coisa possuída.

Por entender que as estruturas aqui analisadas constituem-se como um fenômeno variável e, por isso, podem apresentar mais de uma motivação linguística, estabelecendo diversas correlações sistemáticas nos diversos contextos linguísticos, adota-se, para a uma análise prévia dos dados, os principais fatores linguísticos, de acordo com Lucchesi (2009), condicionadores da variação de concordância de gênero. Esses fatores têm como objetivo a realização de uma análise mórfica dos dados aqui gerados, ou seja, análise da estrutura dos constituintes do sintagma nominal, a fim de identificar os contextos linguísticos mais, ou menos, propícios à concordância nominal de gênero. Assim, na

seção seguinte, os dados aqui apresentados serão submetidos aos três princípios propostos por Lucchesi (2009): (i) o princípio da simplicidade; (ii) o princípio da integração; (iii) o princípio da saliência, que já foram descritos em seções anteriores e serão utilizados para fins de análise na seção seguinte.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, os dados do português Wari' serão submetidos a uma análise linguística pelo viés dos três princípios apresentados por Lucchesi (2009), a fim de sistematizar a busca por possíveis motivações morfossintáticas para variação da concordância nominal de gênero no português indígena aqui analisado. Além disso, partindo da compreensão de que a variação é inerente às línguas e que sua análise pode fornecer pistas sobre os processos de mudança linguística, é possível estabelecer conexões entre a variação linguística e fatores sociais, históricos e culturais, nos contextos de aquisição de segunda língua em ambiente de contato linguístico, que influenciam a seleção de variantes pelos falantes. Com base nisso, serão levantadas, nesta seção, algumas hipóteses acerca da variação linguística no que tange à concordância nominal de gênero do português indígena realizada pelos falantes da comunidade Wari' aqui apresentada. Dessa forma, vale ressaltar que, além desses, outros critérios serão levados em consideração para análise aqui proposta, sendo eles alguns indícios de possíveis casos de espelhamento da língua étnica no português Wari', principalmente no que tange aos pronomes possessivos e demonstrativos.

Esta seção está organizada da seguinte forma. Na seção 6.1, os dados discutidos na seção anterior serão agrupados e analisados pelo viés do princípio da simplicidade; na seção 6.2, pelo princípio da integração; e na seção 6.3, pelo princípio da saliência. Por fim, encerramos com o resumo da seção.

6.1. Princípio da Simplicidade

Vale ressaltar que, no que tange ao princípio da simplicidade, foram reagrupados todos os sintagmas nominais de estrutura simples cuja concordância de gênero foi categorizada como de valor negativo e positivo. Diferentemente de Lucchesi (2009), que incluiu no conjunto de estruturas simples apenas núcleos com seus respectivos artigos, decidi agrupar nesse conjunto todos sintagmas nominais cujos determinantes realizam-se através de artigos, numerais, pronomes e modificadores, desde que fosse mantido até um elemento pré-nuclear.

Assim, tem-se, segundo a Tabela 4, no que tange aos sintagmas nominais de núcleos masculinos (não marcado), cuja composição limita-se a um determinante como elemento pré-nuclear, uma taxa de 10,84% de não aplicação da regra de concordância nominal de gênero. Já em relação às estruturas simples cujos elementos pré-nucleares são realizados por pronomes possessivos (PN) ou modificadores (MN), a concordância

nominal é realizada de forma categórica. Deve-se destacar que, embora tenha sido realizada a análise em todas as estruturas simples, com apenas um elemento à esquerda do núcleo, apenas as estruturas que apresentaram artigos e numerais nessa posição apresentaram alguma variação quanto à aplicação da concordância de gênero.

Tabela 4 – Estrutura simples com núcleo masculino

Configuração estrutural	Total de SN	Aplicação da CN	%	Não aplicação da CN	%
DN	406	362	89,16	44	10,84
PN	47	47	100,00	0	-
MN	29	29	100,00	0	-

Fonte: Autora (2023)

Da mesma forma, como na tabela anterior, a Tabela 5 apresenta os dados referentes às mesmas estruturas, mas relativas aos sintagmas nominais de núcleo feminino (marcado). Percebe-se que houve ocorrências de não aplicação da concordância de gênero nas três estruturas simples identificadas e a concordância de gênero com núcleo marcado não foi categórica em nenhuma estrutura.

Tabela 5 – Estruturas simples com núcleo feminino

Configuração estrutural	Total de SN	Aplicação da CN	%	Não aplicação da CN	%
DN	523	481	91,97	42	8,03
PN	32	28	87,50	4	12,50
MN	44	32	72,73	14	27,27

Fonte: Autora (2023)

Diferentemente dos SNs de núcleo masculino (não marcado), em que nas estruturas PN e MN os pronomes possessivos e os modificadores realizaram-se categoricamente em suas formas masculinas, nos SNs de núcleo feminino os pronomes possessivos e os modificadores apresentam respectivamente 12,50% e 27,27% de ocorrências de formas masculinas. Assim, pode-se inferir que os SNs de núcleo marcado, conforme Tabela 5, são mais propensos a não aplicação da regra de concordância em estruturas simples do que os SNs de núcleo masculino, conforme Tabela 4.

Nos contextos em que o núcleo é marcado, conforme Tabela 5, ocorrências de não concordância de gênero em todas as estruturas podem ser explicadas termos de

supergeneralização do masculino, sobretudo quando se envolvem modificadores pré-nucleares. Resta-nos, no entanto, compreender o que motiva a realização de formas femininas de determinantes em nomes masculinos (não marcado), conforme a Tabela 4. Dentre as 44 ocorrências, que equivalem a 10,84% de não realização de concordância de gênero em estruturas DN, há 26 casos, i.e. mais da metade, que envolvem pronomes demonstrativos de 3ª pessoa, conforme exemplos abaixo:

(74) a. e *conversamo pra me explicá sobre o situação dele, né, porque ele depois que estorô **aquela epêndice**.*

b. Aí eu morei pra cá, morei aqui no Rio Negro Ocaia, **aquela tempo**.

c. sempre o escorpião fica dentro do/ do/ **daquela buraco**, sempre é perigo, também.

Devemos novamente destacar que, em todo o *corpus*, não foi identificada nenhuma realização do pronome demonstrativo de terceira pessoa no masculino, “aquele(s)”; a única forma existente é “aquela(s)”. Diante disso, a hipótese que se pode levantar é que essa forma pronominal talvez seja no português Wari’ uma forma invariável, assim como ocorre também na língua Wari’, que não distingue os pronomes demonstrativos de 3ª pessoa em masculino e feminino. Há, na verdade, uma distinção entre masculino/feminino versus neutro, conforme exemplos repetidos abaixo:

- (75) a. kep maŋ [mijak **kaŋ**]
 maʔ-ŋ
 segurar 2SG-3SG.N porco.N aquele.N
 “Você segurou aquele porco (longe do falante)”
- b. kep mon [papak **kwaj**]
 maʔ-on
 segurar 2SG-3SG.M milho.M aquele.M/F
 “Você segurou aquele milho (longe do falante)”
- c. kep mam [narimaʔ **kwaj**]
 maʔ-am
 segurar 2SG-3SG.F mulher.F aquele.M/F
 “Você segurou aquela aquela mulhaer (longe do falante)”

Caso nossa hipótese de que o determinante “aquela(s)” constitui-se como um pronome demonstrativo invariável no português Wari’, em virtude de transferência de padrões da gramática Wari’ para essa língua de contato, podemos, assim, explicar o fato de haver, ao menos em parte, ocorrências de formas femininas de determinantes com núcleos masculinos (não marcado), conforme a Tabela 4. Há ainda, no entanto, outras ocorrências ainda não totalmente explicadas para os demais determinantes, sendo eles: 13 artigos definidos/indefinidos, 3 pronomes indefinidos e 2 numerais.

Para fins de investigação a partir do princípio de simplicidade de Lucchesi (2009), vamos, assim, considerar, sobretudo, para os contextos de estruturas simples, as porcentagens de não aplicação de concordância de gênero em sintagmas nominais com núcleos femininos (marcado). Além disso, destaca-se que os modificadores em posição pré-nuclear, segundo os dados acima, caracterizam ambiente linguístico de maior motivação para a não aplicação da regra.

Considerando o princípio de simplicidade de Lucchesi (2009), esperaríamos que os dados das Tabelas 6 e 7, que se referem a estruturas com mais de um elemento pré-nuclear, apresentassem menos concordância de gênero, em comparação às estruturas simples apresentadas nas Tabelas 4 e 5, uma vez que estruturas simples tendem a realizar mais concordância de gênero do que estruturas menos simples.

Tabela 6 – Estruturas complexas com núcleo masculino

Configuração estrutural	Total de sintagmas nominais	Aplicação da concordância nominal	%	Não aplicação da concordância nominal	%
DPN	33	33	100,00	0	-
DDN	16	13	81,25	3	18,75
DMN	21	21	100,00	0	-

Fonte: Autora (2023)

No que tange aos sintagmas nominais de núcleo masculino (não marcado), conforme a Tabela 6, identificam-se 100% da aplicação da regra de concordância nominal de gênero em relação às estruturas DPN e DMN, enquanto a estrutura constituída por dois determinantes (DDN) antes do núcleo apresentou 18,75% de não aplicação da regra da concordância nominal. Novamente essas três ocorrências, que se caracterizam como um contexto marcado num contexto não marcado, podem ser explicadas, uma vez que os

determinantes aqui envolvidos se referem ao demonstrativo de 3ª pessoa, que parecem ser forma invariáveis em virtude de transferência linguística, conforme exemplos abaixo:

- (76) a. Aí, **tudo aquela produto**, que pessoal guarda/ sempre guarda dinheiro, né, Quesler, **toda aquela produto** que vende, guarda o dinheiro em casa.
- b. quando vem de lá, traz **tudo aquela resultado** pra *repassá pros* parente aqui.

Diante disso, caso a hipótese de que o pronome demonstrativo de terceira pessoa “aquela(s)” seja invariável para gênero no português Wari’, as estruturas complexas, representadas na Tabela 6 por DPN, DDN e DMN, poderiam ser consideradas como um caso de concordância categórica de gênero, o que é esperado, uma vez que estamos diante de estruturas que envolvem um núcleo não marcado. Portanto, as estruturas simples e complexas de nomes núcleos masculinos no português Wari’ parecem não se conformar com o princípio de simplicidade de Lucchesi (2009), uma vez que a complexidade da estrutura do sintagma nominal parece não ter implicações para a não realização de concordância de gênero.

Investiguemos agora as estruturas complexas com núcleo feminino, conforme Tabela 7, a fim de verificar se o português Wari’, ao menos nesse contexto, se comporta conforme o princípio de simplicidade de Lucchesi (2009).

Tabela 7 – Estruturas complexas com núcleo feminino

Configuração estrutural	Total de sintagmas nominais	Aplicação da concordância nominal	%	Não aplicação da concordância nominal	%
DPN	69	57	82,60	12	17,39
DDN	20	12	60,00	8	40,00
DMN	12	12	100,00	0	-
DDMN	2	2	100,00	0	-

Fonte: Autora (2023)

Embora na Tabela 7, as estruturas DMN e DDMN categoricamente apresentam concordância de gênero, é possível observar um aumento nas porcentagens de não aplicação da regra de concordância em outros contextos. Estruturas DPN, como (77), apresentam 17,39% de não aplicação da regra, enquanto a estrutura composta por DDN, como (78), apresenta 40%. Esses dados parecem se conformar com o princípio de

simplicidade de Lucchesi (2009), uma vez que se configuram como estruturas complexas e, por isso, mais propensas a não realizar a concordância de gênero.

- (77) a. vô subir **pro meu colocação**.
 b. fizeram a língua materna **no meu odea (aldeia)**, aqui.
- (78) a. mais importante *falá* português com **os dois língua**.
 b. **esse oitava reunião** do nosso intercultural

Quanto aos dados apresentados nas Tabelas 6 e 7, deve-se notar que categoricamente as estruturas que envolvem modificadores pré-nucleares DMN e DDMN, com nomes núcleos masculinos e femininos, apresentam categoricamente concordância positiva de gênero. Conforme o princípio de Lucchesi (2009), o esperado seria uma quantidade maior de não concordância, ao menos em contexto marcado (feminino), em comparação com estruturas simples. Essa concordância categórica, contudo, pode ser o resultado novamente de traços da língua Wari' no português de contato. Como vimos na seção 4, modificadores na língua Wari', sobretudo adjetivos, apresentam concordância de gênero – masculino, feminino e neutro – com seus respectivos núcleos. Ora, se na língua materna há mecanismos de concordância, a concordância no português de contato pode ser assim explicada.

Diante disso, mesmo considerando a hipótese acima de uma possível transferência da língua Wari' no português de segunda língua, pode-se inferir que os sintagmas nominais de núcleo feminino são mais propensos a não aplicação da regra de concordância em estruturas com mais de um elemento pré-nuclear, conforme Tabela 7, do que os sintagmas nominais simples, conforme Tabela 5. Portanto, os dados do português Wari' parecem se conformar tanto com a supergeneralização das formas masculinas, quanto com o princípio de Simplicidade de Lucchesi (2009).

Deve-se destacar que os dados do português Wari' vão ao encontro dos dados apresentados por Lucchesi (2010, p. 196), que discute a variação da aplicação da concordância nominal de gênero no português de Helvécia, em que estruturas complexas que envolvem modificadores com e sem flexão de gênero apresentam 95% de aplicação da regra de concordância nominal de gênero.

As Tabelas acima mostram, no que se refere aos sintagmas nominais de gênero feminino, que as estruturas que mais aplicam a regra de concordância nominal de gênero

são as estruturas simples DN e PN, enquanto as que menos aplicam são as estruturas mais complexas, DDN e DPN. Desse modo, infere-se que, embora trate-se da mesma classificação morfológica de palavras a ocuparem esses espaços, a presença de mais de um elemento à esquerda do núcleo faz com a frequência da aplicação da regra da concordância diminua.

Nas estruturas que exibem nomes masculinos (não marcado), vimos que a realização de determinante em sua forma feminina, tanto nas estruturas simples quanto nas complexas, pode ser explicada em virtude de transferência de propriedades gramaticais da língua Wari' para o português de contato, haja vista que envolvem a realização do pronome demonstrativo de terceira pessoa, aquela(s), possivelmente uma forma invariável, uma vez que esse mesmo pronome demonstrativo em Wari' não distingue as formas masculina e feminina.

Na próxima subseção, serão investigados os dados do português Wari' a partir do Princípio de Integração de Lucchesi (2009).

6.2. Princípio de Integração

Considerando que se pretende investigar, a partir do princípio de integração, os contextos que favorecem a concordância de gênero, considerando que elementos pré-nucleares, determinantes e modificadores, tendem a realizar mais concordância do que modificadores à direita em contexto de adjunção, decidimos realizar a análise em duas etapas. Num primeiro momento, contrastamos sintagmas nominais constituídos apenas por elementos pré-nucleares versus sintagmas com apenas modificadores à direita. Num segundo momento, analisamos sintagmas nominais em que ocorreram simultaneamente elementos pré-nucleares e pós-nucleares. Começo então com as Tabelas abaixo, em que destaco as frequências em termos percentuais de não realização de concordância com núcleos femininos.

Tabela 8 – Princípio da Integração com núcleo feminino e elementos pré-nucleares

Configuração estrutural	Total de sintagmas nominais	Aplicação da concordância nominal		Não aplicação da concordância nominal	
			%		%
DN	523	481	91,97	42	8,03
DPN	69	57	82,61	12	17,39
PN	32	28	87,50	4	12,50

(continua)

Tabela 8 – Princípio da Integração com núcleo feminino e elementos pré-nucleares

Configuração estrutural	Total de sintagmas nominais	Aplicação da concordância nominal		Não aplicação da concordância nominal	
			%		%
DDN	20	12	60,00	8	40,00
MN	44	32	72,73	12	27,27
DMN	12	12	100,00	0	-

Fonte: Autora (2023)

Tabela 9 – Princípio da Integração com núcleo feminino e elementos pós-nucleares

Configuração estrutural	Total de sintagmas nominais	Aplicação da concordância nominal		Não aplicação da concordância nominal	
			%		%
NM	47	20	42,55	27	57,45

Fonte: Autora (2023)

Pode-se constatar, a partir do contraste entre as Tabelas 8 e 9, que apenas sintagmas nominais com modificadores pós-nucleares apresentaram, em termos percentuais, ocorrências superiores a 50%. Nos demais contextos, em que ocorrem apenas elementos pré-nucleares, a concordância de gênero se mostrou mais recorrente, o que confirma que os dados do português Wari' se comportam como previsto pelo princípio de integração.

Deve-se ressaltar, no entanto, que, nas estruturas com núcleos marcados, a alta ocorrência de não concordância em estruturas NM (i.e. 57,45%), conforme a Tabela 9, se contrasta substancialmente com a concordância categórica em estruturas DMN e DDMN, conforme Tabela 7, que discutimos na subseção anterior. Aventamos, na seção 6.1, a hipótese de que a concordância categórica de modificadores pré-nucleares, em DMN e DDMN, era resultado de um processo de transferência da língua Wari' para português de contato, uma vez que em Wari' os modificadores, i.e. adjetivos, que antecedem o núcleo, concordam com o núcleo em masculino, feminino e neutro. No entanto, essa hipótese não se sustenta com estruturas NM, em que mais da metade das ocorrências (i.e. 57,45%) são de não concordância de gênero em contexto marcado. Duas são as razões que podem explicar essa discrepância nos dados, a saber: posição do modificador e realização do determinante.

Quanto à posição do modificador, deve-se ressaltar que na língua Wari' os modificadores ocorrem à esquerda do núcleo com quem concordam. Por isso, essa

característica é transferida para o português de contato apenas nos contextos em que há modificadores pré-nucleares, como é o caso de DMN e DDMN, conforme Tabela 7. Assim, estruturas do tipo NM, com modificadores pós-nucleares, não estariam no escopo dessa interferência e seriam, portanto, mais sujeitas à supergeneralização do masculino, razão pela qual apresentam uma alta taxa de não concordância (i.e. 57,45%).

É provável talvez que esse contraste também tenha relação com a realização de determinantes na estrutura, já que modificadores concordam categoricamente apenas em estruturas com determinantes. Além dos dados apresentados acima, podemos retomar as estruturas MN, presentes na Tabela 5, em que a concordância de gênero não ocorreu em 27,27% das vezes. Assim, em estruturas de núcleo marcado, teríamos, por um lado, construções DMN e DDMN com concordância categórica de gênero e, por outro, estruturas MN e NM com 27,27% e 57,45% de ocorrências de modificadores em suas formas masculinas. Em trabalhos futuros, devemos aprofundar no estatuto gramatical dos determinantes no português Wari', a fim de verificar em que medida suas propriedades formais são decisivas na concordância de gênero de modificadores pós-nucleares. De toda forma, os dados das Tabelas 8 e 9, que tratam de nomes núcleos femininos, confirmam que o português Wari' comporta-se conforme o princípio de integração de Lucchesi (2009).

A seguir, contrastamos os mesmos tipos de estruturas nominais, mas com nomes núcleos masculinos (não marcado).

Tabela 10 – Princípio da Integração com núcleo masculino e elementos pré-nucleares

Configuração estrutural	Total de sintagmas nominais	Aplicação da concordância nominal	%	Não aplicação da concordância nominal	%
DN	406	362	89,16	44	10,84
DDN	16	13	81,25	3	18,75

Fonte: Autora (2023)

Tabela 11 – Princípio da Integração com núcleo masculino e elementos pós-nucleares

Configuração estrutural	Total de sintagmas nominais	Aplicação da concordância nominal	%	Não aplicação da concordância nominal	%
NM	14	14	100,00	0	-

Fonte: Autora (2023)

Ao comparar as Tabelas acima, destaca-se que categoricamente os modificadores que ocorrem à direita do núcleo masculino (não marcado) apresentam-se em sua forma masculina, ao passo que determinantes pré-nucleares, embora apresentem maior frequência de concordância, exibem casos em que a concordância não foi realizada. Deve-se ressaltar que estruturas como essa envolvem estruturas marcadas em contextos em que não se esperaria marcação, já que envolvem núcleos masculinos. Os dados das Tabelas 10 e 11 parecem, portanto, não sustentar o princípio de integração de Lucchesi (2009).

Veja que novamente são apenas os nomes núcleos marcados (feminino) no português Wari' que se comportam conforme os princípios de Lucchesi (2009), em que estruturas simples, conforme princípio de simplicidade, e estruturas mais integradas, conforme princípio de integração, realizam mais concordância de gênero. Nos contextos que envolvem núcleos não marcados, a realização de formas femininas de determinantes e modificadores parecem não ser explicadas.

Voltemos agora nossa atenção aos sintagmas nominais que envolvem a realização simultânea de elementos pré-nucleares e modificadores pós-nucleares, conforme Tabela 12, para os núcleos não marcados, e a Tabela 13, para os núcleos marcados.

Tabela 12 – Princípio da Integração com núcleo masculino

Configuração estrutural	Total de SN	Pré- e pós-nucleares	%	Pré-nucleares	%	Pós-nucleares	%
DNM	16	15	93,75	1	6,25%	0	-
DNP	2	2	100%	0	-	0	-
DDNM	1	1	100%	0	-	0	-
DDNP	1	1	100%	0	-	0	-

Fonte: Autora (2023)

No que tange aos sintagmas nominais de núcleo masculino (não marcado) constituídos por elementos pré e pós-nucleares, destaca-se uma única estrutura que apresentou concordância de valor negativo: a estrutura DNM, que reproduzimos em (79). Nessa ocorrência, o elemento que não estabelece relação de concordância é apenas o modificador à direita do núcleo, já que o determinante ocorre também na forma masculina. Em todos os outros casos, os elementos pré-nucleares e os modificadores à direita do núcleo ocorreram em sua forma masculinas, em consonância com o núcleo não marcado.

(79) Eu tenho **esse trabalho extensa** que você nem imagina.

Há ainda no português Wari' uma estrutura que envolve a realização de elementos pré e pós-nucleares, como em (80). Construções desse tipo, no entanto, não parecem ser adequadas para se atestar o princípio de integração, uma vez que o modificador à direita não tem morfologia de gênero e, por essa razão, não é possível mensurar e verificar preferências de concordância em termos de integração.

(80) a. aquela barco grande
b. esse água quente

Na Tabela 13 abaixo, são apresentados os sintagmas nominais constituídos de elementos pré e pós-nucleares, cujos núcleos sejam femininos:

Tabela 13 – Princípio da integração com núcleo feminino

Configuração estrutural	Total de SN	Pré- e pós-nucleares	%	Pré-nucleares	%	Pós-nucleares	%
DNM	50	48	96%	2	4%	0	-
DNP	6	6	100%	0	-	0	-

Fonte: Autora (2023)

A partir dos dados da Tabela 13, pode-se identificar novamente um maior número de ocorrências de sintagmas nominais cuja concordância se realiza com elementos pré e pós-nucleares. Além disso, assim como nos dados anteriores que apresentavam os sintagmas nominais com núcleo masculino os dados aqui discutidos revelam que as estruturas compostas por DNM, quando apresentam concordância de valor negativo, tendem a marcar a concordância com o elemento pré-nuclear, tais como os exemplos abaixo:

(81) a. eles já começaram a estudar a **língua português e língua materno**
b. uma **situação** muito **complicado** pro ensino remoto

Pode-se verificar que os núcleos femininos nos exemplos acima estabelecem concordância com apenas os elementos pré-nucleares. Além disso, a maioria dos dados

que dispomos em que há concordância apenas com elementos pré-nucleares envolvem o núcleo “língua” e o modificador “português”. Uma hipótese que talvez explique essa alta ocorrência do modificar “português” seja que, no português Wari’, os falantes utilizam esse modificador como um nome comum de dois gêneros, a semelhança de “indígena”, em construções do tipo: “a língua indígena”.

Além do mais, as estruturas DNM de núcleo marcado parecem confirmar a hipótese de que a realização do determinante é fundamental para a concordância do modificador à direita do núcleo. Nesse sentido, o modificador no português Wari’ tende a fazer mais concordância quando há um núcleo marcado que realiza seu determinante, como ocorrem com as estruturas DNM, conforme a Tabela 13, e as construções DMN e DDMN, conforme a Tabela 7.

Deve-se destacar ainda, no que tange aos sintagmas nominais constituídos por DNSX, embora sejam estruturas que não contribuem para confirmar o princípio de integração, há uma quantidade significativa de ocorrências em que os elementos que não aplicaram a concordância de gênero foram os determinantes, como em (82).

- (82) b. Eu moro na aldeia pequena, que tem **dois ou três etnia diferente**
 c. tem mais **no sala de aula**
 d. ele tá continuano a estudando, ela, lá **no linha vinte e seis.**
 e. eu vô contá sobre o/ sobre **o coleta (de) castanha**

Assim, podem-se observar estruturas compostas por elementos sem morfologia de gênero, como “diferente”, que não estabelece relação de concordância com a palavra “etnia”, e pelos adjuntos adnominais, que também não se flexionam em gênero, como é o caso de “de aula”, que acompanha “sala”; “vinte e seis”, que acompanha “linha” e “de castanha”, que acompanha “coleta”. Dessa forma, os dados que chamam nossa atenção são seus determinantes, que não aplicam a regra da concordância, embora estejam posicionados à esquerda do núcleo. Dessa forma, nos exemplos acima, observa-se o artigo “o”, preposicionado ou não, não estabelece relação de concordância com os núcleos que antecedem. Assim, retoma-se a discussão feita na seção anterior no que tange à ausência de artigos na língua étnica, o que pode, de alguma forma, influenciar a não realização da regra de concordância nominal de gênero nesses contextos.

Por fim, pode-se concluir que as estruturas com núcleo marcado no português Wari’ se comportam como previsto pelo princípio de integração de Lucchesi (2009), na

medida em que elementos pré-nucleares tendem a realizar mais concordância de gênero do que modificadores à direita do núcleo. O mesmo, no entanto, não pode ser dito de estruturas cujo núcleo não seja marcado.

Na próxima seção, será discutido, por fim, o princípio de saliência de Lucchesi (2009).

6.3. Princípio de saliência

Por fim, a partir dos três princípios propostos por Lucchesi (2009), para compreender e sistematizar a variação da concordância nominal de gênero em línguas de contato, alguns aspectos serão discutidos no que tange ao princípio da saliência. Retoma-se, portanto, que esse princípio postula que é mais provável que se aplique a concordância de gênero em sintagmas nominais cujos núcleos flexionam em gênero, como ocorre com “menino/menina”, “sogro/sogra” e “professor/professora”. Entre os nomes que não se flexionam, é mais provável que formas femininas de determinantes e modificadores ocorram com nomes de tema em *-a*, do que com nomes de tema em *-o*.

No que tange ao princípio de saliência, as Tabelas 14 e 15 foram elaboradas apenas com estruturas do tipo DN, a fim de que outras propriedades referentes à simplicidade ou integração não mascarassem nossos resultados.

Tabela 14 – Princípio da saliência com núcleo feminino em estruturas simples

Configuração estrutural	Total de SN	Concordância	%	Não concordância	%
Núcleo flexionável	15	15	100,00	0	-
Núcleo de tema em <i>-a</i>	325	302	92,92	23	7,08
Núcleo de tema em <i>-o</i>	27	20	74,07	7	25,93

Fonte: Autora (2023)

Tabela 15 – Princípio da saliência com núcleo masculino em estruturas simples

Configuração estrutural	Total de SN	Concordância	%	Não concordância	%
Núcleo flexionável	54	53	98,15	1	1,85
Núcleo de tema em <i>-o</i>	169	149	88,17	20	11,83
Núcleo de tema em <i>-a</i>	26	24	92,31	2	7,69

Fonte: Autora (2023)

Conforme as Tabelas 14 e 15, não foi possível identificar no *corpus* ocorrências de não concordância de gênero com nomes núcleos que flexionam para gênero, exceto no sintagma nominal “uma escravo”. Isso demonstra que categoricamente a concordância de

gênero se realiza nesses contextos, o que está em conformidade com o princípio de saliência de Lucchesi (2009). De igual modo, em estruturas com núcleos marcados não flexionáveis, conforme a Tabela 14, há ocorrências que demonstram que de fato o princípio de saliência também se aplica, uma vez que nomes com tema em -a tendem a realizar, em termos percentuais, mais concordância do que nomes terminados em -o. Veja que nomes femininos com tema em -o não realizam concordância em 25,93% das vezes, ao passo que essa frequência reduz para 7,08% com nomes de tema em -a. Assim, a supergeneralização do masculino no português Wari' ocorre com mais frequência, primeiro, em nomes femininos de tema em -o, e, depois, em nomes de tema em -a. Nas estruturas com nomes não marcados e que não se flexionam, no entanto, o princípio de saliência parece não se aplicar.

Sobre o português de Helvécia, Lucchesi (2009) afirma que, em relação aos nomes femininos sem flexão morfológica de gênero, há mais chances de concordância entre os nomes terminados em vogal temática -a do que os de vogal temática -o, devido provavelmente à ampla associação entre a vogal temática -a e os substantivos femininos. Nesse aspecto, ao se observar os dados do português Wari', conforme a Tabela 14, é possível também verificar que essa mesma generalização se aplica nessa variedade do português indígena. Obviamente, pelo fato de não ser uma relação categórica, há uma série de ocorrências no português wari' de nomes femininos com tema em -a, em que não há concordância de gênero, prevalecendo assim a supergeneralização do masculino, e uma série de nomes femininos de tema em -o que realizam a concordância de gênero, não havendo portanto um efeito de saliência, conforme Quadro 5.

Quadro 5 – Núcleo marcado não flexionável

Elemento pré-nuclear	Tema em -a	Tema em -o
Determinante	os crianças o leitura o coleta castanha o aranha no rodoviária dois tornera	uma correção a questão a gravação na região na mão
Demonstrativo	esse leitura esse escrita esse seis família esse doença	essa questão
Possessivo	no meu aldeia seu castanha os nossos castanha do meu pesquisa	a minha participação a nossa formação da minha contribuição sua colocação

	meu língua	minha mão
Modificador	muito cobra outro etnia vários etnia outro etnia próprio pessoa	-

Fonte: Autora (2023)

De igual maneira, há uma série de ocorrências no português wari' de nomes masculinos com tema em -o, em que não há concordância de gênero, o que se configura como um uso marcado em um contexto com características de não marcado, e uma série de nomes masculinos de tema em -a que realizam a concordância de gênero, não havendo portanto um efeito de saliência, conforme Quadro 6.

Quadro 6 – Núcleo não marcado não flexionável

Elemento pré-nuclear	Tema em -o	Tema em -a
Determinante	a aprendizado a texto uma escravo primeira vôo duas saco	o clima os povos os acadêmico indígena a língua materna um dia
Demonstrativo	aquela tempo aquela preço aquela dinheirinho aquela medo aquela barco grande	esse problema esse lugá esse dia
Possessivo	-	nosso dia-a-dia sua lugá no meu lugá na nossa língua
Modificador	-	muito indígena no ôto dia

Fonte: Autora (2023)

Embora haja, entre as estruturas com núcleos não flexionáveis, uma maior tendência de concordância nominal com nomes femininos de tema em -a e nomes masculinos em tema em -o, conforme Lucchesi (2009), não estamos afirmando, no entanto, que a vogal temática -o represente o gênero gramatical masculino, já que o masculino é não marcado em português. No entanto, compreende-se que há uma propensão para que essa relação seja estabelecida, já que há “uma preponderância, que remonta às origens latinas da língua, dos nomes masculinos na classe de tema em -o e de nomes femininos na classe de tema em -a” (LUCCHESI, 2009, p. 298).

Por fim, embora Lucchesi (2009) não discuta o lugar dos nomes com vogal temática em -e no âmbito do princípio de saliência, decidimos averiguar o grau de ocorrência de concordância de gênero nesses contextos, conforme Tabela abaixo.

Tabela 16 – Estruturas simples com nomes com vogal temática -e

Configuração estrutural	Total de SN	Concordância	%	Não concordância	%
Núcleo masculino	27	21	77,78%	6	22,22%
Núcleo feminino	67	64	95,52%	3	4,48%

Fonte: Autora (2023)

Apesar de os nomes com vogal temática em -e não serem, a priori, relevantes para o princípio de saliência, sobretudo porque seu tema em -e não é homônimo nem à flexão -a e nem ao tema -o, deve-se destacar que aparentemente os falantes apresentam uma tendência a interpretar esses nomes em -e como pertencentes ao gênero feminino. Isso ocorre, porque parece haver uma tendência de mais ocorrências de estruturas sem concordância com núcleos masculinos, i.e. uso marcado em contexto não marcado, ao passo que nomes femininos exibem uma quantidade menor, em termos percentuais, de ocorrências com formas masculinas de determinantes. No Quadro 7, abaixo, apresentamos algumas dessas ocorrências

Quadro 7 – Núcleos de vogal temática -e

Vogal temática -e	
Feminino	Masculino
Artigo	Artigo
do cidade o semente dos equipe	a boné a nome da associação aquela boné
Demonstrativo	Demonstrativo
-	aquela padre
Indefinido	Indefinido
-	alguma choque
Modificador	Modificador
muito dificuldade	-
Possessivo	Possessivo
nosso comunidade meu comunidade	-

Fonte: Autora (2023)

Pode-se notar, a partir do Quadro 7 acima e da Tabela 16, que, entre as ocorrências em que não houve concordância de gênero, houve uma maior ocorrência de nomes masculinos com os determinantes femininos, do que nomes femininos com formas masculinas.

6.4. Resumo da seção

Diante da análise aqui exposta, é possível realizar algumas inferências quanto à realização da concordância de gênero no português Wari' quando observado pelo viés dos princípios de Lucchesi (2009). A primeira delas é a de que os núcleos de nome feminino (marcado) se comportam de maneira oposta aos de núcleo masculino (não marcado). Enquanto os femininos, na maioria dos ambientes identificados, vão ao encontro dos princípios propostos por Lucchesi (2009), os masculinos comportam-se de maneira a não se conformar com esses princípios.

Quanto aos núcleos femininos, o que parece ocorrer é uma supergeneralização da forma masculina de determinantes e modificadores sob o escopo dos princípios propostos por Lucchesi (2009). Assim, os dados aqui analisados corroboram com: (i) o princípio de simplicidade, visto que as frequências de não concordância aumentam ao passo que aumentam os elementos pré-nucleares; (ii) o princípio de integração, visto que há uma discrepância entre a concordância entre os sintagmas nominais compostos apenas por elemento pré-nucleares e aqueles compostos por elementos pós-nucleares; além de, em sintagmas com elementos pré e pós-nucleares, a concordância é estabelecida com mais frequência com o elemento à esquerda do núcleo; e (iii) o princípio de saliência, visto que os nomes femininos flexionáveis apresentam concordância categórica e, entre os não flexionáveis, os nomes de tema -a realizam a concordância de forma mais expressiva do que os de tema -o.

Ao observarmos, no entanto, os sintagmas nominais de núcleo masculino pelo viés dos princípios propostos por Lucchesi (2009), há um comportamento não previsto pelos três princípios. Ao se observar os sintagmas de núcleo masculino pelo viés do princípio de simplicidade, observou-se que apresentam menos concordância nas estruturas DN, e, em contextos de mais de um elemento pré-nuclear, apenas a estrutura DDN apresenta ocorrências de não concordância. Ao observar os dados pelo viés do princípio da integração, por sua vez, observa-se que, em sintagmas de elementos pré-nucleares, todas as estruturas apresentam algum grau de não concordância, enquanto, em sintagmas de elementos pós-nucleares, a concordância é realizada de forma categórica. Apesar disso,

em estruturas de elementos pré e pós-nucleares, que tinham como possíveis estruturas DNM, DNP, DDNM e DDNP, apenas a primeira apresentou uma ocorrência de não concordância com o elemento à direita do núcleo, o que, apesar de parecer incipiente, vai ao encontro do que esse critério postula. Por fim, ao observar os sintagmas nominais no âmbito do princípio de saliência, observou-se que apenas em sintagmas com nomes masculinos flexionáveis houve concordância categórica, exceto em “uma escravo”, ao passo que nomes de temas em -a e -o comportaram-se aparentemente de forma aleatória no que diz respeito a esse princípio. No entanto, deve-se destacar que, nos contextos em que os sintagmas nominais de núcleo masculino apresentam comportamento indiferente aos princípios de Lucchesi (2009) para a observação da concordância nominal de gênero, sua motivação parece estar associada a possíveis processos de transferência de características da língua Wari’ para o português de contato, visto que a expressiva maioria das ocorrências de não concordância envolvem, por exemplo, o pronome demonstrativo de terceira pessoa “aquela(s)”, que se comporta como forma invariável no português Wari’.

Assume-se, assim, duas perspectivas para explicar os dados aqui discutidos, visto que se comportam de forma diferente de acordo com o gênero do núcleo do sintagma nominal. A primeira é a de que, em sintagmas nominais de gênero feminino (marcado), a supergeneralização da forma masculina dos determinantes e modificadores, que faz com que os critérios de Lucchesi (2009) sejam observados nesses dados, podem ser consequência de uma “aquisição precária” do português pelos falantes do português Wari’, tal como propõe também Lucchesi (2000) para o português de Helvécia. A segunda é a de que, nos sintagmas nominais de gênero masculino (não marcado), o que ocorre é, na verdade, uma transferência dos padrões gramaticais da língua étnica para o português Wari’, principalmente no que se relaciona ao pronome demonstrativo “aquela” e, de alguma forma, ao pronome possessivo de primeira pessoa, que, em enunciados de falantes homens, parece espelhar o comportamento da língua étnica, concordando com o sexo do possuidor (falante), realizando, assim, estruturas como “meu língua”. Esses indícios de transferência linguística, aparentemente, fazem com que esses dados não se comportem de acordo com os princípios propostos por Lucchesi (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho foi destacar as variedades do português faladas por povos indígenas no Brasil, sobretudo em virtude de contato linguístico. Para isso, buscamos mostrar, entre outras coisas, como os padrões gramaticais de uma língua étnica podem se fazer presentes em variedades do português indígena. Diante disso, o objetivo do trabalho englobava tanto uma descrição inicial do português indígena Wari' falado pelos estudantes indígenas do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, quanto uma possível análise que nos permitisse identificar algumas motivações, sobretudo linguísticas, para a variação da concordância nominal de gênero dessa variedade do português indígena, bem como observar se seria possível falar em uma transferência de padrões da língua Wari' para o português indígena e se isso é realizado de forma estruturada, visto que a variação é, além de inerente às línguas, sistemática.

Para isso, foi realizada uma descrição da língua Wari' no que tange à categorização do gênero gramatical na língua, que pode ser identificado através de processos morfossintáticos tanto em estruturas no domínio verbal, como nas estratégias de concordância verbal com o objeto, quanto no domínio nominal, como em estruturas constituídas de pronomes demonstrativos, possessivos e estruturas adjetivais. Além disso, foi possível observar e descrever algumas especificidades da língua Wari', como ausência de artigos, a ausência de verbos de ligação, a ausência de flexão verbal no verbo lexical, e alguns aspectos da concordância nominal de número.

Nesse sentido, esses aspectos gramaticais da língua Wari' também puderam ser identificados ao ser realizada uma descrição das características gramaticais do português Wari' aqui analisado. Dessa forma, foi possível perceber também a ausência de artigo no português Wari', a ausência de verbos de ligação no português Wari', diferentes formas em que se dá a concordância verbal de primeira pessoa, provavelmente influenciada pela forma *default* da forma verbal na língua étnica, e algumas ilustrações de variação na concordância nominal de número que nos permitiram chegar a algumas inferências, quando contrastados aos dados da língua étnica.

Foi realizada ainda uma análise sistemática desses dados do português Wari' através dos princípios de Lucchesi (2009), que proporcionou, além da análise da estrutura do SN, também, uma observação da natureza dos elementos que os constituem, que foi o principal objetivo deste trabalho. A partir dessa análise, é possível concluir, portanto, que os núcleos femininos (marcado) e masculinos (não marcado) se comportam de forma

bastante distintas. Dessa forma, os sintagmas nominais de núcleos femininos demonstraram comportamento análogo ao que é previsto nos princípios de Lucchesi (2009). Dessa forma, os casos de não concordância nominal de gênero nesses sintagmas nominais, aparentemente, se justificam por uma supergeneralização das formas masculinas dos determinantes e modificadores à luz dos princípios de simplicidade, integração e saliência.

O mesmo não foi observado nos sintagmas nominais de gênero masculino, uma vez que os casos de não concordância não vão ao encontro desses três princípios, visto que são motivados, muito provavelmente, pelos padrões gramaticais da língua étnica que são transferidos para o português de contato. Dessa forma, para a variedade de português indígena aqui em observação, que é o português Wari', postula-se que, em núcleos masculinos (não marcado), a natureza dos elementos constitutivos do sintagma nominal é tão relevante para a compreensão da não concordância quanto a estrutura do sintagma nominal. Além do mais, deve-se destacar que as ocorrências de não concordância se configuram como um uso marcado em contexto não marcado.

Quanto ao processo de transferência de característica do português Wari', pode-se concluir que os demonstrativos em Wari' não apresentam concordância nominal de gênero masculino versus feminino, apenas de gênero masculino/feminino versus neutro. De acordo com a análise dos dados aqui gerados, talvez seja possível postular um possível espelhamento dessas regras morfossintáticas do Wari' para o português indígena aqui analisado, visto que não foram identificadas realizações do pronome demonstrativo "aquele" flexionado no masculino, ainda que antecederesse um núcleo masculino e, conseqüentemente, a realização categórica do pronome em sua forma feminina foi identificada em todos os ambientes em que a concordância não foi realizada.

Assim, reafirma-se a hipótese inicial de que os falantes do português indígena aqui analisado estejam, em alguma medida, apresentando mecanismos de espelhamento dos comportamentos morfossintáticos da língua étnica ao adquirirem o português como L2. Importante retomar os trabalhos de Bonifácio (2019) e Christino (2015) que, ao apresentarem aspectos gramaticais do português de contato com línguas indígenas distintas, apontam para comportamentos muito próximo dos identificados na presente pesquisa, como a generalização da forma masculina de determinantes e modificadores que acompanham nomes femininos, principalmente no que se refere aos artigos definidos; a realização do pronome demonstrativo "aquela", que ocorre categoricamente na forma feminina, mesmo quando adjunto a nomes masculinos (não marcado), e a realização do

pronome demonstrativos “esse”, que parece apresentar maior propensão na forma masculina; e os pronomes possessivos, que parecem estar realizando a concordância com o gênero do falante, ou seja, do possuidor. Todos esses fenômenos refletem, de alguma forma, os padrões gramaticais da língua étnica.

Nesse sentido, devido ao baixo número de ocorrências de pronomes possessivos que não realizam a concordância de gênero em falas de participantes homens e a inexistência de ocorrência de não concordância de gênero em falas de participantes mulheres, não foi possível analisar esse aspecto linguístico de forma mais robusta e sistemática. No entanto, é possível estabelecer algumas hipóteses, a serem melhor exploradas em trabalhos futuros, visto que os pronomes possessivos em Wari’ possuem marcação de gênero para o possuidor, e não necessariamente para a coisa possuída, como no português: i) os falantes utilizam, sistematicamente, os pronomes *meu/nosso* de forma *default*, ou seja, categoricamente; ii) os falantes homens devem utilizar o pronome possessivo de primeira pessoa no masculino para marcar o gênero que se refere a si próprio; iii) devido à ausência de marcação de gênero dos pronomes possessivos de primeira pessoa, os falantes utilizam os pronomes *meu/minha, nosso/nossa*, ao passo que a marcação de gênero nos pronomes de terceira pessoa acontecem normalmente. Espera-se, em trabalhos futuros, assim, obter dados suficientes para realizar essa análise com mais profundidade.

Já no que se refere aos traços semânticos dos nomes, em Wari’, como já discutido anteriormente, o traço semântico [+/-animado] e [+/-humano] pode influenciar a seleção da morfologia no que tange à marcação de gênero dessas palavras. Assim, os nomes femininos restringem-se a nomes que se referem a seres humanos do sexo feminino, como *narima*’ “mulher” e *na*’ “mãe”, que apresentam traço semântico [+humano]. Já os nomes masculinos, além de incluir palavras relacionadas ao universo de seres humanos do sexo masculino, como *trama*’ “homem”, *ate*’ “pai”, que apresentam traço semântico [+humano], inclui um conjunto de animais e seres inanimados, como *komem* “veado, que apresenta traço semântico [-humano; +animado], e *awom* “roupa”, que apresenta traço semântico [-animado]. Por fim, os nomes neutros incluem o nome de alguns animais e seres inanimados, como *pikot* “tatu”, que apresenta traço semântico [-humano; +animado] e *kom* “água, rio”, que apresenta traço semântico [-animado]. Sendo assim, postulou-se a hipótese de que um dos fatores que poderiam influenciar a concordância de gênero no português indígena aqui analisado seriam os traços semânticos dos nomes relacionados ao contexto linguístico em que os nomes estão inseridos.

Da mesma forma em relação aos pronomes possessivos, essa hipótese não pôde ser testada de forma sistemática, visto que, entre as ocorrências de não concordância nominal de gênero presentes em nosso *corpus*, foram identificadas apenas 15 ocorrências de não concordância nominal de gênero, cujos sintagmas nominais apresentavam traços semânticos [+humano] ou [+animado], sendo eles os nomes: crianças, escravo, cobra, pessoa, pessoal, aranha, padre, piolho de cobra, macaco, bugio, família e gente. No entanto, não se descarta a hipótese de que a concordância nominal de gênero possa ser influenciada pela natureza dos elementos do sintagma nominal, uma vez que parte dos sintagmas nominais que apresentam não concordância de gênero apresentam o traço [-humano]. Espera-se que, em trabalhos futuros, seja possível obter mais dados relativos a essa variável que proporcione análise mais robusta e sistemática dos dados.

Além desses aspectos linguísticos que não puderam ser observados de forma a tirar conclusões mais incisivas, o banco de dados de que dispomos, por ter um número ainda baixo de dados, não nos permitiu observar o fenômeno aqui em análise através das variáveis extralinguísticas, como idade, sexo, escolaridade, etc. No entanto, por entender a relevância da análise dos contextos sociais que envolvem os fenômenos aqui identificados, espera-se que, em análises futuras, seja possível realizar maiores inferências de campo extralinguístico.

Por fim, por entender que a trajetória da língua portuguesa falada no Brasil é caracterizada, principalmente, pelo profundo e intenso contato entre diversos povos, culturas e línguas, seja dos povos originários, seja dos povos escravizados, bem como daqueles que para cá migraram nos últimos séculos, tem-se a descrição do português indígena como uma importante ferramenta de preservação e valorização linguística que pode trazer à tona diversas contribuições significativas, relacionadas tanto às línguas indígenas do Brasil quanto à influência que essas línguas têm sobre o português e, como pudemos ver ao longo deste trabalho, as contribuições da língua Wari' para o português Wari' são muitas. Nesse sentido, afirma-se, portanto, que o presente trabalho buscou contribuir para os estudos linguísticos de línguas de contato, bem como nos estudos linguísticos sobre o português como L2 em contexto de línguas indígenas, visto que se trata sobretudo de uma primeira descrição do português Wari'.

Além da descrição linguística do português Wari' aqui realizada, o presente trabalho buscou contribuir para os estudos linguísticos através da análise e documentação de aspectos específicos da concordância nominal de gênero que emergem do contato entre a língua portuguesa e a língua Wari' em Rondônia. Essa descrição visa compreender

como as características gramaticais da língua Wari' influenciam e moldam o uso do português falado por esses povos, gerando fenômenos linguísticos únicos, como os observados ao longo do presente trabalho.

Portanto, defendemos a hipótese inicial de que o português Wari' falado pelos estudantes indígenas do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural tem sua não realização da concordância de gênero, bem como outros aspectos morfossintáticos, caracterizada pela presença da língua étnica nessa variedade do português indígena, consequência do intenso e diversificado contato entre diferentes línguas desde a formação do país. Assim, espera-se que a descrição linguística do português indígena aqui realizada possa contribuir para o avanço do conhecimento sobre as complexas relações entre línguas em situações de contato, fornecendo reflexões relevantes tanto para a linguística descritiva quanto para outras áreas da linguística, visto que as descobertas aqui apresentadas representam uma base sólida para futuras pesquisas e para o incentivo de abordagens colaborativas entre comunidades indígenas, linguistas e educadores, com o objetivo de valorizar e perpetuar essa valiosa herança linguística.

REFERÊNCIAS

- ACÁCIO, M. S. J. **Um estudo etnolinguístico centrado na variedade de português vernacular dos Tembé do rio Guamá (PA)**. 2020. 306 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação Dinter USP-UEPA, São Paulo, 2020.
- ALKMIN, T. Os escravos e a língua: em busca de bases históricas para uma reflexão. In: RAMOS, J.M.; ALKMIN, M.A. (Org.). **Para a história do Português Brasileiro**. Volume V: estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007. p. 465-483.
- AMADO, R. de S. Notas sobre a flexão nominal do português adquirido por falantes indígenas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43 n. 2, p. 720-729, maio-ago. 2014.
- AMADO, R. de S. O português étnico dos povos Timbira. **PAPIA**, São Paulo, 25(1), p. 103-119, jan/jun. 2015.
- APONTES, S. A. **Descrição gramatical do Oro Waram (Wari'/Pacaa Nova, Txapakura)**: fonologia, morfologia e sintaxe. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga: estórias e textos**. Goiânia: Secretaria de Estado da Educação de Goiás, 1991.
- BONIFÁCIO, L. P. dos S. **Contato Linguístico Tikuna-Português no Alto Solimões-Amazonas**: Um Estudo sobre a Variedade de Português Falada por Professores Tikuna. Tese (Doutorado em Linguística), UFRJ, 2019.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Harvard University Press, 1993.
- CALAZANS, P. C. **A Marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português de contato dos Guarani do Espírito Santo**. 2018. 167 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2018.
- CALINDRO, A.; CAMARGOS, Q.; APONTES, S. Estruturas Relativas, Completivas, Interrogativas e Negativas: uma proposta de análise unificada do domínio de CP na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (Família Txapakura). **Revista Linguística**, v. 17, n. 1, p. 13-48, 2021.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARENO, M. F. do. **A linguagem rural do Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras**. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991.

CARVALHO, D. da S. Aspectos da morfossintaxe de gênero no português brasileiro. **Cuadernos de la Alfal**, n. 12, v. 2, p. 357-384, nov. 2020.

CHRISTINO, B; SILVA, M. de L. e. Concordância verbal e nominal na escrita em Português-Kaingang. **PAPIA** - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, v. 22 n. 2, p. 415-428, 2012.

CHRISTINO, B. Gender Agreement in Huni-Kuin Portuguese Noun. **Papia**. Volume 25(1), p. 77–102, Jan/Jun. 2015.

EMMERICH, C. **Da Natureza da Variação Lingüística no Português Xinguano**. Rio de Janeiro, 1987. 76p.

FARACO, C. A. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). **Sociolinguistics: the essencial readings**. Oxford: Blackwell, 2003.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LOPES, Í. de C. B. Traços e concordância de gênero em português. **Inventário**, n. 19, p. 1-14, dez. 2016.

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afrobrasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. 2000.

Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português Afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 295-318.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português Afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.

LUCCHESI, D.; PICANÇO, H. Análise sociolingüística da variação na concordância nominal de gênero no português indígena Sateré-Mawé da Amazônia. **Confluência**, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 60, p. 36-80, jan.-jun. 2021.

MAHER, T. J. M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

MATTOS, A. P. B. **The speech variety of Kalunga**: na Afro-Brazilian community in Goiás, Brazil. Tese (Doutorado) - Aarhus University, 2019.

PAIVA, M. da C. Transcrição de dados lingüísticos. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-146.

PEIXOTO, J. dos S. O contato do português com as línguas indígenas brasileiras: considerações sobre o desenvolvimento de L2. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 12, p. 41-68, 2020.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 5.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1960.

ROCHA, L. C. de A. **Flexão e Derivação em Português**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, série Cadernos de Pesquisa, 1994.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Indígenas**. 500 anos de descobertas e perdas. In: *Ciência Hoje*, vol. 16, n 95. nov/1993.

SCHERRE, M. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 12, p. 37-49, 1994.

SILVA, L. B. da.; SILVA, C. R. T. A concordância nominal de gênero na língua falada de estudantes caboverdianos da UNILAB-CE. **Encontros de Vista**, Recife, v. 24, n. 2, p. 46-57, jul./dez. 2019.

SILVA, R. V. M; SILVA, M. B. da. Um traço do Português Kamayurá. **Universitas. Ciência**. Salvador, v. 34, p. 93-107, out./dez., 1985.

SILVA, M. de L. e. **Português indígena Kaingang: uma questão de concordância**. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2011.

SILVA, W. de L. Apresentação: estudos linguísticos de línguas indígenas brasileiras. **ReVEL**. Edição especial n. 3, 2009.

SILVEIRA, G. E. L. Aquisição ou aprendizagem de uma segunda língua: reflexões teóricas sobre conceitos-chave para o ensino de línguas. In: XI SINEFIL, 2019, Campos dos Goytacazes. **Revista Philologus** n.73 Suplemento. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 73. p. 197-214, 2019.

SOUSA, M. de F. L. de. **Dicionário da língua Wari' Oro Mon – Português**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Guajará-Mirim, 2009.

TRUDGIL, P. **The Social Differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Conselho Superior Acadêmico. **Resolução nº 198/CONSEA, de 18 de novembro de 2008**. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural. Porto Velho: Conselho Superior Acadêmico, 2008.

VILAÇA, A. **Comendo como gente**: formas do canibalismo Wari (Pakaa-Nova). Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992.

VOGT, C.; FRY, P. RIOS DE CRISTAL: CONTOS E DESENCONTROS DE LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 8, p. 109–128, 2012. DOI: 10.20396/cel.v8i0.8636743. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636743>. Acesso em: 9 out. 2023.

WEINREICH, U. **Language in contact**. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.